

# AMIGO CAI NA REAL

---

A PRÁTICA DO AMOR  
FUNCIONAL

Walter Coutinho

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# AMIGO, CAI NA REAL

A PRÁTICA DO AMOR FUNCIONAL

Walter A. Coutinho

# Sumário

---

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – Quem Somos Nós

CAPÍTULO II – Dividir para Somar

CAPÍTULO III – O Mundo Acabou

CAPÍTULO IV – O Que o Ser Humano Deseja

CAPÍTULO V – O Casamento

CAPÍTULO VI – O Amor em Ação

CAPÍTULO VII – Perdas de Referências

CAPÍTULO VIII – Novos Paradigmas

CAPÍTULO IX – Educação

CAPÍTULO X – Sistemas Políticos

CAPÍTULO XI – As Religiões

CAPÍTULO XII – Tecnologia e Medicina

CAPÍTULO XIII – Emoções

## CAPÍTULO XIV – Qualidade de Vida

### CONCLUSÃO

# Introdução

---

Ao longo da minha vida, tive a oportunidade de conviver com pessoas extraordinárias que se destacaram pela inteligência com que compreendiam e viviam a Vida e, também, pelos atos generosos que praticavam em relação ao seu próximo, fossem familiares ou desconhecidos tratados com fraterno carinho e atenção.

Apreendi muito com essas pessoas, da mesma forma que você, leitor, também deve ter absorvido o melhor que o seu próximo pôde lhe oferecer. Este despretenso ensaio que apresento à sua leitura é o resultado das minhas observações sobre tudo e todos que contribuíram para a minha percepção do que sou, do que somos e do que podemos ser, levando-se em conta princípios simples e perfeitamente possíveis de serem praticados por qualquer pessoa.

Coloquei no papel algumas dúvidas e tentativas de respostas sobre temas que são comuns à existência de todos nós, ao nosso cotidiano, a esta infindável atividade que é acordar para um novo dia para viver a Vida e, depois, adormecer com inúmeras questões que podem ter as devidas respostas ou talvez, fiquem adormecidas aguardando o momento de se revelarem por completo.

Certamente tudo que escrevi é perfeitamente discutível. Aliás, este é um dos objetivos do ensaio: permitir que os temas que proponho e as considerações que faço sobre cada um deles sejam um ponto de referência para que o leitor tire suas próprias

conclusões, que podem estar de acordo com as minhas ou alcançar níveis diferentes. Se isso acontecer, se o leitor se sentir estimulado a seguir mais além do que eu mesmo fui, ficarei feliz por ter contribuído com esta evolução de ideias. É assim que as coisas mudam.

Os diversos temas que apresento são o resultado de conversas informais que tive, ao longo do tempo, com amigos ou conhecidos que mereceram o meu respeito e a minha admiração pelos pontos de vista que apresentaram ou pela maneira curiosa e/ou diferenciada com que encaravam a Vida que conhecemos. Essas conversas e troca de opiniões estão aqui centralizadas nas indagações e no desenvolvimento das ideias do personagem **Antônio**, criado para ser o fio condutor dos variados temas que apresento e, também, para representar todas as pessoas que procuram ir muito além das respostas insatisfatórias que encontram às perguntas complexas que, muitas vezes surgem do nada ou são provocadas por eventos do cotidiano.

**Antônio** sou eu, é você, são todos os que têm inúmeras perguntas a fazer para que sua vida seja plena de sentido e profundidade. Ele se moverá ao longo dos capítulos interligando os temas, questionando, buscando respostas e alternativas para as grandes dúvidas que nos afligem ou nos deixam perplexos, e tocando em assuntos por si só polêmicos.

Este personagem, em suas variadas conversas, tentará encontrar caminhos e luzes para as perguntas que, acredito, são válidas porque simbolizam o anseio de todos os seres humanos que estão muito além da limitação que significa nascer e morrer e que buscam, no meio do caminho, eliminar o silêncio para elevar a voz e para se

fazer ouvir nesse grande, espetacular e grandioso palco que é a Vida.

## CAPÍTULO I

# Quem Somos Nós

---

Eu e você estamos numa espaçonave, viajando a 108.000 km por hora ou 30 km por segundo na escuridão do universo. Destino: expansão. Nosso cinto de segurança nesta espaçonave é a força gravitacional, que segura os mares e oceanos (70%) e o resto da matéria, incluindo aí um certo ser humano.

Nossa espaçonave é diminuta em relação ao universo. Só temos 12.756 km de diâmetro e 510 milhões de quilômetros quadrados. É uma belonave jovem em relação ao Big Bang, que aconteceu há aproximadamente 15 bilhões de anos atrás. A nossa formação foi há 4,5 bilhões de anos.

Nossa espaçonave acompanha a nossa galáxia, a Via Láctea, que também viaja no Universo, dando uma volta completa sobre seu eixo a cada 250 milhões de anos. A cada segundo nascem três seres humanos que vão se juntar aos outros seis e meio bilhões que já estão dependurados na casca dessa espaçonave.

Se compararmos o tamanho de nossa espaçonave e o Universo, somos quase um grão de poeira. Se a comparação for entre cada ser humano em relação à espaçonave Terra, somos como uma gota de água do mar .

Mas essa espaçonave que está viajando há 4,5 bilhões de anos, só veio a ser ocupada por um certo ser humano há pouco mais de um segundo atrás. Mas como aconteceu o surgimento desse ser humano?

Temos dois conceitos para tentar definir o aparecimento do ser humano no planeta Terra. Um, bíblico, explicando que Deus criou todas as coisas e, logo a seguir decidiu que deveria criar o ser humano à sua imagem e semelhança. Assim, foram criados Adão e Eva, que tiveram o Éden como sua morada.

O segundo conceito remete a Charles Darwin e sua teoria da evolução das espécies. Essa teoria nos diz que somos originados de uma membrana unicelular que habitava as águas. Nosso ancestral direto seria o macaco.

Hoje, com o Projeto Genoma Humano, a Ciência chegou à conclusão que o ser humano e o macaco têm 99% de semelhança, o que, de certa forma, valida a teoria darwiniana. Seja no Gênesis que, digamos, resumiu a trajetória da evolução do ser humano, ou seja Charles Darwin, que explicou todo o processo, uma coisa é certa: fomos criados por um poder superior, muito além da nossa compreensão.

Eu creio firmemente que fomos criados pelo Amor Absoluto. A evolução humana acelerou-se nestes últimos 10 mil anos. O último século, então, representa, em termos de rapidez evolucionista, o disparo de um fuzil. A expansão humana tem se acelerado de forma vertiginosa, tanto física como mentalmente.

Infelizmente, devido à correria do dia a dia, deixamos de lado questões fundamentais da nossa vida. São aquelas velhas perguntas: quem somos, o que estamos fazendo aqui, para onde vamos?

Enquanto nós fazemos essas perguntas ao longo dos séculos, a espaçonave Terra continua viajando no Universo a incríveis 30 km por segundo. Se ela parar, haverá um punhado de trombadas cósmicas.

Todos nós, seres humanos, estamos absolutamente certo de que há três ocorrências irrevogáveis em nossas vidas: morreremos, pagaremos impostos e tomaremos decisões em quase todos os momentos do nosso cotidiano.

Uma das piores coisas que nos foram inculcadas é que somos formados por um corpo e por uma alma, ou espírito. Na verdade somos corpo/alma. Deus realmente caprichou quando criou nosso corpo humano. Veja algumas das maravilha desse corpo:

**O olho**, do tamanho de uma bola de pingue-pongue, pesa menos de quinze gramas. No entanto, os músculos responsáveis pelo movimento das lentes oculares movem-se 100 mil vezes por dia. Teríamos de andar 100 quilômetros, todos os dias, para que os músculos das pernas fizessem a mesma quantidade de exercício. Cada nervo ótico é composto de 1,25 milhões de fibras.

Nas 250 gramas da medula vermelha, que existe em nossos ossos, as **células sanguíneas** são criadas à velocidade de dois milhões por segundo para substituir as células que são destruídas na mesma proporção.

**No cérebro** há um bilhão de células nervosas e 100 bilhões de pontos de conexão. Se colocadas uma à frente da outra, daria 1,6 milhão de quilômetros.

**O nariz** pode captar 10 mil odores diferentes, embora o órgão responsável pelo nosso olfato seja somente dois pedacinhos de membranas, com vários milhões de receptores.

O revestimento interno do **estômago** é uma mucosa na qual existem 35 milhões de glândulas que segregam suco gástrico para quebrar as proteínas e carboidratos.

O dióxido de carbono leva de 1/3 a 1/4 de segundo para ser substituído por oxigênio ao circular nos alvéolos dos pulmões, compostos de 300 milhões de pequenas bolsas de ar.

Os **rins** filtram 1.500 litros de sangue todos os dias .

**O coração**, menor que um punho fechado, pesa 300 gramas e bombeia o sangue dia e noite através de uma rede de vasos sanguíneos, que, calcula-se, tenha 100 quilômetros de comprimento.

A cada segundo da vida nós nos refazemos com muito mais facilidade do que trocar de roupa: um novo **fígado** a cada seis semanas; um novo esqueleto a cada três meses; um novo revestimento estomacal a cada cinco dias.

Em menos de um ano, substituímos cerca de 98% de todos os átomos de nosso corpo.

Estes são alguns poucos dados sobre o nosso corpo. A intenção dessas informações é demonstrar a máquina perfeita que somos, um detalhe que passa despercebido. Deixamos de prestar a devida atenção ao maravilhoso aparato que Deus nos deu.

A pergunta agora é:

Para que DEUS, todo poderoso, nos criou?

O Todo Poderoso, para sua felicidade, podia prescindir de nós, como também de qualquer coisa para satisfazer-se ou completar-se.

Ele basta a si mesmo. Por isso Ele é Deus.

O dia em que compreendermos Deus, Ele deixará de ser o que é para ser igual a nós.

Bem disse Graham Greene: "Eu deixaria de acreditar num Deus que eu pudesse compreender".

Se eu pudesse agora conversar com Jesus Cristo, faria várias perguntas a ele mas a principal seria: quem é Deus?

– Então vamos lá, pergunte-me...

Olhei sobressaltado para meu lado esquerdo, na direção da voz que eu ouvia e vislumbrei, sentado a dois metros de minha mesa, o próprio Jesus. Reconheci-o porque na parede atrás de onde está sentado esta pessoa existe uma pintura emoldurada muito bonita de... Jesus.

Será uma miragem? Alucinação? Isto é loucura, pensei. Levantei-me, fui até o banheiro, tomei água. Voltei, sentei na minha cadeira. Jesus continuava no mesmo lugar. Deixei de beber substâncias alcoólicas a mais de 28 anos. Nunca uso qualquer tipo de droga que possa perturbar meu discernimento. Devo dizer, também, que atravesso uma das melhores fases da minha vida, com alegria e paz.

Todos estes pensamentos passaram pela minha cabeça de forma vertiginosa. Eu estaria senil, demente ao ver Jesus bem à minha frente? Resolvi arriscar. Olhando para Jesus, disse-lhe:

– Estou tentado colocar no papel alguns dados que acho importantes para mim e para meus próximos, mas a definição de Deus tal como a conhecemos é intransponível. O que o Senhor acha?

– Você pode achar, eu tenho a certeza.

Isso é real. O que está acontecendo é real, pensei depois de ouvir a resposta.

– Claro que é real, Antônio. Na verdade você quer saber mais coisas.

Ele sabe o meu nome e sabe o que eu penso, raciocinei.

– Como devo tratá-lo, Jesus Cristo, Senhor ou o quê?

– Jesus está bom,

– Bom Jesus, já se passaram mais de dois mil anos que o Senhor esteve por aqui. O mundo hoje é completamente diferente daquele encontrado no seu nascimento. Poderíamos atualizar seu Evangelho para os dias atuais?

– É uma boa ideia, podemos começar.

– Na sua pregação, naquele tempo, houve a atualização do Velho Testamento, principalmente com o Sermão da montanha. Mas a grande novidade que o senhor trouxe foi o mandamento do amor ao próximo, inclusive, e preferencialmente, ao inimigo. Diria que este é o carro chefe de sua pregação. Digo ao senhor, com sinceridade, da impossibilidade de amar o próximo mais próximo. O inimigo, então, nem pensar. Em quê que o senhor pode nos ajudar?

– É verdade que eu gostaria que todos vivessem sob o signo do amor e da paz. Foi para isso que eu morri na cruz. O mandamento do amor foi muito bem aplicado no início da vivência solidária de meus seguidores, os apóstolos. Naquela época, eles **praticavam** o verdadeiro amor. Na pregação e na prática de Paulo minha doutrina foi difundida. Quando as explicações sobre o amor foi transposto para o papel é que houve o problema. O Novo Testamento foi escrito originalmente na língua grega.

Nesse momento, Jesus entrou em detalhes que julguei curiosos historicamente e importantíssimos sob a ótica da fé.

– Existem quatro palavras com o significado para amor, na língua grega. A primeira, **eros**, que significa o sentimento da atração física e sexual; a segunda, **storge**, que significa o sentimento prazeroso do convívio familiar; a terceira, **filia**, é o sentimento que acontece entre amigos, e, finalmente, a quarta e a que nos interessa, é **ágape** – comportamento – significando que desejamos fazer o melhor que podemos pelo outro, independente da proximidade. Portanto, o amor é o que o amor faz. É um ato livre da vontade de cada um para com o outro. Ágape reúne todas as outras denominações e simboliza o amor de Deus, nosso pai.

Fez-se um pequeno silêncio, que julguei oportuno preencher.

– Sim, eu entendo. O que era mistério para mim tornou-se cristalino. Creio que é devido à incompreensão dessas terminologias que nunca conseguimos amar de verdade. Nosso dicionário diz, claramente, que o amor é um **sentimento** que predispõe alguém a desejar o bem do outro ou de alguma coisa. A palavra ágape significa, no dicionário, refeição que os primitivos cristãos tomavam em comum. Ora, conforme é aceito que o amor é um sentimento, estamos impossibilitados de aceitar nosso inimigo com amor. É que sentimentos são desejos prazerosos que independem de nossa vontade para serem produzidos. Já o **comportamento** é perfeitamente possível ser manipulado por cada um de nós, porque é um ato de vontade. Amar um desconhecido, por exemplo, por meio da compaixão.

– Você entendeu muito bem o que eu quis dizer com a palavra amor, disse Jesus. Eu disse e repito: amar a Deus e amar ao próximo resume toda a Lei. Lembre-se do meu discípulo muito amado,

Teilhard de Chardin que resumiu em três palavras o princípio do amor: ser, amar, adorar. Você conhece isto, muito bem na prática.

Eu sabia perfeitamente bem sobre que assunto Jesus se referia. É que faço parte dos Alcoólicos Anônimos, a Irmandade internacional que tem como propósito primordial o auxílio aos alcoólicos a manter-se sóbrios e ajudar o outro a alcançar a sobriedade.

– Ora, continuou Jesus, quando você pratica os 12 passos da sobriedade ensinados pelos Alcoólicos Anônimos, você se torna um ser melhor porque, no último passo, você começou a praticar o amor ágape. Veja: o Passo 12 dos AA diz que: “tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem, aos alcoólatras e praticar estes princípios em todas as nossas atividades”.

Basicamente você procura na sua vida o **prazer**, acompanhado de **segurança e estima**. É importante verificar no seu comportamento as necessidades e desejos que você tem. Seu cérebro é dividido internamente em dois hemisférios: do lado direito o processamento das emoções e do lado esquerdo a razão.

As necessidades são detectadas no lado esquerdo, razão. Os desejos no lado direito. Seus maiores conflitos decorrem exatamente no atendimento e prioridades elencadas nas suas ações. As **necessidades** do ser humano básicas são: alimentar-se, vestir-se, proteger-se e procriar. Os **desejos** fundamentais são: ser reconhecido, apreciado e poder desenvolver suas potencialidades emotivas. Se você quiser ter paz, procure atender suas necessidades e desejos com o amor ágape.

– Muito obrigado, SENHOR JESUS, eu disse. Esta conversa está preenchendo grandes lacunas que eu tinha na minha vida. Creio, que deva ser um pouco decepcionante para o Senhor que a

humanidade, transcorridos dois milênios, ainda tenha dificuldade em aplicar princípios tão simples como o amor. O Senhor concorda?

– Eu cumpri a missão que o Pai designou para mim. Ao morrer na cruz dei o meu exemplo. Se vocês têm dificuldades é porque ainda desconhecem o seu verdadeiro inimigo: o egoísmo, que impede vocês de enxergarem a luz. Todas as suas dificuldades advêm desse comportamento tão destrutivo que vocês carregam consigo.

– Espero, que minhas perguntas possam ser compreendidas como anseio para conhecer melhor nosso caminho. O senhor poderia adiantar um pouco mais a respeito de nosso Deus criador?

– Creio que vocês, agora, têm mais capacidade de compreender coisas que, se eu tivesse dito há dois mil anos atrás, certamente me fariam ser considerado completamente alucinado. Você disse, no começo deste ensaio, que compreender Deus seria o mesmo que matá-lo porque Ele seria igual a você e deixaria de existir. Concordo. A única palavra que poderia aproximar-se da definição de Deus seria a palavra **É**.

– Como assim?!

– É tudo o que existe. Você disse que seu corpo humano é composto basicamente de átomos e que durante um ano há a renovação de 98% deles. E para onde eles vão? Certamente esses átomos vão para algum lugar porque eles são indestrutíveis e migram de um lado para outro, preferencialmente para outro ser humano. Assim, você estará recebendo também os átomos de toda a natureza na terra, do espaço cósmico, dos astros e das estrelas .

Quer você aceite, ou deixe de aceitar, você faz parte física de todo o universo e é por isso que você deve amar todas as coisas porque, ao fazê-lo, você estará amando a si próprio. Ora, Deus É

tudo. Fica claro para você agora que ao amar o próximo visível você estará **sendo, amando e adorando**, o que resume tudo o que existe .

– Bem entendido. Agora, outra pergunta que realmente nos aflige desde o dia em que nascemos. Tanatos nos persegue dia após dia. Para onde vamos depois de morrer?

– Creio que você entenderá perfeitamente. A terra é incapaz de produzir este elemento essencial para a vida que é a água. Toda a água existente na terra já nasceu com ela. Há uma perfeita reciclagem da mesma pelas chuvas e, marés. Enfim, pela gravidade. Os corpos humanos são compostos de 60% de átomos de água. Todo dia, principalmente em seu banho, você faz a permuta dos átomos da água, que voltam num primeiro instante para a terra que, por consequência, abastecerá o lençol aquífero. Portanto, todos os dias os seres humanos estão morrendo um pouco. Esse nome, "morte" é imperfeito, acrescentou Jesus. Nada morre no reino do meu Pai.

– A melhor palavra, disse Jesus, seria acolhimento, já que, na verdade, a Mãe Terra está lhe recebendo todo dia. Quando, finalmente, seus telômeros se extinguirem por completo, a Mãe Terra irá acolher você. Então, se dará a transferência de seus átomos para a natureza, ficando grande parte no elemento água da Terra.

Sei que você ainda está confuso.

– Pois muito bem, continuou Jesus, vamos nos adiantar um pouco. Noventa e oito por cento do seu corpo físico são átomos em movimento, reciclados todo ano numa espécie de vai e vem. E os 2% restantes? Eles se aglutinaram de forma material aos 98%. Lembre-se que o átomo é composto de: prótons, nêutrons e elétrons.

Existe um núcleo circundado por elétrons e um grande vazio que é, na verdade, a maior parte do que foi convencionalmente chamado matéria. Sendo um átomo um campo de energia, sustentado em harmonia pelo positivo-negativo do campo gravitacional, podemos considerar que 98% sejam o vazio do átomo e os 2% a energia resultante da existência que permanecerá individualizada. Sua alma, espírito ou o nome que você quiser empregar, é o que permanecerá na outra dimensão como energia pura. Preste atenção: se você acreditar nisso é isso que será **real para você**. Cada ser humano carrega em si inúmeras possibilidades. Vocês têm o livre arbítrio de conceber o seu mundo da forma que vocês acharem melhor.

– Bom, Jesus, vou levar algum tempo para absorver todas estas ideias.

Os cientistas estão dizendo que se a humanidade continuar destruindo o meio ambiente dentro de trinta a quarenta anos a Terra se esgotará por completo. Será, então, o fim dos tempos?

– Tempo e espaço, disse Jesus, são grandes ilusões que foram inventados por vocês. Vocês dividiram os seus tempos em passado, presente e futuro. É certo que isso facilitou a vida de vocês, mas esta ilusão também tem atrapalhado vocês. Vocês ficam presos ou no passado, com suas culpas, ou no futuro, com seus medos. Esquecem o que realmente existe: o presente .

– O passado, prosseguiu Jesus, como bem diz o nome, já passou. Impossível fazer qualquer ato que possa modificá-lo. Portanto, carregar culpas passadas é uma perda de tempo e energia. Quanto ao futuro, ele inexistente e jamais existirá porque se ele existir será o hoje, o presente. Preste atenção no hoje, no agora. Você leva todas as experiências do passado para o momento presente e faz a previsão para o potencial do porvir. Eu disse pré-visão e por-vir, ou

seja, todos os atos de sua vida estão acontecendo no presente. Você agora percebe que o presente, o agora, é a Eternidade? Deus É na eternidade. No tempo presente, portanto. Quando houver o seu **acolhimento** definitivo isso será no hoje, no agora. Esta é nossa eternidade. Todas as coisas estão acontecendo simultaneamente, sem cessar.

– Esta é realmente, eu disse a Jesus, uma grande revelação para mim. Para que o Senhor possa entender a minha perplexidade vou explicar o que me foi ensinado desde o tempo do catecismo. Primeiro, que Deus um ser barbudo estava sentado em um trono no céu, olhando para mim para verificar se eu estava fazendo as coisas direitinho. Se houvesse um pecado, e se este pecado fosse mortal, e se morresse, eu iria para as profundas do inferno, onde meu corpo e meu ser ficariam ardendo no fogo, para sempre. Ou, se tivesse sorte, ficara algum tempo no purgatório. Esta concepção terrível fez com que eu enxergasse Deus como um ser punitivo e vingativo. Como eu poderia amar DEUS sobre todas as coisas? Era difícil conciliar o amor com o temor. Fiz tudo na minha vida, e ainda faço, esperando que um dia possa merecer o beneplácito de Deus após minha morte, no futuro, apagando os erros do passado com boas ações no presente. Pelo que o senhor está me dizendo isso que estou fazendo é bobagem?

– É desnecessário querer negociar com Deus. O que vocês fazem ou deixam de fazer só afetará a vocês e ao seu irmão. Deus é perfeito e completamente auto-suficiente. As coisas que vocês fazem com desamor certamente terão consequências que irão prejudicar o seu bem viver. Paz e felicidade pressupõem uma vida amorosa, no sentido da fraternidade universal. O desamor provoca em vocês, internamente, a geração de uma energia transversa que irá prejudicar seu corpo e a harmonia espiritual. O mundo em que

vocês vivem é fruto do amor do Pai. Portanto, em perfeita sincronia com todos os seus elementos. Você é, como ser humano, o produto de suas decisões de vida. Só depende de você ser um buraco negro, chuva caindo graciosamente na terra ou uma estrela brilhante no firmamento. É por isso que você tem o livre arbítrio. Você é o produto do amor do Pai. Ele o criou para que você seja herdeiro Dele. Esqueça do inferno ou do purgatório. A bondade e a misericórdia Dele são infinitos.

Jesus parou de falar e olhou-me com muita seriedade mas, ao mesmo tempo, com mansidão na voz, continuou:

– Uma coisa muito importante: você já está na **eternidade do presente**. Portanto, é desnecessário esperar por alguma coisa que já está acontecendo. Mas você queria saber se o mundo vai acabar? Lembre-se: o mundo acaba a cada dia e volta a nascer. Essa dinâmica de transformação está contida em tudo que se convencionou de chamar de matéria, ou seja, composto de átomos ou energia congelada. Internamente, o átomo é composto de sub-partículas e um grande vazio, onde ondas energéticas mantêm estável a frequência interna. Nem as partículas, nem as ondas, podem ser destruídas: Existiram e existirão para sempre. As mudanças ocorrem em cada átomo dependendo do campo gravitacional que as mantêm funcionando. Isto sim, pode ser a diferença entre o que existe neste momento e aquele que existirá no próximo estágio.

As mudanças climáticas do planeta decorrem exatamente do recebimento deste tratamento. O desequilíbrio ambiental começa, primordialmente, no desequilíbrio humano e, com ele, contamina tudo ao seu redor. Já que vocês são os sujeitos da História, a responsabilidade é toda de vocês. Volto a afirmar: seu grande

inimigo é o egoísmo. O egoísmo é anti-natural, contraria toda e qualquer construção sadia. A degradação da natureza é o resultado individual de cada egoísta humano, que despreza a si mesmo. Vocês têm uma grande oportunidade de reverter toda esta situação. Toda crise pode levar a um crescimento.

Vocês poderiam, usando o amor ágape, começar a agrupar amigos e conhecidos para, nos fins de semana, plantarem árvores na periferia de sua cidade ou nas nascentes dos rios. E, por favor, sejam mais inteligentes: plantem árvores frutíferas porque, além de absorver o gás carbônico, elas também poderão alimentar a população que nem sempre tem uma fruta para comer. Além deste grupo estar fazendo uma boa ação, daí surgirá o fortalecimento do amor ágape.

Respondendo diretamente à sua pergunta: o mundo existirá para sempre. Como será esse mundo? Isso dependerá de cada um dos seres humanos. Lembre-se: o mundo será o que você quiser que ele seja. Nada no mundo de Deus existe por acaso.

– Mestre, quero pedir-lhe um grande favor. Diga-me: qual é o objetivo de nossa vida? Qual a nossa missão?

– Por tudo o que conversamos anteriormente a resposta é óbvia: Deus, nosso Pai, é amor. Minha missão foi mostrar aos seres humanos o rosto amoroso do Pai. Eu vim e cumpri minha missão com amor. Portanto, o objetivo primordial dos seres humanos é viver no/e para o amor. Minha missão foi servir ao Pai e a vocês, como também me servir. Você cumprirá sua missão quando servir da melhor forma o todo representado pelo seu irmão e pela natureza.

Jesus parou de falar. Eu entendi que servir e amar, ou amando e servindo e a nossa missão, exatamente o que os membros dos Alcoólicos Anônimos vêm fazendo desde o século passado ao

recuperar seres humanos considerados irrecuperáveis. Quando o Senhor inspirou os co-fundadores dos AA, estava, de certa forma, indicando o objetivo e a missão de toda a humanidade. Nós jamais teremos condições de agradecer tanta benevolência. além de morrer na cruz por nós, o Senhor é incansável e misericordioso conosco.

– Muito obrigado, Senhor Jesus.

– Antônio, você tem agora o embasamento, a base para continuar a escrever seu ensaio. Lembre-se: estarei sempre com você, visível ou invisível

Foi desse jeito que aconteceu: Jesus apareceu e desapareceu sem fumaça, sem estrondo, sem trombetas, sem nenhum efeito teatral. Simples como um velho amigo. Eu já estava me acostumando com a presença dele mas – que bom – o retrato de Jesus permanece emoldurado na parede, ali atrás.

Estão claras para mim, agora, as respostas para as famosas perguntas: quem somos, qual é o propósito da vida e para onde vamos? Ei-las: sou um ser humano, criado pelo amor de Deus para ser parte de tudo e de todos, no compartilhamento de Sua grandeza; o meu propósito é, por meio do amor, expandir minha consciência para a vivencia mística com o Todo Poderoso; e, finalmente, já vivo na eternidade do presente. Portanto, é aqui que eu ficarei para sempre.

## CAPÍTULO II

# Dividir para Somar

---

Depois da minha conversa com Jesus ficou na minha vida uma grande interrogação: devo contar este acontecimento para alguém? Irão considerar-me louco ou alucinado ou talvez vítima de uma recaída no álcool? Terei de me arriscar, pensei comigo mesmo. Pelo menos posso dividir com outra pessoa essa fabulosa experiência porque, muitas vezes, dividir é somar.

Mas a quem eu poderia revelar a minha experiência? Um padre? Um companheiro de trabalho? Um amigo de confiança? A escolha recaiu sobre o meu amigo João que, além de ser meu médico particular, é escritor. Ele escreveu um livro memorável sobre as emoções humanas. O único inconveniente é a falta de tempo dele para uma conversa mais longa. Aproveitei a oportunidade de uma consulta regular e toquei no assunto.

– Dr. João, a gente vai envelhecendo mas nem por isso deixa de viver novas experiências. Imagine que comecei a escrever um pequeno ensaio sobre o amor, e de repente, quem me aparece? O próprio Jesus Cristo!

– Antônio, meu amigo, por que toda essa surpresa? disse João. Quando eu estive em visita a Assis, na Itália, conversei longamente com São Francisco. Nem eu nem você estamos loucos, No século

passado, Jung também escreveu um livro com o título “Imaginário da Vida” no qual explica esse fenômeno.

– Você me deixa muito feliz e confortável com esta sua confiança. Eu já tive uma experiência, no passado, bastante traumática. É uma experiência que merece ser contada. Em 1976, na comemoração dos Dia das Mãe, cai de uma escada e bati a cabeça violentamente no degrau. Fui levado em coma para o pronto socorro. Após os exames médicos, foi constatada uma fratura de crânio com hemorragia cerebral. Permaneci em coma durante dezenove horas. No entanto, despertei daquele estado e pedi para voltar à minha casa de imediato pois, apesar de uma dor na cabeça, estava me sentindo ótimo.

Os médicos ficaram perplexos mas deram-me alta no mesmo dia. Depois de quinze dias do acidente voltei ao trabalho com uma certa dificuldade para pensar. Com o passar do tempo voltei ao normal. Nenhuma sequela ficou do acidente, graças a Deus.

Cerca de três anos após este acontecimento, estava eu certa noite assistindo à televisão, confortavelmente deitado no sofá, quando repentinamente veio-me à lembrança a recordação do período em que eu estivera em coma. A cena que vou descrever estava gravada nitidamente na minha memória.

Encontrava-me no meio de um salão escuro e escutava várias vozes dizendo meu nome. Alguém me empurrava em direção a um corredor em cuja saída brilhava uma luz fortíssima. Senti-me apavorado porque eu queria evitar a luz.

Fui impotente em evitar a luz pois eu estava dentro dela. Mesmo fechando os olhos, a força de sua irradiação continuava da mesma maneira. Tive a nítida impressão de que eu estava diante de Deus. Lembro-me claramente do apelo que fiz a Ele. Pedi-Lhe mais uma

oportunidade para viver porque eu estava despreparado para encontrá-Lo. A lembrança da visão termina nesse ponto.

Em todos os anos seguintes, e ainda agora, tenho procurado uma explicação lógica para esta recordação sem, contudo, encontrar solução. Sei que outras pessoas também passaram por experiências semelhantes. No meu caso, porém, tenho certeza de que um milagre me aconteceu por voltar à vida após a séria queda na escada. Considero-me um sobrevivente.

A partir de então, a vida passou a ter um novo significado para mim. Vejo a mão misericordiosa de Deus em tudo e sinto a grande oportunidade de poder compartilhar Sua grandeza com meus próximos.

– Dr. João, eu disse ao meu amigo médico, sei que a sala de espera do seu consultório está cheia de gente esperando pela consulta. Já abusei demais de sua paciência mas se você permitir voltarei a lhe procurar.

– Com certeza, respondeu o amigo, você está no caminho certo e eu terei prazer em contribuir com o seu ensaio.

Sai do consultório do Dr. João reconfortado e muito mais motivado para prosseguir.

Dias depois, encontrei meu velho amigo Boni, engenheiro de trânsito que há anos trabalha no Detran de Brasília. Ele é um grande entusiasta da vida. Perguntei-lhe, em tom brincalhão, se ele já havia resolvido os inúmeros problemas de trânsito da capital.

– Antonio, você sabe que dimensionar o trânsito em Brasília é quase impossível. O número de carros colocados nas ruas todo mês é um espanto. O número de veículos licenciados aqui ultrapassou um milhão para uma população de mais de dois milhões.

Meu amigo Boni deu-me informações interessantes sobre esse assunto. Temos uma média de quase dois habitantes por carro. As vias largas e espaçosas da cidade são insuficientes para tantos veículos. Resultado: Engarrafamento nas horas de pico, todos os dias úteis, principalmente nas entradas/saídas da cidade.

– Boni, eu disse, tenho uma sugestão para você. Escute com carinho porque poderá ser a solução definitiva do trânsito na capital.

– Tomara que a sua sugestão contemple também as áreas de estacionamento, outro problema crônico por aqui, disse Boni.

– Já vou prevenindo: são ações que demandarão um processo de convencimento das pessoas. Se você prestar atenção – e sei que você já tem estatísticas sobre isso – a maioria dos carros particulares, que são o grosso dos veículos que transitam em Brasília, só transportam uma pessoa – o próprio motorista.

Ora, os carros particulares têm capacidade para transportar até cinco pessoas. O motorista que ocupa sozinho seu carro, com espaço em seu veículo para transportar outras pessoas, é um egoísta ou burro?

– Nem uma coisa nem outra, disse meu amigo Boni. Ele simplesmente está exercendo o direito de ir e vir garantido pela Constituição.

– Pois eu lhe garanto que nós – eu e você, inclusive – estamos sendo egoístas e, além disso, burros. Veja: a maioria dos carros que transitam no Plano Piloto de Brasília – que é o centro administrativo do Distrito Federal – vem das cidades satélites, que podem ser consideradas a periferia da capital.

Essas pessoa saem cedo de casa, sozinhas em seus carros, para virem trabalhar no centro da cidade de Brasília. Os destinos mais

comuns são os setores comerciais Sul e Norte, o Setor Bancário, também localizado nas áreas Sul e Norte, a Esplanada dos Ministérios e os setores comerciais das entre-quadras. Ou seja: são nessas áreas que se concentram os diversos trabalhos gerados na capital.

Muitas vezes, uma pessoa deixa a área de sua residência dirigindo-se para o Plano Piloto de Brasília sem levar em conta que naquele exato momento dezenas de pessoas, moradoras da mesma área em que essa pessoa reside, estão fazendo a mesma coisa. Cada uma no seu carro. E, no final do expediente de trabalho, essas pessoas farão exatamente o mesmíssimo caminho de volta para casa. Isso acontece em Brasília e em todas as grandes cidades brasileiras.

A ideia que tenho a oferecer é, usando o amor comportamento, ou, se você preferir, o amor funcional, poder-se-ia reunir os interesses destas pessoas para dividirem o uso de seus carros num programa de carona solidária. Muito simples, como você sabe: basta que haja um rodízio entre os motoristas para percorrerem o mesmo caminho em um único carro. Por exemplo: Um motorista pode levar em seu carro outras quatro pessoas. Na semana seguinte, este motorista passaria a ser o carona. E assim por diante.

– Antônio, disse meu amigo Boni, a ideia é boa mas esbarra exatamente no problema da carona. As pessoas deixaram de oferecer carona porque têm medo de serem assaltadas ou viverem outras situações de violência.

– A sua resposta Boni é correta. Mas, neste caso – digamos, uma revitalização da carona solidária –, o que estou sugerindo é a aproximação entre vizinhos que poderão se transformar em conhecidos e – quem sabe? – em amigos.

Naturalmente, alguém precisa tomar a iniciativa para viabilizar esse tipo de aproximação. Esta pessoa precisará pesquisar seu bairro para detectar as pessoas interessadas no rodízio de carros da carona solidária buscando eventuais interessados.

Será necessário aproximar-se das pessoas, visitá-las, levar o plano em detalhes, discuti-lo do ponto de vista prático mas também econômico, visualizar as vantagens da carona solidária para cada um dos interessados, elaborar roteiros, acertar horários. Enfim, criar uma estratégia para que a carona realmente funcione na prática e no cotidiano de cada um dos interessados.

Há vantagens consideráveis na carona solidária. Uma delas, por exemplo, é a redução dos veículos transitando pelas cidades. Outra é a economia no bolso de cada um dos participantes da carona solidária, uma vez que as despesas com o combustível serão divididas igualmente. A economia com o combustível poderá ser investida, por exemplo, em mais conforto para as famílias ou numa poupança para os filhos. Mais uma vantagem? O desafogo dos estacionamentos graças à redução do número de veículos em circulação.

A redução da poluição ambiental será outro ganho. Jogaremos na atmosfera uma quantidade menor de CO<sub>2</sub>. Haverá menor desgaste dos carros, que permanecerão mais tempo na garagem. Outra imensa vantagem do rodízio na carona solidária é o encontro diário entre os participantes. Tenho certeza de que com o encontro cotidiano dessas pessoas permitirá o surgimento de fortes laços de amizade que se transformarão em amor fraterno. O simples fato de as pessoas evitarem o estresse do trânsito congestionado normalizará a pressão arterial dos motoristas. Está vendo, Boni,

como a gente pode examinar o sistema de carona solidária sob ângulos variados e perfeitamente possíveis?

– Antônio, disse-me Boni, tenho certeza de que você se lembra como foi a adoção do cinto de segurança aqui em Brasília. Depois de uma campanha de esclarecimento feito na/pela imprensa, a adesão foi maciça pela população. Os próprios filhos obrigaram seus pais a colocar o cinto de segurança. O mesmo aconteceu com a faixa de pedestres. Aqui em Brasília tanto o pedestre como os motoristas respeitam, eu diria, esse marco civilizatório.

Você me convenceu de que esse seu plano da carona solidária tem chances de dar certo porque agrega tantos benefícios que o custo/benefício será determinante para a implementação do programa. Olhe, Antônio, comprei sua ideia, pois nela posso identificar o espírito de um cidadão comprometido com o próximo e também com o próprio meio ambiente em que vive.

– Boni, gostaria que você percebesse que a minha motivação para apresentar estas sugestões foi nada mais nada menos, do que o amor-comportamento colocado em prática. E isto Boni, pode ser aplicado em todos os setores da nossa vida porque o amor funciona, é concreto. Você, que trabalha com a problemática do trânsito, sabe como a violência tem dizimado vidas em acidentes automobilísticos, atropelamentos de pedestres, etc. Apenas em 2005 morreram 35.000 pessoas no Brasil, sem falar nos feridos e incapacitados. Precisamos adotar medidas para, pelo menos, diminuir essas ocorrências trágicas. Insisto, Boni, que as medidas envolvendo a comunidade dos cidadãos brasileiros somente poderão funcionar se nelas estiverem permeado o amor.

## CAPÍTULO III

# O Mundo Acabou

---

O mundo ainda se lembra da verdadeira comoção mundial criada com a expectativa da virada do milênio, em 1999. De repente, como se fosse uma avalanche de premonições tenebrosas, todo o planeta passou a incorporar uma expressão que continha em si mesma os signos de uma tragédia jamais vista pela Humanidade. Era o Bug do Milênio.

O bug – expressão em inglês que tem significados diversos mas, no caso, tratava de um erro de programação nos computadores – foi encarado até mesmo como uma das profecias de Nostradamus. Em sua essência, o bug era de uma simplicidade chocante: nos primórdios dos computadores, os responsáveis pela programação dos códigos que fazem as máquinas funcionarem simplesmente se esqueceram, sabe-se lá por quais motivos, de prever que, algum dia, o calendário indicaria a chegada do ano 2000.

Deixaram de prever na programação dos computadores a indicação de que seria necessário identificar o exato instante em que o calendário e o relógio internos dos computadores precisariam atualizar a contagem do tempo para o número 2000 e os subsequentes. Assim, ao chegar à meia-noite do dia 31 de janeiro de 1999, os relógios e calendários dos computadores simplesmente voltariam ao ano de 1900.

O que isso significaria, se isso tivesse ocorrido? Programas de computador instalados em fábricas, hospitais, empresas de todos os portes, bancos, universidades, usinas nucleares, hidrelétricas, enfim, em todos os setores que direcionam, de uma forma ou de outra a vida do ser humano, deixariam de funcionar, acarretando, segundo a visão dos pessimistas, uma catástrofe global.

É fácil entender o drama planetário vivido naquele ano de 1999. Imagine que você tivesse uma boa poupança, planejada durante vários anos para a compra da sua casa própria. Lembre-se: os computadores do banco onde estava a sua poupança simplesmente seriam reiniciados no ano 1900. Sua poupança desapareceria. Deixaria de haver registros da sua existência. Os computadores do banco deixariam de contabilizar um único centavo da sua poupança.

É verdade que você teria os extratos da sua conta, mas como reaver o seu dinheiro se o banco deixaria de ter registro dele? Imagine essa situação elevada a milhões de casos exatamente iguais. Imagine o caos das batalhas judiciais, a corrida pela busca de soluções que pudessem, pelo menos, minimizar o pânico. Certamente alguma solução seria encontrada mas ao custo de angústia, estresse, explosões de ira, incontroláveis e imprevisíveis reações das pessoas. O caos.

Em todo o mundo começou uma corrida desenfreada para a correção do bug do milênio. Bilhões de dólares foram gastos em todos os setores que, de uma forma ou de outra, dependiam de computadores. A mídia acompanhava o caso, tendo servido, em algumas ocasiões, para simplesmente colocar mais lenha na fogueira, apresentando aos leitores/espectadores visões da tragédia que se aproximava.

Pois bem. Nenhum cataclismo aconteceu. Na passagem de 1999 para 2000 ocorreram apenas incidentes isolados sem nenhuma consequência que sequer se aproximasse da tragédia global que se anunciava. O mundo seguiu em frente. Os computadores dominam nossas vidas e, ao que tudo indica, deixará de haver um bug quando o planeta estiver se aproximando da passagem para o ano 3000.

Lembrei-me desse assunto porque incomoda-me – e creio que isso acontece também com outras pessoas – a situação atual das nossas vidas.

Apesar de todos os benefícios que a própria humanidade conquistou para si mesma nestes últimos anos, notadamente durante o século XX, a percepção que tenho é a de que atualmente há uma completa desorientação da sociedade. Parece-me que a evolução ocorrida em todos os setores da nossa existência – tecnológico, científico, cultural, etc – deixou o ser humano órfão. É como se vivêssemos uma grande ressaca após uma forte bebedeira.

Creio que podemos fazer a seguinte pergunta: para onde vamos, a partir desse ponto em que nossas vidas se encontram? Esse é um assunto estimulante e também, contraditório e polêmico pois inúmeras são as respostas. No entanto, eu quis abordar o tema com alguém que tivesse uma boa visão global da existência, além de uma sólida experiência de vida. Minha escolha recaiu sobre o amigo Renato.

Perguntei-lhe: Renato, haverá salvação para esse nosso mundo?

A resposta que ele me deu foi surpreendente.

– Antônio, você deveria estar pescando, curtindo sua aposentadoria, em vez de se preocupar com o mundo. Deixe-me tentar explicar meu ponto de vista. Acho que esse mundo que você

acaba de me apontar já desapareceu. Creio que começou a acabar na década de 60 do século passado, culminando com o ano 2000.

Veja, Antônio, somos bombardeados diariamente com as notícias de violências de todos tipos, guerras, desagregação familiar, miséria, fome, doenças inadmissíveis como depressão e tantas outras, corrupção, nepotismo e – mais importante – os crimes ambientais.

Para você ter uma ideia, estou lendo um livro que chama “Medicina da imortalidade”. Um cientista, Aubrey de Grey, diz que teremos uma expectativa de vida em torno de inacreditáveis 5.000 anos nas próximas décadas. Por outro lado, é uma unanimidade científica a crença de que se continuarmos tratando o planeta Terra como estamos tratando, dentro de mais 30 ou 40 anos nosso habitat ficará completamente impróprio para a vida humana.

Veja o paradoxo: uma criança que nasça hoje terá uma expectativa de vida de, digamos, 100 anos, mas deixará de ter o local adequado para viver tudo isso.

– Concordo com você, Renato. Estamos numa encruzilhada, parados, olhando para trás e para a frente sem saber o que fazer. Os problemas se acumulam e as tentativas de resolvê-los, até agora, mostraram-se inadequadas. Tem saída, Renato?

– Veja bem, Antônio, estamos tentando resolver problemas novos utilizando as velhas ferramentas das experiências acumuladas no passado. Ai é que está a incongruência. Os métodos do passado devem ficar no passado porque são inadequados para solucionar os problemas do presente, com a visão do porvir.

Todas as vezes que a humanidade enfrentou uma crise ela conseguiu uma solução, o que até alavancou uma evolução maior.

Embora estejamos vivendo uma crise sem precedentes, sou otimista, haveremos de encontrar uma solução.

– Você disse, Renato, que devemos procurar soluções novas para nossos atuais problemas. Em meu entendimento, nossos problemas do momento nada mais são do que o acúmulo dos erros que cometemos no passado. A humanidade nunca se encontrou para viver com justiça e paz, com a distribuição equânime dos bens da terra. Faltaram à humanidade as ações de amor.

– Concordo com você, disse Renato. Mas veja bem a nossa história e perceba também o seguinte: o que ocasionou todos os males da humanidade desde Adão e Eva? Faça comigo uma pequena revisão do passado e localize dois pontos fundamentais: Adão perdeu o paraíso porque queria ter mais do que lhe fora entregue. Caim, por ciúme e inveja motivados pelo seu egoísmo, cometeu o primeiro assassinato da História. É importante notar que essas atitudes foram motivadas pelo desamor.

Por outro lado, há um fato relevante que precisamos perceber para entender o momento atual, esse mesmo que estamos vivendo. Quando Caim matou Abel ele dizimou, de uma só vez, um quarto da humanidade. Para entendermos isso, basta compararmos o crime de Caim com a população atual. Seria o mesmo, que de uma única vez, matássemos toda a população do Brasil e da China juntos, algo como um bilhão e meio de pessoas.

– Pois é, esse mundo acabou e deixaram de nos contar. Vários profetas apregoavam que este mundo que conhecemos seria destruído pelo fogo. Isso aconteceria, segundo as previsões, no ano 2000. Ora, o mundo material permaneceu o mesmo. O que acabou, de verdade, foi o modelo de vida que, até então, a humanidade tinha adotado como o melhor, disse Antônio.

Nossa dificuldade, agora, é olhar para a frente, buscando um novo modelo de vida pois já sabemos que os parâmetros do século passado, por exemplo, são inapropriados para esse fim. Quando ocorreu o dilúvio bíblico, Deus estava presente, oferecendo a Noé uma direção, um rumo a seguir. Agora, até o momento, estamos desamparados.

– Meu caro Antônio, somente conhecendo as experiências acumuladas pelos seres humanos é que poderemos enxergar um rumo a seguir mas veja: é importante deixar de repetir as experiências que já sabemos erradas, mal-sucedidas, imperfeitas.

– Sim, Renato, precisamos verificar qual – ou quais – foram os atos que a Humanidade deixou de praticar para resolver seus problemas, e agora, no nosso tempo, nesses dias da nossa vida presente, quem sabe construir aquele mundo em que impere o amor e a Justiça.

Despeço-me do amigo Renato e fico a pensar: afinal, o que o ser humano realmente quer?

## CAPÍTULO IV

# O Que o Ser Humano Deseja

---

Instintivamente sabemos que desejamos o prazer sob variadas formas, tentando escapar dos tormentos provocados pela dor tanto física como também psicológica e espiritual. O prazer transforma-se no principal instrumento para conquistarmos aquilo a que chamamos de felicidade, nem que seja por um rápido instante da nossa existência.

Quais são os principais prazeres que procuramos? Em primeiro lugar, sem que essa afirmação provoque acirrada polêmica, está o prazer sexual, vindo logo a seguir o prazer do estômago atendido pelo alimento, pode ser um pedaço de pão amanhecido, uma excelente lasanha, o mais sofisticado prato da culinária francesa, uma simples merenda escolar. Todo alimento proporciona a satisfação da fome, o que significa prazer.

Ouvir uma boa música, visitar lugares bonitos, apreciar o lindo sorriso de uma criança, sentir o aroma de uma flor – prazeres simples como estes, entre tantos outros, conferem ao ser humano um estado de êxtase que também pode ser classificado como felicidade.

Podemos notar, então, que os prazeres mais apreciados pelo ser humano são os proporcionados pelos nossos órgãos do sentido e

captados do exterior para nosso interior pela visão, audição, tato, paladar, olfato – ou seja, os cinco sentidos que conhecemos e que foram classificados pela ciência.

Os cinco sentidos, tão essenciais à vida, consomem a maior parte da energia humana. A princípio eles são uma mera expectativa alojada no pensamento, na forma preliminar de um desejo. Desejamos o ato sexual, desejamos ouvir uma bela música, desejamos escapar do estresse da cidade grande para usufruir da paz do campo.

Nesse estado latente, os cinco sentidos aguardam a consumação ou efetiva realização pelo nosso corpo ou nosso espírito, para proporcionar ao ser humano o prazer que eles representam, preenchendo de tal forma a expectativa de cada um de nós que passam a ser um marcador do tempo e do espaço de nossas vidas. Nós desejamos a repetição infinita dos prazeres proporcionados pelos cinco sentidos.

Para satisfazer esses desejos primários, todas as ações inseridas em nossa vida são direcionadas na busca de prazeres. Por exemplo: trabalhamos ou usamos de meios lícitos para conseguir dinheiro, poder ou fama – ou tudo isso de uma só vez. Seria perfeito se fossemos todos iguais, se tivéssemos a mesma visão da vida e se o resultado de nossas ações fossem divididas com outras pessoas. Agimos como se esta ilusão fosse possível, uma vez que cada um de nós é o único e exclusivo responsável por aquilo que faz ou realiza ao longo da existência.

Para ilustrar esta afirmação, tomemos o máximo dos prazeres como exemplo. Existe uma palavra grega para definir o amor. É a palavra **pragma**, que tem vários significados. Um deles é a procura de outra pessoa para um romance e posterior compromisso. Para se

alcançar esse objetivo, é necessária uma avaliação prévia da outra pessoa. Antes de assumir um compromisso formal é preciso analisar alguns pré-requisitos.

Por exemplo: a pessoa a quem desejamos nos unir é bonita e me dará bons filhos? Sua família possui posses que permitam o conforto material? Ocupa relevante posição na sociedade? Ou seja, esse amor, no fundo, significa a busca pelo prazer e pelo bem pessoal, nosso, exclusivo. Sejam claros: sob esse ponto de vista – que é real – somos absolutamente egoístas. No entanto, esse é o tipo de amor que pode ser observado na maioria dos casamentos, por exemplo.

Ainda pensando nisto, encontro meu amigo Marcio, solidamente casado há mais de 40 anos, atualmente aposentado e sempre um grande conversador.

– Amigo Antônio, disse-me ele, depois dos cinquenta anos se você acordar e encontrar tudo perfeito, sem sentir nenhum tipo de dor, pode ter certeza: você está morto. Como ainda estou vivo, e mesmo sentindo uma dorzinha aqui e ali, enfrentando um leão a cada dia, ainda cumpro meus compromissos conjugais de 15 em 15 dias. Está bom, dá para ir levando.

Rimos diante da simplicidade com que o amigo Márcio aparentemente encara a rotina do cotidiano.

– Você, Marcio, tem um casamento sólido com Emilia há bastante tempo. Como é isso, como você mantém um casamento dessa maneira?

– Veja bem, Antônio, analisando hoje como foi meu namoro, noivado e casamento, vejo que tinha tudo para dar errado. Se deu certo, foi pela graça de Deus. No fim das contas, antes do

casamento obedeci ao ritual estruturado desde o começo dos tempos. Quando o impulso do macho reprodutor induziu-me ao casamento, simplesmente obedeci ao instinto animal e comecei a buscar a mulher dos meus sonhos, limitando-me aos detalhes físicos: seios firmes, cintura fina, bundinha lisa e empinada, pernas grossas, rosto lindo e angelical. Resumindo: sob o meu ponto de vista, um tesão.

A minha possível escolhida, por sua vez, estava também à procura do macho e o eleito deveria ter os seguintes requisitos: ser de boa família, possuir situação financeira definida e um bom patrimônio, ser educado. Se fosse bonito, isso seria um ganho adicional.

É claro, Antônio, que nenhum de nós encontrou esses estereótipos de pessoas. Então, as exigências foram diminuindo até que encontramos simplesmente aquela/aquele possível. Eu e Emilia, os dois pombinhos, começamos a verdadeira maratona que é a apresentação às respectivas famílias e o começo do namoro formal. O próximo passo, seguindo as normas da tradição, foi o noivado. Tive de pedir a mão da minha futura esposa ao pai dela.

Aquele senhor ofereceu-me além da mão de sua filha o corpo inteiro pois somente assim ele ficaria definitivamente livre dela. Os passos seguintes significaram a grande largada para a formidável maratona: definição da data do casamento e da quantidade de convidados para a festa (deveria ser o mínimo porque papai gosta de economizar), localização da moradia e tantos outros detalhes da futura vida a dois.

Se até aquele momento estávamos na fase do planejamento, chegou o momento de executar as ações, o que significou alucinante desenrolar de múltiplas atividades: ornamentação da igreja, seleção

de músicas e fotógrafos, escolha dos padrinhos, contratação do buffet e demais agrados para os convidados, chá de panela para minha noiva e despedida de solteiro para mim.

O dia do casamento encontrou todos os envolvidos super-estressados. Num esforço final, tivemos que acomodar em nossas respectivas casas os convidados que vieram de outras cidades. Naturalmente, o desconforto foi grande pois faltou de tudo para todos, a começar pelos banheiros, que, obviamente, eram insuficientes.

Como sempre acontece, demos um jeito e acomodamos os convidados da melhor forma possível. Então, o momento decisivo: devidamente paramentados, noivo e noiva (que havia torrado a cabeça durante horas para a preparação do penteado) partiram para o "enforcamento", iniciando o que se pode chamar de verdadeira peça teatral.

Cenário pronto, fundo musical preparado, plateia aflita na expectativa do desenrolar da peça (o enredo, aliás, é mais do que conhecido, somente mudando os personagens) para que eles, então, se atirassem aos comes e bebes.

Eu e Emilia estávamos bastantes nervosos, receosos de desagradar a plateia já que os ensaios foram insuficientes para nos deixar confiantes. Nossos pais e padrinhos estavam em lugar de destaque mas eles sabiam que eram meros coadjuvantes. Terceiro principal personagem da peça, o padre, naturalmente, já tinha seu papel na ponta da língua pelo simples fato de tê-lo representado centenas de vezes. Ele deu uma olhada ao redor e resolveu se a festa seria pomposa ou apenas o trivial ligeiro.

Chegou-me aos ouvidos o texto recitado pelo padre: "Márcio, você aceita Emilia para amá-la e respeitá-la pelo resto de sua vida?".

Na verdade, Antônio, no momento daquela pergunta eu estava louco que tudo terminasse para que eu pudesse sair em lua de mel e, finalmente, pudesse transar com Emilia. Eu gostaria de ter dito ao padre que por ser o amor um sentimento – portanto volúvel como a fumaça que flutua no ar – fazer um compromisso que é impossível de ser cumprido trata-se de verdadeira hipocrisia.

Mas se eu tomasse essa atitude, meu amigo, a peça teatral que se desenrolava no cenário de uma igreja teria um final brusco, inesperado, escandaloso, chocando a plateia e tornando injustificáveis todas as despesas diretas e indiretas já feitas até aquele momento. Eu disse o meu “sim”, sem muita convicção, mas lembrei-me de que eu estava naquele palco para representar o papel de um bom mocinho.

A hipocrisia, amigo Antônio, continua, Veja: os noivos são compelidos a trocar alianças, isso significando que todas as vezes que um deles olhar para a própria mão irá se lembrar de que fez um compromisso, sendo um dos responsáveis pela união do casal. Ao assinar uma certidão de casamento, confirmando promessas feitas verbalmente, o casal está selando o que pretende se tornar uma união duradoura mas, no fim das contas, o documento acaba sendo uma prova de desconfianças que se traduzem numa simples pergunta: e se um dos componentes do casal desistir do enlace em futuro próximo? Resposta: perante a Justiça e a Lei, a certidão de casamento é uma garantia da posse, inclusive, de bens materiais que precisam ser divididos em caso de separação.

Como você sabe, Antônio, a tragicomédia que significa um casamento ainda continua. O padre, desconfiado da sinceridade do casal, chama os padrinhos para testemunhar, por escrito, que os noivos realmente fizeram uma promessa. Ou seja, o macho e a

fêmea que decidem se unir formalmente perante integrantes da sociedade representada por familiares, amigos e vizinho, precisam envolver-se no aborrecido labirinto da burocracia para provar que, sim, estão interessados na procriação, no prazer, na divisão da companhia por motivos que só a eles interessam ou seja lá o motivo que for. Para isso, concordam com a hipocrisia de uma representação social cansativa, cara e tola.

Voltemos à cena do teatro Antônio. Vamos já concluir: O agora casal, confirmado e consolidado de acordo com as regras sociais, recebe os cumprimentos pela comovente representação. A plateia em peso cumprimenta os atores dando a entender que o casal representou muito bem a sua parte – ou seja, encerra a peça com um grande sucesso.

– Creio, Antônio, que um começo de vida a dois desta maneira tem tudo para dar errado. Só Deus conhece as brigas que eu e Emília tivemos ao longo da nossa vida de casados. O que nos salvou foi exclusivamente o senso de responsabilidade que tínhamos perante os nossos filhos. Afinal, eles só estão nesta vida porque eu e Emilia queríamos.

– Amigo, Márcio, meu casamento seguiu mais ou mesmo o mesmo roteiro hipócrita. Percebo que, hoje, mudou um pouco a ritualística do casamento mas permanece a falta de preparação do macho e da fêmea para aquele que talvez seja o ato mais importante do ser humano que é unir-se a outro ser da mesma espécie para dar continuidade à Vida tal como a conhecemos, gerando os filhos que serão, de uma forma ou de outra, o coração e o sustentáculo da sociedade futura.

Nesse sentido, a atualidade nos mostra que a cada dia que passa as famílias estão mais desagregadas e, naturalmente, o resultado

disto é o caos de todas as instituições sociais. Precisamos mudar a sociedade e, para isto, temos que começar pela família, que deveria ser constituída da seguinte forma...

– Um momento, Antônio. Você disse que estava procurando saídas para o ser humano e queria saber quais seriam os prazeres que podem levar o ser humano rumo à felicidade, certo?

– Tem razão, Márcio, mas a conversa tomou outro rumo e o casamento, agora, é o tema principal. Depois voltaremos ao tema que iniciou nossa conversa. Que tal continuarmos a trocar ideias em outra oportunidade?

– Pode contar comigo Antônio. O casamento sem dúvida é um dos prazeres que nós os seres humanos ambicionamos pois ele representa o repositório de todas as nossas expectativas de felicidade e eternidade.

Márcio tem razão. Entre os desejos do ser humano o casamento representa o canal que pode levar a experimentar o amor mais profundo.

## CAPÍTULO V

# O Casamento

---

Esse é um assunto tão importante que achei necessário selecionar entre meus amigos um interlocutor que tivesse bastante experiência nesta área. Procurei Artur, homem bem casado, com família estruturada. É psicólogo com mestrado em relações conjugais, católico.

– Antônio, disse-me ele, quando você me informou que estava procurando alternativas para os casamentos atuais fiquei muito interessado porque esta também é minha preocupação. Sei que você trabalha com dependentes químicos e sabe que a causa de existir tantos drogados é exatamente a desestruturação da família.

– Estamos tratando os sintomas sem dar a devida atenção às causas, Artur.

– O que vou dizer a você Antônio, são ideias que do meu ponto de vista, deveriam ser praticadas pelos jovens a partir da idade em que o homem e a mulher, pelo menos na teoria, já têm estrutura física e emocional para tomarem decisões a respeito do próprio corpo. O ideal, no entanto, seria a adoção de um programa a ser aplicado desde o momento em que as crianças comessem sua vida escolar, incluindo-as, por exemplo, em aulas de educação sexual. Creio que o modelo saudável de um casamento duradouro

passa, inicialmente, pela experimentação do sexo, sem que isso implique em qualquer compromisso afetivo ou legal.

O princípio fundamental dessa ideia é bastante simples: todas as pessoas, sem exceção, iniciam aproximações íntimas movidas exclusivamente pelo instinto sexual. Creio que é hipocrisia falar-se em paixão e amor sem que, antes, fale-se na atração sexual. Paixão e amor são dois sentimentos diferentes entre si. A paixão é, antes de tudo, uma fogueira que arde sem queimar e, como toda fogueira, extingue-se da mesma forma que começou.

O amor Eros, por outro lado, é a acomodação das paixões numa convivência comum, uma vez que elas podem ser reavivadas ao longo dos anos desde que esta convivência – que você pode chamar de casamento – traga benefícios mútuos para o casal. Todo casamento – é nisso que acredito – nunca deixa de ser um acordo silencioso em que ambas as partes usufruem vantagens que podem ser desde a segurança material até o apoio psicológico, uma vez que, por definição ancestral, nenhum ser humano existe para viver só.

Voltemos ao assunto da nossa conversa, Antônio. Desde que haja atração física inicial entre o macho e a fêmea, aquela em que Eros comanda o espetáculo, julgo perfeitamente legítima a experimentação do sexo. Ninguém pode definir o que é bom ou o que é ruim sem que antes experimente seja lá o que for para tirar suas próprias conclusões. No que se refere ao sexo, por exemplo, o ser humano ainda vive aprisionado nas chamadas convenções sociais, o que é lamentável e extremamente prejudicial às futuras relações de um casal. Como construir uma existência mútua saudável entre dois seres humanos sem que antes eles vivenciem o mais primitivo de todos os instintos que é o acasalamento, presente

até mesmo entre os seres que nossos olhos deixam de enxergar? A Humanidade somente continua existindo porque, bem ou mal, homens e mulheres se acasalam para a continuidade da espécie.

Voltemos ao hipotético casal do começo de nossa conversa. Uma vez experimentado o sexo, que conclusões pode-se tirar? Se a expectativa gerada pelo casal for atendida no que se refere ao prazer, creio ser bastante saudável dar-lhe continuidade numa convivência comum sem prazo determinado para acabar. Trata-se, sem tirar nem pôr, do chamado casamento livre, prática bastante comum no final dos anos 60, começo dos 70, quando a juventude de todo o planeta imaginou estar construindo um mundo inteiramente livre das amarras sociais.

Eu creio firmemente, Antônio, que toda experiência entre casais é válida principalmente diante do fato de que é preciso sólidas convicções antes de se assumir o amplo e poderoso compromisso que é a geração de filhos. Usar o sexo como se fosse isca para o casamento é uma verdadeira arapuca. O compromisso de geração dos filhos é muito mais importante do que o próprio casamento em si. Significa que um casal está oferecendo à sociedade em que vive futuros homens e mulheres que, para o bem dessa sociedade, precisam de um lar em que pai e mãe tenham estabilidade física, emocional e financeira para oferecer a seus filhos instrumentos importantes como educação e saúde, além de apoio na adversidade, amparo no sofrimento, a certeza de que esses filhos jamais deixarão de ter um porto seguro onde estacionar suas dores, seus medos e suas alegrias pessoais.

Ou seja: um homem e uma mulher – o macho e a fêmea – ao colocarem filhos no mundo precisam estar cientes de que estão contribuindo para a solidez e eternização de suas vidas mas também

para a construção de uma sociedade melhor, mais justa, mais consciente dos problemas que vive e poderá viver em futuro próximo. Os filhos de um casamento legalizado e referendado pelo amor são uma possível garantia para o mundo idealizado que fica entre um misto de céu e paraíso na terra. Nunca se terá certeza de que esse mundo existirá mas são os nossos filhos, Antônio, que recebem como herança os nossos sonhos de um mundo melhor. Cabe a eles fazerem a parte que lhes couber.

A experiência conjugal a que me referi é importante para que o casal tenha a oportunidade de se conhecer intimamente, avaliando o caráter de cada um, conhecendo em detalhes o temperamento emocional e os valores pessoais que somente serão plenamente avaliados nas atitudes tomadas no cotidiano de uma vida em comum e assim por diante. Difícil imaginar, Antônio, que duas pessoas assumam um compromisso formal diante da sociedade, atendendo à burocracia de todo o papelório, sem antes passar por essa experiência de vidas em comum, sob o mesmo teto, na mesma cama, no mesmo espaço físico.

Você pode perguntar: onde fica o amor? Ora, o amor é o resultado da paciência, da humildade, do respeito, da honestidade e da verdade que são colocados à prova todos os dias na vida de um casal. O amor, meu caro Antônio, enfrenta uma batalha a cada vez que o sol aparece e ela continua quando este sol se põe no horizonte, uma vez que haverá um dia seguinte para, novamente, colocar o amor na arena.

O amor, ao contrário do anunciado em folhetins românticos destinados a mocinhas sonhadoras, sobrevive desde que os casais consigam conciliar interesses que até podem ser opostos. Somente o tempo, o passar dos dias, poderá comprovar as batalhas ganhas, as

perdas, os lucros, os danos, as vitórias, as tréguas de uma vida em comum. O amor, nesse ponto de vista, é o butim da guerra que todas as pessoas travam pelo simples fato de estarem vivas.

– Meu caro Artur, suas ideias são alvo fácil para o bombardeio do conservadorismo, principalmente a Igreja Católica. Lembre-se de que o Vaticano é contrário até mesmo ao uso da camisinha, uma posição incompatível com um mundo que convive com a aids. Dá vontade de levar todos os filhos de pais irresponsáveis para o Vaticano criar.

– Creio que a sociedade precisa ter coragem suficiente para adotar esses princípios dos quais falei sem a intervenção de qualquer poder constituído. Pelo contrário, é o poder político – o Congresso Nacional, teoricamente o representante do povo – que precisa se dobrar às exigências das variadas camadas sociais. Como fazer isso? Como levar até os políticos – que elaboram as leis – os princípios de um casamento mais libertário, menos sufocante, mais amparado pela legislação? Selecionando representantes capazes de entender os legítimos anseios da população.

Encerrada a conversa com meu amigo Artur, considerei interessante prolongar o assunto com meu amigo Josi, que é médico psiquiatra. Informei a Josi da posição de Artur que, resumidamente, é a seguinte: ele considera que o casamento, tal qual existe em nossos dias, é um indutor da infelicidade e, por outro lado, apenas amplia a precariedade da situação social do país.

– Antônio, disse-me Josi, vivemos uma situação de bagunça que pode ser comprovada pelas estatísticas. Aliás, as estatísticas são frágeis pois a situação do casamento se modifica. Veja um exemplo: em dez anos, de 1985/1995, os divórcios saltaram de 10% para 25%.

Hoje em dia, 38% dos casamentos acabam antes dos dez anos de convívio. Meu consultório é uma prova dessa situação pois tenho inúmeros pacientes em estado de depressão lamentando o fim de seus relacionamentos. No entanto, as estatísticas registram uma situação, no mínimo, curiosa: 90% dos jovens consideram o casamento mais importante que suas carreiras profissionais. Durma-se com um barulho destes.

– Josi, você acredita que a fórmula do Artur – que é, basicamente, uma convivência dos casais antes da consumação do casamento – teria validade para corrigir a situação do casamento em nossos dias?

– Na verdade, Antônio, o individualismo é tão comum que as pessoas já deixaram de pensar no casamento. Elas estão tomando a iniciativa de viverem juntas por determinado tempo e, em seguida, partem para novas experiências, sem a intenção de assumirem qualquer tipo de compromisso que signifique tolher sua liberdade.

A maioria esmagadora dos jovens pensa em se casar, algum dia, mas adiam esse momento o mais que podem. Alguns, depois de várias experiências, decidem permanecer solteiros, o que é uma lástima porque deixam de exercer o máximo de sua potencialidade humana. Vão permanecer eternos imaturos porque deixaram de ter a oportunidade de crescer com os riscos e com a responsabilidade do casamento. Em consequência, deixam de assumir o poder que é a criação de outro ser humano.

– Josi, tenho comigo um pensamento radical. Creio que tudo o que está acontecendo conosco significa – nada mais, nada menos – do que a nossa transformação em grandes egoístas, esquecendo-nos de que há mais de 2.000 anos surgiu uma pessoa na Terra para nos

trazer o ensinamento do amor. Hoje, de uma forma inconsequente e imbecil, vivemos no desamor.

– Concordo, Antônio. Trato em meu consultório, diariamente, de vários pacientes que estão doentes exatamente pela falta do amor. Desnecessário dizer a essas pessoas que a doença em si inexistente. O que existe são pessoas que deixaram de se amar, e em consequência, deixaram também de amar o próximo. Evito dizer isso aos pacientes. Provavelmente, eu seria taxado de louco ou inconsequente.

– Claro, Josi. Se elas deixarem seu consultório sem uma farmácia inteira de prescrições de remédios poderão considerá-lo incompetente.

– Sugiro, Antonio, que você procure uma maneira prática para a aplicação do amor. Se você expressar este simples e desinteressado amor por uma pessoa, ela poderá imaginar que você está insinuando algum interesse sexual. Infelizmente, ainda estamos despreparados para o amor mas vale a pena continuar no seu propósito porque você está no caminho certo.

Josi está certo. Como será possível chamar a atenção para o principal elemento de nossas vidas se em 2.000 anos teimamos em fazer do amor um sentimento, quando o necessário seria adotarmos um **comportamento amoroso**? Precisamos descobrir uma forma inteligente de praticar o amor porque a práxis nos diz que o comportamento pode transformar-se em sentimento e vice versa. Ação é a resposta.

## CAPÍTULO VI

# O Amor em Ação

---

Creio ser correto e universalmente aceito afirmar que o amor é o maior de todos os sentimentos humanos, mesmo que a palavra em si tenha perdido – e muito – o imenso valor que ela representa. Sabemos como o amor é utilizado muitas vezes de forma perversa e até mesmo ultrajante como instrumento para transformar os seres humanos em meros objetos de interesses dos mais variados.

A secular tradição espiritual da religião católica afirma que Deus, criador e pai da Humanidade – Ele próprio a personificação do amor – enviou aos homens o seu próprio filho Jesus que, em sua forma humana, pregou incansavelmente o amor, chegando ao radical gesto de entregar a vida como símbolo de extremado amor e de redenção. O amor representado por Jesus será utilizado, daqui para a frente, como modelo para a execução de ações que estão ao alcance de cada um de nós.

Como foi dito anteriormente, os atos praticados por nós, seres humanos, foram relacionados na Bíblia em todas as suas variações possíveis e grafados na língua grega, que era a escrita da elite e a mais conhecida da época em que os textos sagrados foram escritos. A língua grega seria o inglês dos nossos dias, ou seja, uma linguagem universalmente conhecida.

Na língua grega, o ato de aproximação dos corpos entre macho e fêmea com a finalidade de procriação – logo definido como um dos máximos prazeres humanos – era designado como **Eros**. O prazer sexual é um dos instintos básicos do ser humano. No site de busca Google existem 3.480.000 referências ao amor romântico, quase igualando às referências a Deus, que somam 3.620.000. A partir desta comparação, podemos perceber a importância que o ser humano dedica ao prazer erótico.

O amor entre familiares – pai, mãe, filhos, netos – é simbolizado pela palavra grega **storge**, significando lealdade e intimidade entre as pessoas da mesma família.

A palavra **filia** significava o amor entre amigos, aquele sentimento caloroso de afeição manifestado entre pessoas conhecidas e do mesmo grupo social. Já um casamento proveitoso era designado pela palavra **pragma**. O tipo de amor simbolizado por esta palavra grega dizia respeito ao lado prático dos casamentos, envolvendo o conforto material, a saúde dos filhos, moradia, etc. Neste caso, o casal avaliava a satisfação proporcionada pelo ambiente em que iriam viver.

Para designar o amor incondicional pelo próximo usava-se a palavra **ágape**, significando altruísmo, generosidade, dedicação, doação a outras pessoas. Esta é a palavra usada no Novo Testamento da Bíblia Sagrada para significar as inúmeras referências de Jesus Cristo ao amor pelo próximo. É importante observar que das cinco palavras gregas que significavam amor, três delas – storge, filia e pragma – exprimem sentimentos e comportamentos e apenas uma – Eros – exprime exclusivamente um sentimento. A palavra ágape, por sua vez, é a única que exprime apenas um **comportamento**.

A evolução humana é um curioso instrumento para melhor entendermos o amor. A vida começou há 3,5 bilhões de anos, manifestando-se na forma de seres unicelulares. Mal comparando, os futuros humanos seriam o que hoje conhecemos como bactérias. Avançando no tempo, verificamos que ainda éramos unicelulares há 1,4 bilhão de anos. Somente há 700 milhões surgiram sobre a face da terra os seres multicelulares como os peixes e répteis. Os primeiros mamíferos, ou seja, seres que evoluíram fisicamente para formas variadas, apareceram há 300 milhões de anos.

Isso significa dizer que na mesma ocasião as primeiras mães conhecidas começaram a habitar a terra. O instinto levou os primeiros mamíferos fêmeas a manterem a ninhada por perto pois era necessário alimentá-la. De que maneira isso acontecia? Por meio das mamadas, tal qual um bebê contemporâneo que, ao sugar o bico do seio da mãe além de se alimentar usufruí, também, o aconchego dos primeiro relacionamento que o bebê terá em sua vida.

Os primeiros gestos de intimidade e afeição dos mamíferos fêmeas podem ser entendidos como os primórdios das emoções pois, até então, aqueles seres cumpriam exclusivamente o instinto de viver e procriar. Com o surgimento dos primatas a evolução ganha o seu bem mais precioso: o cérebro. Com isso, os seres já possuíam integrados à sua existência o instinto e, com o cérebro, a emoção e a rudimentar capacidade de pensar. O ato de pensar levou-os a imaginar como satisfazer as necessidades da vida pré-histórica. Surgia o homo sapiens, um ser que podia expressar desejos e, a seguir, pensar em objetivos e na maneira de alcançá-los.

Para satisfazer seus desejos e objetivos, nossos antepassados começaram o sistema de socialização do grupo, ou seja, incorporaram o instinto gregário que pode ser traduzido, toscamente, como “um por todos, todos por um”. O homo sapiens compreendeu que reunido em grupo tinha maiores possibilidades de sobrevivência contra as naturais intempéries de um planeta em formação. Pode-se dizer que naquela ocasião também surgiram conceitos ainda sem nome mas **sentidos** pelo homo sapiens. Conceitos como altruísmo, compaixão e solidariedade para contrapor o outro lado da moeda da violência que, certamente, se incorporou ao ser humano no mundo hostil em que tentava sobreviver.

A civilização, tal como a conhecemos, começou há pouco mais de 11 mil anos atrás, o que nada significa em comparação aos 10 bilhões de anos da Mãe Terra. Ou seja, ainda somos aprendizes da Vida e de toda a complexa cadeia de sentimentos e emoções que ela desencadeia. O que se torna necessário salientar, nesse ponto, é que o ser humano incorporou, em seqüência, o aparato funcional do instinto, da emoção e da razão, elementos surgidos como resultado da dura luta pela sobrevivência.

A razão, com seus raciocínios lógicos, permitiu canalizar energia suficiente para modificar o meio ambiente, para adaptá-lo melhor às necessidades daquele ser instintivo e emocional primordial. Por ser a emoção mais rápida nas suas reações do que a razão, o ser humano muitas vezes encontrava-se frente a um beco sem saída, porque suas necessidades cresciam mais rápido do que a possibilidade de atendê-las. Daí a importância cada vez maior da razão.

Os circuitos neurais do instinto e da emoção já estavam prontos no homem primitivo. A razão teve que ser aprendida com a criação de novas redes neurais que se situam no hemisfério esquerdo do

cérebro. Por ter aparecido após os instintos e as emoções, a razão ainda hoje precisa de argumentos muito sólidos para convencer principalmente a emoção – localizada no hemisfério direito do cérebro – sobre a melhor maneira de agir em determinado aspecto ou momento da vida humana.

A dificuldade de harmonizar os dois hemisférios cerebrais decorre exatamente da concorrência pela hegemonia da tomada de decisão por uma das partes. O corpo caloso que divide os dois hemisférios cerebrais deverá ter uma função cada vez maior para o equilíbrio das duas partes. O Dr. João, a quem já me referi anteriormente, escreveu um livro demonstrando que o ser humano deixa de pensar para se emocionar.

Esta explanação foi necessária para podermos entender porque agimos e reagimos de uma determinada maneira. Podemos entender, claramente, as razões da **razão** mas temos dificuldade em entender as emoções. Desse ponto de vista, a expressão “penso, logo existo” está equivocada pois deveria ser “existo, logo penso”.

É por isso que nossos desejos – que geram os sentimentos – nos levam às complicações da vida, porque, na maioria das vezes, teremos que racionalizar para justificar nossos atos. Muitas vezes, são atos poucos racionais ou lógicos. Vou dar um exemplo: a razão nos diz claramente que o hábito de fumar é prejudicial à saúde, incomoda a coletividade, é oneroso e seu prazer é discutível.

No entanto, o ser humano fuma mas cada um dos fumantes trava uma luta diária consigo mesmo para tentar convencer a razão a entender e, principalmente, a aceitar os malefícios do ato de fumar devido às perniciosas consequências para a saúde. Trata-se de uma luta com final quase sempre previsível – o fumo acaba ganhando – porque para vencer a dependência do cigarro é preciso atendimento

médico que evite o tremendo desconforto que a falta da nicotina traz ao organismo do fumante. Para ser vencida, a dependência do cigarro precisa de toda a força de vontade do ser humano.. Além disso, esta é também uma questão de saúde pública.

Eu enfrentei esta luta e ofereço ao leitor o meu testemunho. Foi difícil abandonar o cigarro depois de conviver com ele durante 43 anos. Como parei de fumar? O meu exemplo pessoal de racionalização direcionada à eliminação do cigarro é apenas uma demonstração de como ela age. De qualquer forma, relato o meu caso como uma das saídas para essa dependência e para exemplificar como as nossas emoções podem nos mostrar caminhos desviantes como sendo a coisa certa a fazer:

Eu tinha 52 anos de idade e já fumava havia 38 anos. Em determinada noite, após longa reflexão sobre o cigarro, tomei finalmente a decisão de parar com o cigarro. No dia seguinte, logo cedo, reafirmei minha decisão comigo mesmo mas já sentia os primeiros sinais de desconforto decorrentes da falta de nicotina. Ao fazer a barba, como acontece toda manhã de todos os dias, olhei-me no espelho mais detalhadamente e verifiquei que meu rosto estava liso e sem rugas. Eureka!, pensei. Seria uma bobagem parar de fumar naquela instante da minha vida.

Deveria esperar um pouco mais. Deveria – continuei pensando – interromper minha relação com o cigarro quando meu rosto apresentasse os primeiros sinais de rugas. A continuidade daquele raciocínio levou-me à seguinte conclusão: quando as rugas comesçassem a surgir, eu deveria parar de fumar porque isso aumentaria meu apetite, o que me levaria a comer mais. Em consequência, iria engordar e as rugas deixariam de aparecer sobre a superfície do meu rosto. Pronto: uma simples questão de vaidade

pessoal – eu queria envelhecer sem rugas no rosto – levou-me a acreditar que eu era um verdadeiro gênio por imaginar uma saída tão inteligente para o fato de poder postergar para um futuro a interrupção do meu hábito de fumar.

Obviamente eu estava tentando convencer a minha razão a aceitar o fato de que, a partir dessa racionalização rasteira eu poderia continuar fumando. De fato, isso aconteceu. Fumei durante mais seis anos. Somente parei há 10 anos atrás, porque os malefícios físicos começaram a surgir, a partir da respiração cada vez mais fraca, o que dificultava minhas palestras e depoimentos. Percebi que estava a caminho do enfisema ou do câncer. relatei um exemplo pessoal para ilustrar a dificuldade que temos em conciliar a emoção com a razão. Ou, melhor dizendo, em fazer prevalecer a razão, quando isso precisa acontecer devido às circunstâncias de determinados momentos da nossa vida.

Já que minha breve história de vitória pessoal contra uma dependência levou-me a falar do cigarro, existe um dado bastante auspicioso com relação ao assunto. Em todo o mundo está havendo forte diminuição de fumantes. Aqui no Brasil, é notável que nos últimos dez anos tenha se registrado o surgimento de cerca de oito milhões de ex-fumantes. Isto pode sinalizar que, aos poucos, o embate entre emoção e razão poderá levar ao desejável, ou seja, o equilíbrio entre os dois.

O leitor poderá estar se perguntando onde eu quero chegar com essas histórias que parecem fugir ao tópico deste capítulo que é, vamos nos lembrar, “o amor em ação”. Onde entra o amor nisso tudo que foi relatado até agora?

Durante muito tempo da minha vida, reunia turmas de 30 a 40 pessoas e ministrava palestras motivacionais para melhorar o

desempenho destas pessoas, no âmbito das relações humanas. A palestra continha quatro tópicos: Hoje, Por que Trabalho. A Importância do Ser, A bagagem. Treinei muitas pessoas nestas palestras. Ainda hoje, quando encontro ocasionalmente alguma destas pessoas, invariavelmente elas me agradecem pelos ensinamentos aprendidos.

Causava-me espanto a resposta que eu obtinha quando abordava o tópico da importância do ser e dirigia à plateia um questionamento simples: “qual era o objetivo final da vida” de cada uma das pessoas presentes. De todas as turmas – repito, todas as turmas – vinham respostas tão vagas como ser feliz, criar meus filhos, manter meu emprego, casar, etc. Eu refazia a pergunta, explicando melhor:

- Quando chegar o momento de sua morte você olhe para trás e diga: “cumpri o meu objetivo”. Qual é este objetivo?

Silêncio.

Jocosamente, eu dava o seguinte exemplo de absurdo: você vai ao aeroporto. No balcão de uma empresa aérea o funcionário que o atende afirma, solícito: às suas ordens. E você responde: quero uma passagem aérea. O funcionário pergunta: para onde? E você: para qualquer lugar. É possível imaginar que o funcionário comente com seus colegas: “aparece cada maluco por aqui que vou te contar”. A situação pode parecer engraçada mas, na verdade, é desconcertante.

Constatee por amostragem que as pessoas, em geral, desconhecem seu objetivo na vida, e para mim, isso explica todas as infelicidades de que o ser humano padece. E para você, leitor, qual é o objetivo da sua vida? Se você desconhecer a resposta, console-se. A maioria das pessoas também ignora esse dado elementar da Vida.

O leitor poderá perguntar-me: qual é o motivo que levou você a escrever este ensaio? A minha resposta: quero mostrar que o amor é o nosso objetivo na Vida e, além disso, nossa missão na Vida é servir. Por meio desse serviço é que vamos atingir o nosso objetivo de amar. Depois que entendi que o amor ágape é **comportamento** e é esse tipo de amor que Jesus queria que praticássemos, a equação, para mim, estava fechada.

Sendo o comportamento um ato de vontade, ou seja uma atitude ditada pela razão, o **sentimento** amoroso aparece com a prática das ações permitidas pelo amor. A minha certeza advém de minhas ações nos últimos 28 anos de minha vida dentro da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, ajudando e sendo ajudado por milhares de alcoólicos que são motivados por um objetivo comum que é evitar a recaída na bebida, minha e do outro.

Portanto, acredito que minha experiência permite-me afirmar que a **finalidade de nossa vida é aprender** para, a cada dia, melhorar nosso comportamento amoroso em relação aos nossos semelhantes por meio de atos e atitudes que permitam a demonstração e a gestação da fraternidade. Isso é o amor em ação.

Creio que vale a pena relatar ao leitor como aconteceu meu ingresso na Irmandade de Alcoólicos Anônimos.

Nasci em Coromandel – MG, junto com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, nos idos de março de 1939. Filho de alfaiate, aos 10 anos de idade e já carregando uma caixa de engraxate após as aulas do grupo escolar. Tinha um bom coração porque com a renda que eu obtinha pude comprar para minha mãe o primeiro ferro elétrico que ela possuiu, em substituição ao ferro de passar roupa usado com carvão incandescente.

Mudei para Patrocínio – MG com minha família aos 13 anos de idade. Prossegui com minha profissão de engraxate, que eu conciliava com os estudos primários. Aos 14 anos, já no curso ginásial, troquei de profissão e fui ser radialista na rádio difusora local, reservando as férias escolares para trabalhar no balcão de um bar. Nos momentos de folga, praticava esporte diariamente – futebol, basquete e natação.

Minha boa vida começou a mudar quando fui convidado para trabalhar exatamente na área que era o meu anseio desde criança: a aviação. Comecei como carregador de malas e prestador de serviços auxiliares mas progredi logo porque o despachante – que usava um belo uniforme com gravata – pediu demissão e tornei-me carregador de malas, prestador de serviços gerais e despachante simultaneamente. Eu vestia uma calça preta e a camisa branca com gravata. Por cima dessa indumentária usava um macacão.

De vez em quando, o agente da empresa aérea – que era também presidente do aeroclube e instrutor de voo – permitia que eu voasse num teco-teco Paulistinha. Esse nirvana ampliou-se imensamente quando a Esquadrilha da Fumaça da FAB esteve na cidade para uma exibição. O resultado seria outro: estabeleci como meta de vida que eu seria piloto da Esquadrilha da Fumaça.

Aos 19 anos de idade tomei a iniciativa de mudar-me para uma cidade maior, Belo Horizonte, em busca de novo emprego. Deixei de concretizar, naqueles momentos iniciais da minha vida, o sonho de transformar-me em piloto da FAB. Na nova cidade, passei fome mas consegui emprego como auxiliar de escritório numa fábrica de transformadores elétricos.

No começo dos anos 60 recebi uma intimação de meu irmão que me queria em Brasília, a nova capital do Brasil que estava sendo

construída. Cheguei à chamada Cidade Livre – núcleo pioneiro da construção da nova capital do Brasil – no dia 5 de fevereiro de 1960 para trabalhar na Panair do Brasil, a melhor empresa de aviação do Brasil da época. A jornada de trabalho chegava a 12 horas, de segunda-feira a segunda-feira. Para relaxar, nos pouquíssimos momentos de folga, iniciei-me no uísque.

Todas as noites eu costumava visitar as únicas duas boates da Cidade Livre para beber. Depois de dois anos nessa rotina, eu e meu irmão nos mudamos para a Asa Norte de Brasília. Mudamos tanto de endereço quanto de comportamento pois passamos a frequentar os bares da Asa Sul, mais sofisticados e com melhores serviços.

Naqueles primórdios de Brasília, ganhava-se muito dinheiro e gastava-se na mesma proporção. Meu irmão casou-se, deixando-me na rotina avião-bebida. De vez em quando, eu visitava a namorada que havia ficado em outra cidade, enquanto eu tentava criar condições financeiras para estabelecer-me de vez em Brasília. Certo dia, resolvi que deveria casar.

Durante visita à namorada, peguei uma moeda e disse a ela: deixemos que o destino decida. Se der cara, casamos. Se der coroa, cada um segue para seu lado. Deu cara.

Casamo-nos em 1964. Estivemos no Rio de Janeiro e em Salvador durante 15 dias, em lua-de-mel. Sete meses depois, quando minha esposa já entrava no sexto mês de gravidez, perdi o emprego. O governo militar havia decretado a falência da Panair do Brasil. A frustração levou-me a uma bebedeira que durou dois dias.

Então, sem que eu esperasse, fui convidado para trabalhar na maior companhia de aviação do mundo na época, a Pan American World Airways, Inc. Ao longo do tempo, participei de treinamentos

para aprimorar-me profissionalmente, sendo frequentes as viagens a Nova York.

Em setembro de 1968, meu pai morreu de forma trágica. Neguei-me a aceitar sua morte. Minhas noites eram insones. Acabei descobrindo que duas doses de uísque permitiam que eu esquecesse por algum tempo o meu tormento e me faziam dormir. Passei a ingerir doses maiores.

Os problemas começaram a surgir. Primeiro, envolvendo minha esposa e, em seguida, eles se alastraram para as demais atividades da minha vida. Já tínhamos um casal de filhos para criar. A pressão que eu sentia sobre mim levou-me a aumentar as doses de bebidas alcoólica e a refugiar-me, cada vez mais, nas minhas fantasias.

Como o organismo humano tem limites, decidi internar-me num hospital por dois dias, numa tentativa de reduzir o estresse. Ao sair do hospital, voltei a beber para comemorar minha recuperação.

Aviação e álcool são absolutamente antagônicos. Impossível continuar com ambos. Já totalmente dominado pela bebida, troquei a carreira que tanto amava pelo mundo de ilusões dos meus porres alcoólicos. Demiti-me da Panam.

Depois de alguns anos trabalhando em ambientes que nada tinham a ver com minha verdadeira profissão, comecei a trabalhar na estatal Infraero, que surgia para administrar todos os aeroportos brasileiros.

Trabalhava de segunda a sexta-feira e tinha o fim-de-semana à minha disposição para beber tranquilamente, sem preocupações com dificuldades no trabalho. No entanto, meus problemas de relacionamento ampliavam-se, a começar pela esposa. Àquela altura da minha vida, já era pai de três filhos.

Comecei a faltar ao trabalho às segunda-feiras, pois a ressaca de domingo de bebedeiras cobrava seu preço. A empresa emitiu sinais de que estava descontente com minhas ausências.

Eu era um bebedor solitário, mergulhado em fantasias que envolviam até mesmo a resolução dos problemas do mundo mas, naturalmente, era incapaz de resolver os meus. A vida real tornava-se estéril e sem significado para mim.

Meu organismo ainda tolerava razoavelmente a quantidade de álcool que eu ingeria. Após uma segunda internação para desintoxicar-me, aumentei ainda mais as doses e a frequência da ingestão de bebida alcoólica, uma vez que já deixava de conseguir a euforia do passado.

No Dia das Mães de 1976, após ingerir meio litro de uísque antes do almoço, decidi voltar para minha casa para dormir. Ao descer as escadas do edifício de apartamentos sem elevador onde minha mãe vivia, desabei-me escada abaixo. Bati violentamente contra o cimento e fracturei o crânio.

Fui levado para o pronto-socorro com hemorragia cerebral e permaneci 19 horas em coma. Quis a graça de Deus oferecer-me uma oportunidade a mais na Vida. Voltei a trabalhar, quinze dias depois. Um mês após a queda, bebi a primeira cerveja. Internei-me novamente em 1978 e no começo de 1979. A mão amantíssima de Deus foi-me estendida por meio de um membro dos Alcoólicos Anônimos. Após minha alta hospitalar, compareci pela primeira vez a uma reunião da irmandade.

Esperava encontrar pessoas deprimidas e tristes, envolvidas num ambiente desagradável. Para minha surpresa, naquele dia 15 pessoas alegres e saudáveis receberam-me como velhos amigos.

Logo no início da reunião, o coordenador do grupo leu os princípios que norteavam os AA. Resumidos, eles são os seguintes:

“ Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo;

– o único requisito para se tornar membro da irmandade é o desejo de parar de beber;

– para ser membro de AA é desnecessário pagar taxas ou mensalidades;

– o grupo é auto-suficiente graças às contribuições financeiras voluntárias de seus membros;

– a irmandade é uma instituição independente de qualquer religião ou seita, movimento político ou organização;

– a irmandade evita controvérsias ou a defesa de qualquer causa. Seu propósito primordial é que seus membros mantenham-se sóbrios e ajudem outros alcoólatras a alcançar a sobriedade “.

Simple e direto assim.

Outro detalhe que chamou-me a atenção: soube que eu estava com uma doença chamada alcoolismo. Esta concepção era-me inteiramente nova pois eu acreditava que tinha um vício. Ao tomar conhecimento de que eu era portador de uma doença incurável, preparei-me para enfrentá-la. Naquele momento, minhas culpas começaram a amenizar, minha auto-estima iniciou o caminho de volta.

Hoje eu sei que minha ressurreição aconteceu naquele dia. Exerci todos os encargos de serviço da Irmandade incluindo a

representação, como delegado do Brasil, às reuniões de serviço do AA na Guatemala, em El Salvador e Nova York.

Há 28 anos sou membro da irmandade. O momento mais importante da minha vivência com o grupo foi, sem dúvida, a extraordinária experiência que tive durante a convenção mundial realizada em Montreal, no Canadá, em 1985, em comemoração aos 50 anos da Irmandade.

Na grande reunião de encerramento daquela convenção, realizada em um grande estádio coberto, deparei-me com mais de 50,000 sobreviventes da tormenta do álcool. Meu corpo vibrou como se eu tivesse recebido uma poderosa descarga elétrica.

Compreendi, naquele momento, que o amor triunfará sempre quando for posto em prática. Milhões de seres humanos foram recuperados ao longo dos 72 anos de existência de Alcoólicos Anônimos. Sem a irmandade, estas pessoas – entre as quais me incluo – estariam condenadas a uma morte prematura.

Alcoólicos Anônimos existe sem ajuda de qualquer governo, empresa, religião ou organização. Deixa de existir entre seus membros a influência do poder, do dinheiro ou da propriedade. Todos os assuntos são resolvidos de forma coletiva e descentralizada, tendo em vista o único e exclusivo propósito de que seus membros mantenham-se sóbrios, ajudando-se uns aos outros.

Isso é amor em ação.

Igualmente importante salientar o trabalho excepcional de programas como a Pastoral da Criança, que só para ilustrar salva cinco mil crianças todo ano com os cuidados de suas visitadoras, sem falar nos outros aspectos de saúde que o programa cuida.

O criança esperança da rede Globo, iniciativa que deveria ser seguido pelas outras emissoras, trabalho grandioso do amor funcional.

União Planetária, organização que visa harmonizar todas as religiosidades existentes num só objetivo de vivência salutar.

Banco Real com seus programas que visam a melhoria da vida do idoso e exemplo de entidade ecológica porque todos seus impressos são produzidos em papel reciclado.

A prática do amor é encarada pelas pessoas em geral como difícil de ser aplicada. Esta concepção advém da confusão que é feita nos diferentes tipos de conceituação dos "amores". Quando se fala em amor a primeira coisa que aparece em nossa mente corresponde aos relacionamentos entre homem X mulher e todos nós sabemos que aí reside o maior campo de batalha do ser humano.

Sejamos sinceros: embora esse tipo de amor envolva dois seres humanos, os sentimentos e comportamentos de ambos são completamente antagônicos. Se os dois forem confrontados, chega-se à conclusão de que graças à arte da diplomacia existe uma convivência em que ambos os lados fazem concessões no cotidiano para que se tenha o mínimo de entendimento. Portanto, a única salvação para a convivência de um casal consiste exatamente na aplicação do verdadeiro amor ágape – o comportamento amoroso – no qual se enxerga que o outro é a representação do Deus vivo e, se realmente queremos amar a Deus, temos que amar o seu representante aqui na terra. Precisamos lembrar que o amor funcional é um ato de nossa vontade, independente das nossas emoções e sentimentos.

Nossa liberdade, na sua totalidade, deveria estar canalizada para os atos de amor como prioridade absoluta da nossa existência. Isto

deixa de ser um peso que devemos carregar quando descobrimos que é maravilhoso poder compartilhar com nosso próximo toda a nossa potencialidade criativa. São desnecessários feitos heroicos ou a busca de maneiras de exercer o amor. Nosso cotidiano trivial está repleto de oportunidades para exercitarmos nossos atos amorosos. Você, leitor, muitas vezes já pratica o amor sem saber ou dar-se conta de seus atos. Apresento-lhe uma experiência pessoal que vivo no dia-a-dia para exemplificar estes pequenos atos de amor,

Todo dia pela manhã, entre sete e oito horas, faço uma caminhada de quatro km sempre no mesmo percurso na calçada, alternando com o parque. Encontro nestas caminhadas varias pessoas que também estão fazendo sua caminhada matinal e outras pessoas que estão indo trabalhar. Para todas elas, sem exceção, ofereço um caloroso "bom dia". Algumas respondem com timidez, outras um leve sorriso, outras com espanto.

Faço isto há mais de onze anos. Aquelas pessoas desconhecidas que me olhavam espantadas hoje são velhas conhecidas. Meu desejo sincero para que todas estas pessoas tenham realmente um bom dia traz resultados de extrema felicidade para mim. Creio que a repetição do "bom dia" atua como uma sugestão hipnótica no meu interior, influenciando meu subconsciente e espírito, dando-me a certeza de que eu terei um bom dia.

É exatamente isto o que acontece todos os dias. Revigorado com minha caminhada matinal, quando volto para minha casa abraço minha esposa, cumprimento cordialmente nossa secretaria, tomo meu banho e o café da manhã e sigo para meu trabalho. Ao chegar ao local de trabalho, cumprimento o porteiro e pergunto pela sua família. Cumprimento meus vizinhos e me interesso pelos assuntos de cada um. Agora, tenho a oportunidade de exercer minha

profissão e vou dedicar-me com amor a meus pacientes. Considero meu serviço como uma dádiva de Deus, pois é por meio dele que vou conseguir atingir meu objetivo de vida: o amor.

Nesse meu dia, vou estender minha cortesia à balconista da loja, ao caixa do supermercado, ao guardador de carro, etc. Quanto me custou essa atitude, esse amor ágape, esse comportamento? Nada. Um paciente, cliente, colega ou chefe bem servido pode ser o caminho do crescimento de uma boa amizade. E para conservar uma boa amizade nada melhor do que observar o seguinte:

- Aceito você como você é
- Vejo seus pontos positivos
- Importo-me com você e alegro-me com você
- Desafio você a mostrar suas potencialidades
- Incentivo você a acreditar em si mesmo
- Guardo segredo de seus assuntos
- Procuro ser gentil com você
- Compartilho meu íntimo com você
- Defendo você quando necessário
- Sou duro ou suave com você, dependendo da situação
- Compreendo seus altos e baixos
- Respeito você, como imagem e semelhança de Deus.

Acredito que é necessário tomar consciência de cada uma dessas afirmações e aplicar todo o seu potencial em benefício do próximo, sabendo que assim fazendo estou cumprindo um dos objetivos da minha vida: exercer, de fato, a plenitude do amor ágape.

## CAPÍTULO VII

# Perdas de Referências

---

Acredito sinceramente que a solução de todos os nossos problemas é o amor ágape – o comportamento amoroso – que pode e deve ser compartilhado com todas as criaturas de Deus, sem nenhuma exceção. Tenho um dileto amigo, muito amoroso, capaz de tirar sua camisa para cobrir um mendigo. O nome dele é Edyr. Participa, juntamente com sua esposa, da organização dos Vicentinos, que tem como finalidade ajudar os pobres.

Edyr é uma excelente pessoa, devido às suas ações humanitárias, mas, curiosamente, sempre foi muito pessimista em relação a todos aqueles que, por terem excelente situação financeira, esbanjam ostentação de riqueza esquecendo-se de ajudar o próximo.

Durante recente encontro com Edyr, informei sobre minha tentativa de escrever um ensaio sobre o amor e solicitei a opinião dele sobre o tema.

– Mas, Antônio, disse-me ele, vale a pena falar de amor? O mundo de hoje está tão doido que as pessoas estão vendendo o almoço para comprar o jantar.

– Por que todo este pessimismo, Edyr? O mundo e as pessoas continuam a girar da mesma forma.

– Que mundo, Antônio? Que pessoas? O que nos cerca atualmente é um mundo injusto, e as pessoas são caricaturas do que o ser humano poderia ser. Quer que eu lhe dê exemplos? Quer falar do pântano em que os políticos mergulharam a moral e a ética, por exemplo?

– Mas nós temos que acreditar que esta situação pode mudar. Eu acredito firmemente que isso possa acontecer se nós **aplicarmos** o amor. Veja que eu disse aplicar e deixar de falar de amor da boca para fora. O que você faz, desvelando-se pelos pobres e desprotegidos, é exatamente o amor praticado em benefício do próximo. Eu sei que você e mais pessoas fazem isso mas é preciso mais, é preciso conscientizar o mundo sobre a prática do amor. Existe alguma diferença entre você, Edyr, e as demais pessoas que habitam a Terra?

Nós somos iguais, nas diferenças.

– Em princípio sou igual a todas as pessoas. A educação que eu recebi de meus pais incluía ajuda ao próximo. É o que tento fazer diariamente.

– Você aprendeu com seus pais esse comportamento caridoso e é isso que seus filhos estão aprendendo com você. O amor comportamento que você, Edyr, recebeu de seus pais e transmitiu a seus filhos é o ideal para um mundo justo e pacífico. Na sua opinião, qual é o maior inimigo do ser humano?

– Antônio, só há uma resposta para essa pergunta: o pior inimigo do Homem é ele mesmo.

– Exatamente, Edyr. O egoísmo, este comportamento destrutivo do ser humano, é verdadeiramente a sua desgraça. Veja o caso dos nossos filhos. De certa forma, eles já nascem egoístas.

Permanecerão nossos dependentes desde a amamentação até a idade da adolescência, sentindo-se seguros e protegidos, guiando-se pelos comandos dos pais.

Nesta fase, o egoísmo deles é ainda bastante limitado, resumindo-se em ter seus brinquedos, suas roupas e a posse exclusiva dos pais. Após esta fase primária, nossos filhos são lançados à vida e sentem-se abandonados e solitários porque, muitas vezes, receberam uma missão dos pais de cuja escolha eles deixaram de participar: casar e constituir família, conseguir casa e carro, ter bom emprego e, acima de tudo, ter muito dinheiro para se tornarem independentes.

– Antônio, embora o egoísmo exista desde os primórdios da existência do ser humano, para ele proteger-se e a seus descendentes acumulava comida e tinha maneiras de se auto-sustentar. Com o passar do tempo, com desejos cada vez mais sofisticados, ele agregou a mais coisas materiais, para si e os seus. Com o advento do capitalismo, suas necessidades passaram a ser supra-pessoais, tornando-se coletivas já que nenhum homem é uma ilha e todos vivem sob a influência do consumo implantado por um sistema capitalista implacável na criação de novos e atraentes desejos, graças ao poder da publicidade. Então, o ser humano tornou-se escravo de si mesmo, apresentando raros sinais de individualidade e procurando atender aos impulsos vindos do exterior em detrimento de seus anseios interiores.

– O ser humano, Edyr, caiu na armadilha que ele mesmo armou. O egoísmo tornou-se uma das forças mais vigorosas e motivadoras do comportamento humano, tornando seus desejos de supremacia de vantagens pessoais como seu objetivo de vida muito acima de qualquer referência moral.

– As pessoas tornaram-se extremamente individualistas, vivendo solitárias em meio a uma multidão.

– Tenho um amigo, Edyr, médico psiquiatra, que me disse o seguinte: de cinco pacientes que ele recebe todos os dias em seu consultório, três são jovens e a doença deles é a depressão. Aliás, segundo o Josi, a depressão já é considerada epidemia mundial. Mas ele ressaltou que jovens deprimidos nesta proporção revelam um fato absolutamente novo na história da medicina. O motivo principal desses jovens terem se tornado depressivos é exatamente a desorientação provocada pela perda de referências que orientem suas vidas. Pais, professores, religiosos estão sem argumentos para estimularem seus filhos, alunos e seguidores. Desmotivados e desorientados, os jovens deixam de ter exemplos concretos para espelharem suas vidas. Os arquétipos antigos exauriram-se sem que novos fossem colocados em seu lugar. A alternativa é o álcool, as drogas e o hedonismo.

– Um trio que alimenta os traficantes e o consumo desenfreado, disse Edyr. Muitas vezes, a consequência disso é a violência e as mortes prematuras.

– Quero lhe contar uma experiência pessoal que tive numa instituição que tanto eu quanto você conhecemos muito bem nossa Igreja Católica. Quando eu tinha oito anos de idade, Edyr, fui coroinha do padre Lazaro. A missa era celebrada em latim e eu tinha que dizer frases inteiras nessa língua sem conhecer absolutamente nada do sentido das palavras que eu dizia. Estudei no ginásio dos padres holandeses do Sagrado Coração de Jesus. Éramos obrigados, além de assistir às aulas de religião, a frequentar missa todos os domingos e a confessar nossos pecados mensalmente. A reparação desses pecados, geralmente, eram dez Pai-Nosso e trinta Ave-Maria.

Veja que curioso, Edyr. Éramos proibidos de ler a Bíblia. Os padres alegavam que nos faltava a capacidade de entender o texto sagrado. Hoje, é fácil compreender os motivos que levaram os padres a essa proibição. Aquele que possui a informação possui o poder, principalmente o da manipulação. Aqueles padres inculcaram em mim a imagem de um Deus barbudo, sentado em um trono que flutuava nas nuvens do céu, de olho nas coisas erradas que eu fazia. Esta imagem permaneceu tão poderosa em meu inconsciente que ainda hoje quando me refiro a Deus levanto os meus olhos para o céu como se Ele continuasse a me espreitar. Este é o Deus da minha infância e da minha juventude.

Somente depois de casado e passando a frequentar a Igreja mantida pelos padres canadenses, em Brasília, é que a minha percepção de um novo tipo de Deus começou a ser alimentada. Os ensinamentos que aprendi no Cursilho da Cristandade foram de fundamental importância para a minha formação religiosa. Descobri, então, que aquele Deus vigilante e vingativo era criação da Igreja Católica para atemorizar seus fiéis e, dessa forma, mantê-los sob cabresto. Além disso, era um Deus que precisava ser aplacado em sua ira cobra-nos penitências e um caro perdão pelos nossos pecados na forma de indulgências plenárias que, ao longo da história, renderam muito dinheiro e poder à cúpula da Igreja. Hoje eu sei – e com certeza absoluta – que Deus é a própria essência do amor. É nosso Pai amoroso, protetor e muito amado.

– Eu estava recordando da minha formação religiosa que foi muito parecida com a sua, Antônio. Aliás, usamos a palavra “religião” indevidamente. Em latim, religare significa religação, restabelecimento de ligação que já existia. Creio que podemos entender a “religião” como nosso retorno aos braços de um Deus Pai que jamais nos esqueceu. Portanto, considerar Deus um ser

vingativo ou que nos abandonou à própria sorte é, no mínimo, uma incongruência.

– Concordo com você, Edyr. Creio que todos deveriam praticar o comportamento amoroso em relação ao nosso próximo. É sobre esse aspecto da religião que a Igreja Católica, por exemplo, deveria centrar sua doutrina. Mostrando aos fiéis a face bondosa, caridosa e fraterna de Cristo. É até possível que isso esteja acontecendo pois em nossos dias tornou-se mais forte no sermão dos padres a presença de um Deus amoroso deixando de lado o Deus carrasco pronto a nos enviar no rumo do inferno caso descumpramos seus desígnios.

– Essa mudança de atitude da Igreja lembra-me, Antônio, que nesse novo mundo em que vivemos as avanços científicos de certa forma obrigarão a um tipo de consenso entre religião e Ciência. Será muito importante que a Igreja reconheça a necessidade fundamental de reintronizar junto aos fiéis a imagem do Deus Pai bondoso e acolhedor sob pena de perder a credibilidade que conquistou durante séculos em suas tentativas de explicar o inexplicável. Creio que a Igreja Católica precisa reinventar a si própria, tornando-se uma referência saudável que permita o convívio harmonioso entre a fé e a Ciência, entre a crença e as necessidades e imposições do nosso cotidiano como é o uso da camisinha para conter o avanço da AIDS. É provável que isso demore um pouco mas podemos perceber que é possível alcançar-se esse objetivo.

O papa João Paulo Segundo era um pop star amado pelas multidões porque também compreendeu as necessidades humanas do seu tempo e tentou uni-las à fé religiosa. Por isso, tornou-se uma referência para toda a humanidade pelo seu carisma e pelo amor fraternal que ele incansavelmente procurava demonstrar. Pedindo

desculpas pelo procedimento da Igreja com relação aos judeus, aos escravos, às pessoas perseguidas pela Inquisição, abrindo as portas para as outras denominações religiosas espalhadas pelo mundo, ou seja arejando o mofo existente no Vaticano.

Com a eleição do Papa Bento XVI esperava-se que houvesse uma continuação do trabalho tão bem executado pelo antecessor, com mais ações afinadas com os céus e principalmente com a terra. No seu primeiro ano de papado, Bento XVI produziu a sua primeira Encíclica "Deus Caritas Est". Aleluia. Foi um avanço formidável porque mostra a face amorosa de Deus com sua misericórdia infinita. A dificuldade é mostrar toda a verdade sem, contudo, abalar aquelas tradições que são o real poder do Vaticano.

Na tentativa de normatizar Eros – a atração sexual instintiva – procura-se contrapô-lo ao amor ágape, que é o comportamento amoroso com o próximo, uma manifestação da nossa vontade caridosa. Desse confronto surge toda uma complicação conceitual porque se praticamos o amor Ágape o sub-produto Eros estará contido no amor incondicional com toda a sublimidade da humanização humana. Em suma, eu acho que, em primeiro lugar, devemos praticar o amor ágape porque os outros "amores" serão simplesmente consequência.

– Edyr, simplesmente brilhante sua explanação. Nossa Igreja Católica assim como as demais denominações religiosas, precisam urgentemente demonstrar à humanidade, esta referência que resolverá todos os nossos problemas. Mas precisamos também de todas as pessoas e instituições políticas, comerciais e tantas outras que indicarão um novo caminho, principalmente para nossas crianças e adolescentes para que eles tenham um referencial em suas vidas.

# Novos Paradigmas

---

O ser humano precisa realmente de um padrão ou modelo para copiar e, desta forma, ampliar suas experiências de vida, tornando-as mais ricas? Se fossemos realmente livres, na plenitude da palavra “liberdade”, eu diria que isso seria desnecessário. A vivência humana, a princípio, é única e exclusiva de cada um de nós. Uma das utilizações do livre arbítrio que Deus nos entregou é, exatamente, termos a possibilidade de decidir por nós mesmos os rumos da nossa vida e do nosso destino.

Fui conversar sobre este assunto com minha sobrinha e amiga Ana, artista plástica e designer. Além dessas qualidades, Ana estuda novas formas de viver que fujam dos padrões estabelecidos pela sociedade.

Para começo de conversa, disse a ela que tenho aprendido muito nas minhas pesquisas e conversas para escrever este ensaio. Aprendi, por exemplo, que pela constatação mais aceita pela Ciência somos descendentes dos primatas, que tiveram sua existência confirmada há um milhão de anos. O primata essencial foi identificado como Homo Erectus. Na evolução seguinte, ocorrida entre 400 mil a 100 mil anos, ocorreu o desenvolvimento do Homo Sapiens. Trinta e cinco mil anos atrás começou, de fato, a vivência

inteligente do ser humano. A civilização começou a se estruturar desde a Idade do Gelo até os dias de hoje.

Quando o ser humano começou a caçar e a partilhar o alimento, introduziu o conceito da socialização. O instinto grupal era essencial para a sobrevivência, inexistindo separação entre natureza e o homem. Se considerarmos a dimensão do tempo desde o nascimento da Terra até o surgimento do homem teríamos, em cálculos atuais, apenas um único e insignificante segundo.

– Pois, minha querida Ana, esse mero segundo – perdido na vastidão do Tempo – está sendo o suficiente para os seres humanos destruírem a Terra que é o seu lar, sua fonte de vida, seu tudo.

– Sei aonde você quer chegar, disse-me Ana. É realmente inacreditável. De todos os seres vivos os únicos que matam seus semelhantes sem necessidade somos nós. Basta lembrar Adolph Hitler e do holocausto que ele acabou criando e também dos norteamericanos com as bombas atômicas jogadas sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki, durante a Segunda Guerra Mundial.

Aliás, os comandantes tanto da Primeira quanto da Segunda guerras justificaram o morticínio como necessário à salvação da Humanidade. O fato, porém, é que o único interesse de quem possui o poder de iniciar e manter uma guerra é a defesa de seus interesses hegemônicos pautados pelo dinheiro e pelo poder. Nada mais que isso.

– Então, Ana, isso significa que a história da evolução humana está deixando de ser levada em conta?

– Creio que sim. Deixa-se de lado o fato de que os seres humanos nada mais são do que, simplesmente, mais um elemento

que compõe a natureza que vive sobre a Terra. O ser humano tornou-se tão egocêntrico que acredita estar isolado das leis que comandam a natureza. Na verdade, somos organismos interligados entre si que encontram na Terra um espaço para viver. Esta visão pode até ferir o nosso egoísmo, pois deixamos de ser os reis da criação, mas isso acontece independentemente de nossa vontade. A vida – comandada pela natureza – tem sua própria dinâmica.

O nosso cotidiano, por exemplo, já é o suficiente para mostrar como é falso qualquer tipo de auto-suficiência, principalmente para as pessoas que apenas valorizam as coisas materiais e concretas da vida. A cada segundo de toda nossa vida fazemos continuamente o processo de inspiração/aspiração, ou seja, buscamos os átomos do oxigênio existentes no ar, que é invisível. Enchemos nossos pulmões com o ar trazido de fora do nosso corpo. Aspiramos e jogamos de volta ao ar os gases que acabamos de receber. Fazemos isso sem perceber, pois é um processo já incorporado à nossa vida.

Se esta dinâmica deixar de acontecer nós morreremos. Portanto é vital para nós que haja esse intercâmbio com a natureza: o ar, a água, a luz solar, a lua, o Cosmos. Parece uma ideia óbvia – e realmente é. Apenas nos esquecemos de pensar nela como o condicionante da nossa existência: quem deixa de respirar, morre. Assim, ninguém é tão auto-suficiente quanto imagina. A Mãe Natureza é quem realmente determina o fluxo da nossa existência.

Com relação à água, existe um fator que está sendo negligenciado. É o seguinte: nosso corpo é composto de mais ou menos 70% de água. Já sabemos, graças ao alerta da Ciência e dos ambientalistas, que mais cedo ou mais tarde, caso deixem de ser tomadas providências agora mesmo, os seres humanos terão extrema dificuldade em conseguir água, o que significa: sem água, é

provável que as futuras gerações nem mesmo existam. É impossível imaginar que um ser humano consiga sobreviver sem renovar a água que compõe o seu próprio corpo. E o que estamos fazendo, no mundo contemporâneo? Estamos desprezando, de maneira global, o precioso bem que a natureza levou milhares de anos para nos entregar como o sumo vital da nossa existência. Portanto, os alertas sobre preservação da água nem de longe podem ser considerados um pânico inadequado ao mundo tecnológico em que vivemos pois nenhuma tecnologia do mundo ainda pode criar água do nada. A tecnologia pode ser quase tudo – menos Deus.

– Você está certa, Ana. E eu acrescento mais um dado que mostra a que ponto chegou a falta de integração entre os seres humanos no que diz respeito às riquezas que a Mãe Natureza nos oferece: estima-se que existam mais ou menos 1,1 bilhão de pessoas obesas no mundo. Este é, exatamente, o mesmo número de subnutridos existentes sobre a face da Terra. Os obesos, em sua maioria, são um caso clínico, são doentes que precisam de tratamento médico. Mesmo nesta condição crítica, o fato é que continuam vivos porque podem comer. Têm dinheiro para manter o caro consumo dos alimentos que os mantêm vivos. Os subnutridos, os famintos da Terra sem nenhum recurso, contam somente com a solidariedade dos habitantes do planeta. A solidariedade é louvável, é justa e necessária mas nunca é infinita e nem deve ser.

Em vez de entregar comida aos que morrem de fome, a lógica da subsistência humana nos diz que os famintos deveriam eles mesmos, como qualquer um de nós, ter condições de ganhar o próprio pão. No entanto, como eles podem fazer isso se foram deserdados da oportunidade de trabalhar, ganhar seu dinheiro, construir uma vida para si e para a família? Quem passa por dificuldades de sobrevivência, em qualquer lugar do mundo é um

desprezado pelas sociedades que se esqueceram de amar o próximo – o amor ágape – para pensar no próprio umbigo. O amor solidário é a única fórmula de banir da existência a figura do faminto, do mendigo, do ser humano relegado a condições indignas.

São desnecessárias, Ana, grandes atitudes para exercer o amor ágape, o amor que nos leva a comportamentos que podem modificar inteiramente a face da terra. O amor ágape, compartilhado no ambiente de trabalho, por exemplo, possui um enorme poder de expansão. Amor gera amor, bem-estar gera bem-estar, paz gera paz, nem que seja nos pequenos territórios em que nos locomovemos todos os dias.

– Você, Antônio, tem demonstrado concretamente que a aplicação do amor nas principais atividades do nosso cotidiano pode ser a fonte da resolução de muitos problemas ou, pelo menos, pode ser um refrigerio nas relações humanas. Eu tenho uma ideia a acrescentar ao seu raciocínio: creio que o amor ágape deve começar pela educação no lar e na escola. São as crianças que têm o espírito mais livre para absorver e sentir as emanções e o poder do amor. São as crianças, dotadas de uma generosa inocência, que estão mais preparadas para entender que jogar um papel usado na grama é um gesto ruim pois agride a natureza, que também deve ser amada. A criança pode aprender perfeitamente que dar um tapa no coleguinha é um gesto de violência que pode gerar outro tapa, numa repetitiva e perigosa seqüência de gestos agressivos e inúteis. E assim por diante.

– Exatamente, Ana. E, assim, creio que chegamos a um acordo. Inexiste um novo paradigma a ser buscado pelo ser humano para gerenciar a sua vida. Novas fórmulas de vida são desnecessárias, como são desnecessários novos horizontes que orientem nossa

existência ou fabulosas e inéditas revelações que iluminem os nossos espíritos. Basta nos lembrarmos de que o único paradigma ainda verdadeiramente válido sobre a face da Terra é o amor, esquecido, vilipendiado, muitas vezes jogado no lixo mas sempre poderoso quando utilizado como instrumento de harmonia e paz.

Ana, o certo é que devemos simplesmente tornar realidade um conceito já existente há mais de dois mil anos atrás mas que esquecemos de praticar: é exatamente o amor funcional sobre o qual venho falando e que é possível ser vivenciado com a maior facilidade. Então, Ana, teremos o que julgo ser uma verdadeira revolução. Vou exemplificar: Já temos leis demais e elas somente são aplicadas para os pobres e os desprotegidos. Se aplicarmos a lei do amor como parâmetro, a feitura de novas leis será desnecessárias. Em consequência, é desnecessária a existência do Poder Legislativo, tanto federal como estadual e municipal. Imagine quantos recursos financeiros serão economizado para serem aplicados na educação, por exemplo.

Para a aplicação da lei do amor e para punir os atos de desamor, o Poder Judiciário poderia ser enxugado barbaramente. o que iria facilitar os julgamentos das causas já que o parâmetros seriam bem simplificados: é amor ou desamor?

O Poder executivo se concentraria na educação, na saúde e na segurança. O restante de suas atribuições seriam entregues para a iniciativa privada. O estado de descabro de nossas instituições públicas é tamanho que esperar uma solução partindo dos componentes delas é sonhar com o impossível. O espírito de corpo impedirá qualquer mudança porque ninguém quer cortar sua própria carne.

– Antônio, estou de acordo com você e confesso que nunca tinha pensado nas consequências práticas da aplicação do amor funcional. Chego até a pensar que se educarmos nossos filhos tendo como meta as influências positivas do amor funcional, no futuro será até desnecessário qualquer tipo de governo. Podemos perfeitamente nos auto-governar.

– É verdade, Ana, as leis seriam desnecessárias se existisse e fosse aplicado o amor funcional em todos os níveis da nossa vida cotidiana. As guerras cessariam, assim como os conflitos familiares, a fome, a politicagem, a corrupção, a violência e as mortes provocadas, o uso das drogas e todas as mazelas que nos afligem hoje em dia.

– Mas, Antônio, porque isto deixou de acontecer se o amor funcional pode ser um caminho pra resolver todos os nossos problemas? Será que eu e você estamos acreditando numa utopia?

– É da natureza humana procurar respostas onde inexistente pergunta. Embora desconheçamos como funciona nosso cérebro e reajamos de forma tão pouco racional às nossas emoções, queremos desvendar como funciona o universo, se existe vida extraterrestre ou como é Deus. Há uma fuga vivencial porque discordamos da trajetória previamente traçada para nós: nascimento, vida e morte. Estas são as grandes certezas que temos e que discordamos totalmente.

– Então Ana, para subliminar esse grande desconforto, procuramos fora de nós assuntos que irão preencher nossa atenção e, assim fazendo, criamos a nossa utopia. O ateísmo é exatamente a sublevação da negação da morte. Ora, sejamos honestos e sinceros: acreditar que exista vida após a morte é a crença mais inteligente

que todos os povos e todas as religiões aceitam, embora seja também uma utopia.

Trocando em miúdos, Ana, se existir vida após a morte – ótimo. Caso contrario, vamos reclamar para quem? Ao papa, ao Procon? A vida real deve ser vivida com o máximo de intensidade na plenitude do amor porque teremos com certeza muita satisfação aqui e agora. Se existir outra vida – e eu acredito que exista – continuaremos a ser pessoas amorosas e com toda probabilidade desfrutando da mesma eternidade que vivemos hoje.

– A vida é realmente muito simples, Antônio. Nós é que complicamos tudo. Existem milhões de coisas a serem descobertas, inventadas, produzidas, mas temos de ter um vetor: será útil e benéfico para meu irmão e para mim? Existe muito lixo por aí e precisamos exorcizar as inutilidades. Os grandes eventos da Humanidade têm um inicio desconcertante. Quando Jesus nasceu numa manjedoura, na pequena e perdida Belém, ninguém poderia sequer imaginar que este fato significava a redenção do mundo. Os apóstolos de Jesus eram pescadores analfabetos, cobradores de impostos e mulheres, algumas de péssima reputação. Devemos tudo a Jesus e a seus seguidores, que colocaram à nossa disposição uma maneira de viver que só pode engrandecer o gênero humano.

– Recordo, Ana, que também houve um acontecimento recente muito simples mas que resolveu um problema de grande parcela de sofredores. Os alcoólatras. Há 73 anos, inexistia solução para o problema vivido pelos alcoólatras até que um deles, internado no hospital pela enésima vez para desintoxicação tomou uma iniciativa que iria mudar a vida de milhões de pessoas. Bill, o alcoólatra de quem falo, já tinha sido desenganado pelo seu medico que havia prognosticado sua morte para breve.

Em desespero, Bill – que era ateu – clamou a um poder superior por salvação. Em suas palavras, “foi produzido em mim um efeito eletrizante. experimentei uma extraordinária sensação de triunfo seguida de uma paz e serenidade que jamais tinha sentido”. Após sua alta hospitalar ele viajou para uma pequena cidade perto de New York, chamada Akron. Lá teve uma terrível compulsão para beber. Intuitivamente veio-lhe a crença de que se pudesse conversar com outro alcoólatra ele conseguiria manter-se abstinente.

Depois de muito procurar, ele encontrou um médico-cirurgião da cidade, alcoólatra também, e pode explicar-lhe suas dificuldades. Conversaram durante horas. A compulsão dos dois para a bebida desapareceu e eles ficaram maravilhados. Depois de contarem suas histórias pessoais e compartilhar o início do que seria uma amizade, sentiram que para continuarem sóbrios teriam que procurar outros alcoólatras para dividirem suas experiências. Foi o que fizeram, logo a seguir. Hoje eu sei que eles foram os primeiros, excetuando os Apóstolos de Jesus, a colocarem em prática o amor funcional.

Hoje, Ana, depois de 72 anos, a irmandade Alcoólicos Anônimos está em todas as partes do mundo, contando atualmente com mais de dois milhões de membros que participam diariamente de reuniões noturnas em todos os países do mundo. Em suma, o amor comportamental - o amor ágape – transformado em espiritualidade conseguiu o controle sobre uma terrível doença incurável, progressiva e de terminação fatal. Esse amor propicia ao alcoólico e à sua família a possibilidade de uma paz e uma tranquilidade jamais pensadas.

O conceito de que as bebedeiras desenfreadas de certas pessoas seria uma doença começou a partir das experiências de cada membro dos Alcoólicos Anônimos nos anos 30 do século passado.

Somente em 1951, depois de dez anos desse tese, é que a Associação Americana de Saúde Pública outorgou aos AA o premio Lasker. É muito interessante o último parágrafo do diploma recebido pela irmandade.

“Os historiadores podem, um dia, apontar Alcoólicos Anônimos como uma sociedade que fez muito mais do que alcançar uma considerável média de êxitos com relação ao alcoolismo e seu estigma. Eles podem reconhecer que AA tem sido uma grande obra social, uma nova terapia **baseada na semelhança do sofrimento comum, terapia que encerra em si um vasto potencial para corrigir inúmeros males da humanidade**”.

– Estou percebendo, Antônio, que o último parágrafo é uma excelente sugestão para aplicação nos dias de hoje porque o **“sofrimento comum”** daqueles dias é o mesmo de hoje. A frase sugere para todos nós que se aplicarmos a fórmula de sucesso de AA, ou seja, se ajudar o próximo se ajudando a si mesmo usando como ferramenta o amor funcional, começaríamos a banir da face da terra o sofrimento humano ou, pelo menos, a diminuir sua incidência.

– A chance da atual geração conseguir algum progresso nesta direção, Ana, fica comprometida porque da forma que a sociedade está estruturada – com seus vícios e condicionamentos – dificultará a rapidez que seria desejável alcançar com os ensinamentos dos AA. Por isso, acredito que esta geração deveria começar a dar os primeiros passos nesta direção desse ensinamento e nada melhor do que começar pela educação de nossas crianças agora.

## CAPÍTULO IX

# A Educação

---

No livro “O Pequeno Príncipe”, o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry escreveu uma frase que ficou gravada para sempre na memória de quem o leu: “Só se vê com o coração (...) O essencial é invisível aos olhos”. Como fonte da vida, o coração humano é um órgão fabuloso mas o fato é que a Ciência contrariou o escritor – sem menosprezar a beleza literária e poética de sua frase imortal – e mostrou que só é possível se ver com o cérebro. A percepção das coisas que nos cercam é função do sistema límbico onde estão localizado os sentimentos e emoções no hemisfério direito do cérebro.

A partir dessa informação, é possível fazer-se um novo enunciado tendo como base a célebre frase de Saint Exupéry: “só se vê com o cérebro por meio dos olhos e o essencial só pode ser percebido com a aplicação do amor”. Como é possível conectar-se o ser humano ao amor – e estou falando aqui do amor ágape, o amor pelo seu próximo, fraterno e amplo amor – a partir do complexo mecanismo que gerencia algo tão físico quanto o cérebro e algo tão fluido quanto o sentimento que revoluciona a própria Vida?

Uma das muitas respostas possíveis passa pela educação. Sim, a educação, a escola, a formação primeira do indivíduo. Somente a educação, em todas as suas variantes, permitirá que o ser humano

potencialize as forças do amor ágape em sua totalidade, permitindo a compreensão da sua poderosa força como motor de mudanças significativas na vida de cada um e de todos os seres humanos.

Para conversar sobre este assunto procuro minha amiga Laura, especialista em educação com longa formação prática em escolas de Brasília. Graças a conversas anteriores com Laura, sei que o ser humano vive a fase essencial de sua formação no período que vai entre zero e cinco anos de idade. Se uma criança possui o atendimento físico e psicológico necessário nesta fase de sua vida, é praticamente certo que teremos cidadãos bem formados, aptos a interagir com a sociedade em que viverão e prontos para colaborar com a aplicação do amor ágape. Segundo Laura, é desnecessário esperar muito tempo para que este futuro cidadão atue neste sentido.

– Vi pela televisão um exemplo maravilhoso dessa colaboração que as próprias crianças podem oferecer logo em seus primeiros anos de vida, disse-me Laura. A cena, passava-se em uma escola do interior do país e mostrava crianças de 12 a 13 anos cursando a quarta série do primeiro grau. O importante da reportagem era o fato de que essas crianças atuavam em suas comunidades como professoras de alunos da primeira série. Ou seja, estavam retornando à escola para ensinar aquilo que elas já haviam aprendido dois anos atrás.

Naturalmente, continuou Laura, mesmo que seja altamente elogiável a atitude dessas crianças-professoras, o simples fato de estarem exercitando o amor ágape em alto grau, oferecendo seu conhecimento ao próximo, há uma questão extremamente relevante a ser observada: é a falta de professores qualificados no país, com salário compatível com uma vida digna e com a oportunidade de

estarem sempre aprimorando seus conhecimentos por meio de cursos de especialização.

De qualquer maneira, cito o exemplo das crianças-professoras, disse-me Laura, para mostrar que é possível desde cedo aplicar o amor ágape. Existe uma grandeza oculta no gesto das crianças que vi na televisão, ensinando a outras crianças o que já tinham aprendido.

– Percebo onde você quer chegar, Laura. Todas as pessoas, todas elas, independente do grau do estudo ou a situação social em que vivem, têm algo para aprender e ensinar.

– É este o ponto, Antônio. Fico imaginando como seria interessante, produtivo e útil uma turma de executivos voltando aos bancos escolares para aprender pintura, mecânica, agronomia e tanto mais. A educação – que significa, neste caso, o conhecimento – pode se expandir para rumos inteiramente diversos e paralelos ao trabalho já realizado por uma pessoa já formada e exercendo alguma profissão. Como se diz atualmente, isso é sempre um “plus”, um algo a mais para oferecer às pessoas novos pontos de vista, abrangentes e diferenciados, diferentes da rotina que as pessoas vivem em seus cotidianos.

O outro lado da moeda, disse Laura, também é altamente recomendável. Uma classe em que executivos ensinam economia, organização e liderança para mecânicos, eletricitas, pintores e agrônomos? No caso, estou antevendo a divulgação de conhecimento como um trabalho voluntário – e isso, por si só, já significa a aplicação do amor ágape que você preconiza, Antônio. Esta oferta do conhecimento, sem nenhum interesse financeiro ou econômico, é exatamente uma das maneiras como o amor pode estar relacionado à educação, da mesma forma que o amor pode se

relacionar com inúmeras outras atividades das nossas vidas complementando-as, elevando-as a novos patamares, oferecendo-lhes perspectivas que deixam de ser percebidas sem o condimento do amor ágape.

– Uma variante do que você está dizendo, Laura, é que esta pode ser uma saída criativa para muitos problemas nacionais. Os brasileiros, esperam que tudo seja resolvido pelo governo mas o fato é que governo algum resolverá sozinho os imensos problemas de qualquer país. É preciso que a população se conscientize de que a sua ajuda é indispensável.

– Exatamente, Antônio. Isso significa que os cidadãos devem colaborar mas o governo deve dirigir sua absoluta atenção para o ensino formal, aquele sustentado pelos cofres públicos, priorizando a classe dos professores que precisam de todo o apoio possível. É preciso elevar a auto-estima do professor – tanto no aspecto profissional quanto pessoal – permitindo que ele continue com sua maravilhosa e amorosa missão que é transmitir conhecimento, orientar seus alunos, interagir com eles no cotidiano da vida e reforçar o importante apoio psicológico.

– Atualmente, continuou Laura, sabemos como é importante a presença da tecnologia na educação. As aulas tradicionais começam a se modificar para incorporar as novas ferramentas e a didática que pode ser oferecida ou criada com o apoio da tecnologia. O imenso conhecimento colocado à disposição de todos por meio da internet, por exemplo, pode ter a ajuda dos professores para serem filtrados bons conteúdos para seus alunos como didática de aprendizagem. Ou seja, os professores podem ajudar seus alunos a navegarem pelo amplo mar de informação e conhecimento da internet, criando uma metodologia para que seus alunos cheguem rapidamente ao que é

necessário para complementar sua educação, sem perda de tempo e sem se enredarem nos labirintos confusos e desaconselháveis do mundo paralelo criado pela internet.

– O ensino formal já está sendo modificado pela internet como você disse, Laura. Mais um motivo, então, para que as escolas ampliem uma iniciativa que já é tomada por algumas delas mas que poderiam se tornar parte integrante do currículo. Eu creio que seria extremamente útil para os estudantes tomarem contato direto com as mais diversas profissões para terem uma ideia, na prática, de como poderão ser suas vidas no futuro. Se a internet pode explicar aos estudantes como são essas profissões, a vida real pode ser vista e sentida com visitas, por exemplo, a hospitais, fóruns, granjas, fábricas, enfim, todo o universo por onde se estende o trabalho humano.

– Concordo, Antônio, e vou mais além. Se os estudantes, desde cedo, têm contato com suas futuras profissões, elas têm a oportunidade de compreender que um local de trabalho é um pequeno mundo onde se pode, perfeitamente, se praticar a solidariedade e o amor fraterno, ou amor ágape, como você diz. A vida que se desenvolve nos ambientes de trabalho muitas vezes é extremamente competitiva, mesquinha, egoísta mas são as crianças - as futuras impulsionadoras do progresso que o trabalho produz - são as crianças, repito, que têm a chance de modificar essa situação, desde que realmente sintam dentro de si a força do amor ágape, do companheirismo, do apoio ao próximo. Um trabalho se desenvolve muito melhor quando é compartilhado por todos, para que o seu objetivo seja atingido com a perfeição possível.

– Exatamente, Laura. É preciso que as escolas tenham ambiente acolhedor e que permita às crianças trabalharem em grupo,

exercitando desde a mais tenra idade o instinto gregário que é a força do ser humano. As crianças podem aprender em suas salas que unidas são uma força poderosa, impulsionadora de mudanças expressivas no mundo futuro em que viverão.

Laura, mais um detalhe importante que é preciso observar na formação dos nossos estudantes. Creio que seria conveniente eliminar brincadeiras, jogos e canções que, apesar de tradicionais e de serem praticados e entoados há muitas gerações, acabam incutindo nas crianças ações e comportamentos que, no mundo de hoje, são inaceitáveis. Por exemplo: uma velha cantiga infantil diz *"atirei o pau no ga tô, tô / mas o ga tô tô / já morreu, reu, reu / dona Chica ca ca / admirou-se se / do berro do berro que ele deu"*. Ora, no fundo, estamos dizendo às crianças que maltratar um animal é algo perfeitamente natural. Tanto é assim que a canção pode até ser um estímulo para que isso aconteça.

– É verdade, Antônio. Claro que vamos continuar incentivando a fantasia do mundo infantil pois o poder criativo delas nasce por meio do pensamento abstrato. No entanto, as inúmeras possibilidades do potencial infantil precisam ser trabalhadas para que, aos poucos, elas compreendam que o ser humano é grandioso quando partilha o que lhe pertence, protege a vida e a natureza, solidariza-se com o infortúnio alheio e auxilia quem precisa de auxílio, enfim, as crianças podem ter uma visão humanística para se tornarem pessoas melhores.

– Eu acho, Laura, que essa é uma tarefa bem difícil porque sabemos como a educação do nosso país jamais recebeu dos governantes a atenção que precisa e merece. Basta acompanhar o noticiário para que se perceba o lamentável estado em que se encontram milhares de escolas que estão fisicamente decadentes,

sem manutenção adequada, muitas vezes ameaçadas pela violência das cidades dominadas pelos marginais, colocando em risco a saúde e a própria vida de alunos e professores.

– Sim, deixa de ser tarefa fácil mas perfeitamente possível desde que os governantes determinem que a educação seja uma prioridade do governo. Aliás, é isso o que todo político preconiza em suas campanhas eleitorais. Então, é preciso que eles, quando eleitos, validem na prática suas promessas eleitorais. A educação é a única via de acesso às infinitas possibilidades criativas dos seres humanos e deve ser cuidada em todo o seu universo que vai da creche à universidade. A educação é um moto contínuo – tem um começo mas prescinde de um fim pois, como você sabe, o ser humano nunca deixa de aprender. Seja o bê-a-bá, seja um gesto de compreensão e carinho pelo mundo onde nascemos, vivemos e morremos. Vislumbro o dia em que as grandes empresas do Brasil irão destacar dois por cento de seu lucro para serem investidos em educação, disse Laura. Imagine gigantes como a Petrobras, Vale do Rio Doce e Bancos como Itaú, Bradesco, BB, Caixa e tantos mais, patrocinando programas específicos da educação. Aliás seria até um gesto comercial bem inteligente, porque com a educação haverá uma melhoria de vida da população o que incrementará em muito os negócios. Além de praticarem o amor funcional, certamente estas empresas aumentariam seus lucros financeiros.

## CAPÍTULO X

# Sistemas Políticos

---

Democracia: sistema de governo do povo, para o povo, princípio de soberania popular e distribuição equitativa do poder. A concepção é sonhadoramente altruísta mas, como é mais do que sabido, a prática de uma ideia que sublima ideais políticos ao nível da perfeição transformou-se apenas em vagas estrelas de uma história quase esquecida. A humanidade já teve e ainda tem espalhados pelo mundo afora, vários tipos de governo que vão da monarquia até a ditadura disfarçada ou desavergonhadamente explícita. Cada um dos regimes políticos do passado ou do presente deixou de atender seus enunciados que, no fim das contas, têm como propósito a felicidade geral dos povos.

Em tese, os políticos seriam os executores da democracia, o sistema de governo que, até agora, mostrou-se o menos ruim entre todos os demais. Os políticos, no entanto, em nosso país e em todos os quadrantes do mundo, mostraram-se – salvo as exceções de praxe – ávidos gerenciadores de seus interesses pessoais, tornando-se a base ou a parte principal da vastíssima engrenagem que leva à corrupção e à degradação da política.

Apenas a título de ilustração, devemos nos lembrar que a democracia – em que uma decisão é tomada a partir da deliberação de uma maioria – permeia um desastre histórico mas, naturalmente,

previsto pela imensa sabedoria de Deus. Falamos do momento decisivo em que Pôncio Pilatos apresentou à multidão de Jerusalém a decisão de libertar o ladrão Barrabás ou o transgressor Jesus Cristo. O povo, soberano, decidiu-se por Barrabás e condenou Cristo à cruz.

Das mais ou menos 120 democracias existentes no mundo somente 12 mantêm esse regime há mais de 30 anos. Isso significa que a democracia ainda é um regime de governo pouco sólido. O que resta de esperança para a humanidade no que se refere aos sistemas políticos? Está surgindo na China, ainda de forma bastante tímida, um projeto de Partido da Harmonia que visa em dez anos colocar toda a população em um mesmo patamar de bem estar. Ou seja o sonho de todos nós. Tendo em vista a numerosa população chinesa, seria bom prestar atenção no que está acontecendo naquele país.

Seja lá o tipo de regime político adotado pelas nações, creio que diante do atual estágio de desenvolvimento da humanidade cabe perguntar: precisamos, realmente, de um governo? Tenho duas experiências pessoais que gostaria de relatar. A primeira experiência foi durante o período de 2003 a 2006, período em que convivi por dentro com um sistema de governo deveras interessante, em Brasília.

Existe um governo do Distrito Federal, uma Câmara Legislativa com deputados eleitos pela população e as administrações regionais das cidades-satélites que formam um cinturão de milhares de pessoas ao redor do DF. Os administradores dessas cidades são escolhidos e nomeados pelo governador. Todos recebem remuneração. Ao longo dos anos nasceram e cresceram em Brasília, de forma absolutamente espontânea, as prefeituras das quadras,

que poderiam ser identificadas como os tradicionais bairros das demais cidades brasileiras.

Brasília é o coração do Distrito Federal, o centro administrativo do Brasil. O Plano Piloto, que é o centro da cidade, possui 160 dessas quadras. Cada uma delas, por sua vez, é administrada por um prefeito e por conselheiros escolhidos e eleitos pela população de cada um desses mini-bairros. Os prefeitos de quadras e os conselheiros fazem trabalho voluntário, sem remuneração, o que significa a inexistência de gastos do poder público. Os prefeitos de 70% dessas quadras estão ativos, exercendo o trabalho para o qual foram eleitos.

Vale a pena historiar o nascimento da primeira prefeitura de Brasília. Um jornalista do principal jornal da cidade estava passeando com a sua filha pequena pela quadra onde moravam. Durante o passeio, conversavam. O pai comentava com a filha a boa ideia da construção das quadras de Brasília, uma novidade arquitetônica nos anos 60 e uma ideia de convivência comunitária totalmente inédita. O pai disse à filha que a comunidade também deveria se responsabilizar pela manutenção das quadras onde vivia. A filha, então, sugeriu que seu pai se tornasse um prefeito da quadra onde moravam. O espanto do jornalista com a sugestão da filha foi grande mas ele bancou a ideia e implantou a primeira prefeitura comunitária de Brasília.

Isso aconteceu há mais de 30 anos. O jornalista tornou-se o primeiro prefeito de uma quadra brasiliense. Logo, o exemplo foi seguido. Mais de 100 quadras já são administradas por prefeitos escolhidos pela comunidade para um mandato de dois anos, com possibilidade de reeleição. Os prefeitos trabalham em favor de sua comunidade inteiramente de graça, como foi dito. Eles acabaram se

transformando em exemplos de abnegação e de prestação de serviço – um serviço amplo, trabalhoso e incômodo como é, por exemplo, o do síndico de um edifício de apartamentos.

Entre 2003 e 2006, quando trabalhei para o governo do Distrito Federal, tive inúmeras oportunidades de participar das reuniões dos conselhos comunitários que reúnem certo número de prefeituras de quadras. Como representante do poder público, recebi inúmeras reivindicações para a melhoria dos serviços prestados nas quadras de Brasília. O governo a que eu servia fez o que pode para atender a essas reivindicações.

As prefeituras de Brasília fazem exatamente o trabalho que, teoricamente, também é desenvolvido pelas Câmaras Municipais espalhadas por todo o país. O que se observa, no entanto, é que as Câmaras nem sempre cumprem o papel de servir de ponte entre a comunidade que representam e a instância superior do poder público. A vereança tornou-se um cargo cobiçado porque é remunerado e, como se sabe, dinheiro certo e seguro no fim do mês numa comunidade carente é uma atração irresistível. Como agravante para esta situação moralmente discutível, muitas Câmaras Municipais também se tornaram centros irradiadores de corrupção.

O exemplo dos prefeitos das quadras de Brasília pode ser aplicado integralmente às Câmaras Municipais? Vereadores aceitariam trabalhar pela comunidade sem receber qualquer tipo de remuneração? Existirá um único vereador disposto a prestar serviços que ocupam parte do seu tempo no trabalhoso cargo de ser o porta-voz de uma pequena parcela da população de sua cidade sem receber um único centavo como remuneração e consciente de que estaria praticando o amor ágape, a solidariedade ao próximo? Perguntas válidas, respostas desconhecidas.

Se existem essas perguntas, existe outra mais ampla: o país precisa de mais leis além das que já existem e que se atropelam umas às outras, deixam de ser reconhecidas pelo desuso, são desrespeitadas como se fossem letra morta? A Nação necessita de mais leis mesmo tendo centenas delas sem aplicação prática e que permanecem emboloradas em conceitos perdidos no tempo?

A história da Humanidade nos mostra que no decurso do tempo as leis foram enxugadas e adaptadas a cada período da existência humana. Um exemplo são os dez mandamentos entregues por Deus a Moisés que podem ser resumidos numa única palavra: o amor, a única lei que realmente vale a pena existir e da qual deriva todo o comportamento humano.

É justa e válida a seguinte pergunta: o que fazer com os crimes e os criminosos, o lado perverso do ser humano, as atrocidades que se cometem à luz do dia, o vasto e tenebroso legado de qualquer tipo de violência que horroriza, deprime, gera o ódio e volta sobre si mesma? A resposta é simples, mesmo que sua compreensão demande o mais profundo exercício de interiorização jamais tentado pelo ser humano: quem ama preserva a Vida em sua mais alta instância e preserva também a propriedade do seu próximo.

Quando um ser humano desviar-se da conduta do amor para ingressar no território do crime, ele deveria ser punido com todo o rigor mas com uma diferença fundamental em relação ao acontece hoje: este ser humano seria punido pela sua conduta desviante, mas sua pessoa – imagem e semelhança de Deus – receberia o tratamento amoroso indispensável à sua reabilitação.

Nesse ponto, gostaria de relatar uma segunda experiência vivida por mim nestes últimos 28 anos dentro dos Alcoólicos Anônimos, irmandade que, para mim, é o maior exemplo de aplicação do amor

funcional e da existência humana como uma comunidade global. A irmandade possui características que poderiam servir de exemplo até mesmo para uma organização política. Veja como essas características poderiam ser aplicadas em várias situações:

a) – o princípio básico da irmandade é reunir um grupo de pessoas com doença incurável – no caso o alcoolismo –, procurando evitar a compulsão alcoólica, vivendo um dia de cada vez e ainda tendo a disposição permanente de ajudar o outro para salvar a sua própria vida. A isso eu chamo de prática do amor incondicional;

b) – os integrantes da irmandade utilizam um espaço físico – uma sala – onde seus membros se reúnem para manter o conagraçamento que os mantêm unidos em torno do objetivo comum. No caso dos AA, evitar o primeiro gole da bebida alcoólica;

c) – nas reuniões da irmandade existem pessoas que coordenam e secretariam as atividades – como, por exemplo, receber as visitas de alcoólatras que desejam se integrar ao grupo – e também para organizar as atividades sociais;

d) – um representante do grupo é escolhido para compor a estrutura local com suas comissões, comitês, etc;

e) – dois delegados estaduais incumbem-se de organizar a representação local junto à estrutura nacional do grupo;

f) – dois delegados representam o país nas reuniões mundiais.

Toda essa estrutura é montada sem que seja gasto um único centavo do Poder Público ou de qualquer outra instituição. O dinheiro necessário para movimentar toda a maquina administrativa do grupo é proveniente de doações de seus próprios membros. Cada membro só pode contribuir com a quantia máxima equivalente a

US\$ 1 mil. É desaconselhável a contribuição de quantias acima desse limite.

Todos os serviços são voluntários e podem ser feitos por determinado tempo Sugere-se que haja rodízio na responsabilidade pelos encargos do grupo, de tal forma que ninguém tenha atribuições de mando na Irmandade – todos iguais na doença, todos são iguais nas responsabilidades e nos direitos.

Uma frase das tradições de AA diz o seguinte: “Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum: um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança. Inexistem poderes para governar”.

Essa filosofia e estrutura funcionam – e muito bem – há mais de 72 anos em mais de 106 mil grupos distribuídos por 157 países. São mais de dois milhões de membros com suas línguas e costumes específicos. O que dá sustentação a todos eles é a máxima de “mantermos sóbrios e ajudar outro alcoólatra a se recuperar “. **Está é a linguagem que representa um ato de amor.**

Se realmente queremos encontrar caminhos que levam à solução dos graves problemas que assolam nosso país temos que reavaliar cada uma das nossas instituições públicas sob o ponto de vista da sua utilidade e aplicabilidade no mundo contemporâneo. Um exemplo bastante concreto seria uma profunda análise sobre a utilidade das Forças Armadas. Sou reservista de segunda categoria do glorioso Exército brasileiro pois prestei o serviço militar no antigo Tiro de Guerra, em 1958, sem receber um tostão por isso.

De lá para cá houve tantas mudanças no mundo que o propósito primordial do Exército e das demais armas tornou-se comprometido. A defesa da pátria contra um inimigo externo parece-me algo fora de

propósito até porque as Forças Armadas deixam de ter o necessário aparelhamento, que é caro tanto na aquisição mas também na manutenção. Os conflitos externos têm sido resolvidos com o uso da diplomacia. Um caminho para as Forças Armadas seria o treinamento para a defesa e manutenção da lei e da ordem internas. O Brasil participou como coadjuvante da Segunda Guerra mundial, isto findou em 1945. De lá para cá já são 57 na paz graças a Deus. Há décadas a maioria dos nossos soldados passa o tempo nos quartéis das capitais dos Estados sem um serviço prático. Eles poderiam integrar-se em sua totalidade, por exemplo, ao elogiável trabalho já executado pelas Forças Armadas brasileiras que é a prestação de assistência às comunidades distantes como a amazônica.

Tenho uma experiência que mostra a real utilidade de uma corporação militar. Em 1986, participei de um grupo de trabalho que tinha a missão de realizar o levantamento da situação dos aeroportos de Cruzeiro do Sul, no Acre, e de Tabatinga e Tefé, no Amazonas. Durante todo o tempo em que lá estive, nosso grupo de trabalho recebeu a cobertura e a segurança do Exército brasileiro. Pernoitamos nas instalações do Exército em Tabatinga e só podíamos cruzar a fronteira acomodados nos jipes da corporação.

É um desperdício deixar os membros destas corporações permanecerem durante todo um dia nos quartéis, executando serviços burocráticos e recebendo, para isso, o soldo que é o resultado dos impostos pagos pelos cidadãos. Os militares são pessoas bem treinadas, apresentando comportamento exemplar como pessoas e cidadãos. É uma pena dispensar seus serviços, por exemplo, como instrutores de disciplina ou de exercícios físicos nas escolas. Eles são profissionais que poderiam colaborar, e muito, com variados setores da sociedade.

O envolvimento dos militares com as comunidades seria um poderoso alento para a diminuição da violência, principalmente nas favelas dominadas por marginais de toda natureza. Os militares seriam excelentes instrumento para o ensino e a prática da cidadania. Neste mundo em constante e rápida transformação, as instituições públicas precisam ser reavaliadas para que se aproveite o potencial de cada uma na manutenção da ordem e do progresso que se deseja para o país.

## As Religiões

---

Existe a oportunidade de se viver uma segunda vida completamente diferente da primeira vida e para que isto aconteça é desnecessário morrer. Vive-se a primeira vida de forma ordinária, com seus desgostos, sofrimentos, desilusões, corrupção, violência. A segunda vida, correndo em paralelo à primeira como uma espécie de compensação ao traumático cotidiano dos seres humanos, abre espaço para a alegria, a diversão, o hedonismo, o ócio, o sexo sem a necessidade do afeto ou de qualquer compromisso, as viagens aleatórias para qualquer lugar do planeta e muito mais. Tradução: com um toque do divino em suas mãos, você pode tornar-se deus em causa própria e fugir da rotina mergulhando na vida que lhe seria mais aprazível e compensadora, criada à sua imagem e semelhança.

A segunda vida está na internet (<http://secondlife.com>) e nela, até o momento em que escrevo, já existem sete milhões de criaturas que, mesmo vivendo exclusivamente no plano virtual, movimentam dentro deste espaço intangível a fabulosa e concreta quantia que chega aos US\$ 2 milhões, a cada 24 horas. Creio que a segunda vida concebida dentro do limitado espaço de um monitor nos permite a formulação de uma pergunta simples e oportuna: por que as

peças estão aderindo a este fabuloso sonho criado pela tecnologia?

Ninguém melhor que meu amigo Miguel, professor universitário, para discutir comigo este assunto. Homem vivido, experiente nos labirintos da tecnologia e, simultaneamente, da alma humana, Miguel concorda comigo, de imediato, que o ser humano vive uma completa desorientação, colhendo o resultado dos erros cometidos no passado, principalmente aqueles que envolvem as religiões.

– As religiões, Antônio, se propõem a responder aos inúmeros questionamentos existenciais que o ser humano leva dentro de si como uma poderosa carga genética. É uma carga fixada no corpo e no espírito de todos nós desde o momento em que o primeiro homem, fiel ao instinto da sobrevivência, curvou-se ao espantoso poder de um trovão, sentiu medo e identificou na fúria da natureza a manifestação de algo superior.

– Eu creio, Miguel, que talvez tenha sido a partir dessa manifestação primordial que a igreja católica, por exemplo, criou seu deus raivoso e vingativo. Essa criatura, mergulhada na aura tenebrosa que resulta do medo de um castigo, simplesmente inexistente na fé daqueles que professam a fé num Deus amoroso que chegou ao extremo de enviar à humanidade seu filho Jesus, como um elo de ligação entre as criaturas terrenas e o divino.

– Exatamente, Antônio. De qualquer maneira, e apesar de todos os erros cometidos pela igreja católica tanto no aspecto da fé mas também no plano terreno, é indiscutível que ela ainda possui papel fundamental na vida dos seres humanos, tendo em vista sua antiguidade. O fato é que a evolução do ser humano teria sido prejudicada sem a atuação das religiões, que eu chamo de “elo de conexão” do homem com o divino.

– É uma expressão bastante oportuna, Miguel. Eu creio que, de modo geral, todos os elos de conexão – budistas, muçulmanos, hinduístas, católicos e tantos outros – apresentam em suas respectivas doutrinas procedimentos e conceitos que elevam as pessoas a um patamar mais alto na escala humana. O problema deixa de ser a doutrina, mas a práxis. Por exemplo: Jesus Cristo condenou, com absoluta convicção, o farisaísmo e os escribas.

– É verdade, Antônio, num entanto, apesar disso, a burocracia da igreja católica determina preceitos como a condenação aos divorciados e ao uso da camisinha nas relações sexuais. Mais: a igreja continua afirmando que o inferno existe depois da morte como castigo eterno para os pecadores, o que nos remete àquela manifestação primordial do homem que teve medo do trovão. Se o fiel desconhece o que é a morte pois nunca a experimentou, o inferno é, exclusivamente, uma imagem terrível que lhe serve de cabresto para seguir as orientações de uma igreja raivosa. O inferno, ou pelo menos uma versão dele, já nos rodeia. Está no Iraque e no Rio de Janeiro. A infalibilidade dos papas, cujo dogma foi criado no século XVIII, no I Concílio Vaticano, é a demonstração do corporativismo da Santa Sé.

– E como você, Miguel, relaciona este rápido levantamento que fez com a desorientação das pessoas neste novo milênio?

– Ora, Antônio, quando as pessoas conhecem detalhes da organização temporal e humana de suas respectivas religiões, percebem que elas são moldadas em preconceitos, violência, oportunismo, politicagem, interesses financeiros e tanto mais. Ou seja: as religiões – todas elas – ocultam sob a aura do divino a sua realidade humana que contradiz claramente suas lições morais e

seus dogmas. Consequentemente, os fiéis perdem a confiança, o que resulta em desorientação.

– Concordamos, Miguel, que a igreja católica exerceu e ainda exerce grande influência sobre as sociedades do mundo.

– Percebo, Antônio, que devido à pressão do clero o papa Bento XVI já está falando em amor. Editou, inclusive, uma encíclica sobre o tema, embora ainda confunda as coisas. Por exemplo, na encíclica o papa busca diferenciar o amor Eros do amor ágape e também enfatiza que Deus nos ama sob a forma do amor ágape e também no amor Eros, o que simbolizaria a dualidade humana e divina de Deus. Ao usar Descartes para a separação das varias faces de Deus, o papa comete um erro porque a minha fé diz, Antônio, que Deus simplesmente É. O resto é dialética sem nenhuma utilidade pratica.

– Eu também li a encíclica, Miguel, e tenho alguns reparos. Percebe-se claramente a confusão papal porque ao tentar distinguir os vários amores ele mistura sentimento com comportamento. Na minha opinião só existe um amor cristão e ele é o amor ágape, o amor que é inerente ao comportamento humano. Se você ama é solidário, fraterno, ético, reúne todas as possibilidade de ser feliz. Portanto, vamos deixar a dialética de lado e nos concentrarmos na prática do amor ágape, um resumo de todos os valores positivos do ser humano.

– Até agora, Antônio, falamos da igreja católica e deixamos de abordar as outras religiões. Creio que as diversas igrejas evangélicas, por exemplo, diferenciam-se bastante em seus dogmas, dificultando seu entendimento, No entanto, há um ponto em comum na maioria delas, que é a instituição do dízimo. A camada mais pobre da população, a mais seduzida pelas igrejas evangélicas, é a principal mantenedora temporal de cada uma delas. Esta situação

nos leva a concluir que nenhuma religião sobrevive sem o amparo do dinheiro, criação humana.

Se os fiéis mantêm as igrejas, mais um motivo para que eles deixem de receber ameaças como o fogo do inferno ou a possibilidade da libertação do demônio que corrompe suas vidas para envolver-se no clima de conforto e refrigério espiritual advindo do amor. Toda e qualquer igreja, creio, deveria pregar exclusivamente o amor ágape, o amor incondicional de deus, seja ela qual for. As religiões mais radicais deveriam abrir espaço para livre arbítrio de seus fiéis, para que eles possam agir em suas vidas com liberdade, mas sabendo que ela é irmã gêmea da responsabilidade.

– Você tá certo, Miguel. Como você sabe, sou membro de Alcoólicos Anônimos. A programação de recuperação do alcoólico é baseado em 12 passos que eu apliquei e ainda aplico em meu dia a dia para minha felicidade e das pessoas que me são caras. Tornei-me uma pessoa melhor, mais calma, mais espiritualizada e mais amorosa.

Baseado exatamente nos 12 passos dos AA, tive a ideia de criar doze passos que, na minha crença, poderiam ajudar na melhoria do ser humano:

### **12 passos para o crescimento espiritual:**

1) – admitimos que somos egoístas e por isso perdemos a capacidade de amar;

2) – acreditamos que um Poder Superior pode nos devolver o bom senso para amar;

3) – decidimos entregar nossa vontade a Deus na certeza de Seu amor;

- 4) – fizemos minucioso inventário de nossa vida;
- 5) – admitimos a Deus e a outra pessoa de nossa confiança a natureza exata de nossas falhas;
- 6) – prontificamos-nos a permitir que Deus remova todos os nossos defeitos de caráter;
- 7) – humildemente, rogamos a Deus que nos livre de nossas imperfeições;
- 8) – fizemos uma relação das pessoas que prejudicamos e nos dispusemos a reparar os erros cometidos;
- 9) – fizemos reparações as estas pessoas, sempre que possível.
- 10) – realizamos o nosso inventario pessoal, todos os dias, para reparar os prejuízos que causamos às pessoas .
- 11) – procuramos, por meio da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, rogando o conhecimento de Sua vontade e pedindo forças para realizá-la;
- 12) – tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procuramos adotar o amor no nosso compartilhamento cotidiano com o nosso próximo.
  - Antônio, para quem está desorientado um roteiro realista de melhoria do ser humano como o que você propõe é bem vindo.
  - Miguel, tenho outra proposta. Trata-se de uma atualização do Pai Nosso, que poderia ser assim:

## **PAI NOSSO**

Presença constante entre nós, glorificado seja por todos. Agradecemos a dádiva de compartilhar convosco seu amor eterno.

Possamos, Senhor, com sua ajuda, desfrutar nossa vida em plenitude do amor. Daí-nos a vossa Sabedoria. Amém.

## Tecnologia e Medicina

---

Os cientistas preveem que até o ano de 2015 esteja pronto o primeiro cérebro eletrônico e também o nanocóptero, dotado de propulsor de níquel e movido por um motor do tamanho de um vírus e usando como combustível a própria ATP do corpo humano. O nanocóptero é uma invenção destinada basicamente aos médicos, já que será capaz de realizar manobras dentro do corpo humano para resolver o problema de uma infecção no fígado, fazer biópsias e até destruir tumores, entre outras atividades.

Estas e muitas outras são promessas alvissareiras que a tecnologia e a medicina pretendem colocar à disposição da Humanidade em futuro bem próximo. A biotecnologia promete reverter o envelhecimento e prolongar a vida até à imortalidade. Tivemos mudanças notáveis no século XX, impulsionadas pela tecnologia e pela medicina, com impressionantes influências no comportamento humano. Depois que o homem pisou na lua, verificamos que inexistem limitações para o ser humano. O otimismo nos avanços tecnológicos que permeou os anos 60 perdura até hoje, ofuscado obviamente pela violência da guerra e das desigualdades sociais.

O desenvolvimento da Ciência que impulsionará a medicina e a tecnologia é um acontecimento inexorável e bem-vindo.

Paradoxalmente, os beneficiários desses acontecimentos do porvir, o ser humano, ainda está aprisionado na tentativa de resolver questões que remontam aos primórdios da civilização. Temos de enfrentar uma verdade cruel: todo progresso conseguido nos últimos tempos pelos seres humanos teve como consequência paralela a dificuldade de encontrar a felicidade. Por que?

Este é um bom assunto para discutir com meu amigo Val, médico atualizado e competente, a quem perguntei: por que os avanços ocorridos na Ciência e na tecnologia deixaram de proporcionar aos seres humanos maiores doses de satisfação ou contentamento.

– Antônio, posso relatar-lhe uma experiência pessoal. Quando comecei a clinicar, na década de 60, já usufruíamos o grande conforto que significava a existência da penicilina, a grande descoberta médica do Dr. Fleming registrada em 1928 e que proporcionou a recuperação de pacientes afetados por doenças consideradas fatais como a tuberculose, por exemplo. A penicilina elevou a expectativa de vida de 48 anos para 62 anos, como informam dados de 1990. Atualmente, em Brasília, por exemplo, a média de vida é de 75 anos. A descoberta do DNA, em 1953, foi outro marco na história da Medicina que permitiu avanços fabulosos.

A invenção do transistor facilitou as comunicações e permitiu a criação do computador, hoje funcionando por meio de chips. No século XX, o homem desenvolveu-se mais do que em toda a história da Humanidade até então. Nós, médicos, agora apresentamos diagnósticos somente após submeter o paciente a vários exames laboratoriais e elétrico/eletrônico/magnéticos, entre outros procedimentos disponíveis para a detecção de doenças. Certamente esses avanços são importantíssimos mas, por outro lado, nós, profissionais da saúde, acabamos considerando o paciente como um

cliente, esquecendo-nos por completo do ser humano que está a nossa frente inseguro, perdido e desamparado em seu sofrimento físico e moral.

– Você, Antônio, queria uma resposta, uma justificativa para a insatisfação humana. Fiz esta pequena dissertação para concluir que apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos, nos esquecemos de aperfeiçoar nossos valores éticos e morais e por isso vivemos o desconforto que é uma crise existencial planetária.

– O século que passou, Val, foi marcado pelo individualismo e pela conseqüente solidão do ser humano. O binômio poder e dinheiro foi a agenda para a competição desenfreada, sendo o sucesso a qualquer custo a determinante do comportamento humano. Impulsionamos o progresso e a civilização, é verdade, mas por outro lado voltamos ao período animalesco da satisfação do aqui e do agora. Desprezamos os relacionamentos harmônicos com o nosso semelhante e também com a Mãe Natureza. Se quisermos ajustar nossas vidas aos avanços científicos e tecnológicos, que tendem a avançar cada vez mais, só existe um caminho: a prática do amor funcional como referência para todos os atos humanos.

– Esta é uma novidade, Antônio. Já ouvi falar de vários amores mas nunca de amor funcional.

– Na verdade Val, inexistente novidade. O amor funcional já existe há mais de 2.000 anos e foi pregado por Jesus Cristo. O que acontece é que as pessoas perderam a perspectiva da sabedoria existente nas palavras de Cristo. Aprendi recentemente que o amor recomendado por Cristo é um ato de vontade de cada um, manifestado pelo nosso **comportamento** perante outro ser humano nos vários tipos de relacionamentos que temos em nosso

cotidiano. É o amor traduzido por São Paulo aos Coríntios como bondoso, paciente, humilde, generoso.

Agora mesmo, Val, você disse que os médicos vêm os pacientes como clientes, perderam a humanidade que precisa existir na relação entre eles. O que está faltando, neste caso, é exatamente isto, o amor funcional, aquele que nos impulsiona à prestação de serviço ao nosso semelhante. Uma pessoa doente, por exemplo, muitas vezes precisa de uma palavra de carinho e de consolo mais do que de remédios. Em suma, precisamos humanizar o progresso, para que ele possa ser colocado a serviço do homem.

– Vou lhe dar um exemplo, Val. Ao receber um paciente, o médico tem duas opções: atendê-lo em dez minutos porque a sala de espera está cheia ou atender esta pessoa à sua frente como se fosse a imagem e semelhança de Deus, oferecendo-lhe amor, além dos cuidados profissionais, independente do tempo que leve a consulta ou o exame. A primeira opção do atendimento, que eu poderia chamar de “vapt-vupt”, significa a burocrática e até descuidada atenção relativa ao paciente, tão grande é a rapidez com que é feita. Nesta opção, o médico em duas horas terá esvaziado seu consultório e terá tempo para outras atividades como, por exemplo tomar uma cervejinha.

Se ele optou pela opção dois, terá agido com a consciência de que cada pessoa merece todo o cuidado e desvelo, mesmo sabendo que a quantidade de clientes à espera levará o atendimento noite adentro, obrigando este profissional a sacrificar, quem sabe, planos que seriam realizados junto com a família. O que temos neste exemplo simples e corriqueiros é a prática do amor funcional – aquele que o médico oferece desinteressadamente, pelo simples fato

de que é generoso o bastante para sacrificar uma parte da sua própria vida.

Obviamente, os médicos também são seres humanos. Também precisam de descanso, de lazer, de uma vida pessoal plena. É desnecessário, claro, que o amor funcional que pode ser oferecido por este médico seja um instrumento para desconstruir sua vida pessoal. Apenas acredito que vale a pena um profissional médico estender o seu conhecimento para muito além da técnica, acrescentando-lhe uma porção de amor pelo seu semelhante. Ele pode fazer isso, nem que seja eventualmente. Já seria alguma coisa.

– Concordo com você, Antônio. Do seu ponto de vista, o amor funcional pode mesmo integrar a missão dos médicos e de outros profissionais. Essa atitude se aplica também no nosso cotidiano nos consultórios particulares. Procuro fazer isso, por exemplo, na minha rotina de visitar os asilos para levar palavras de carinho aos velhinhos e também para prestar-lhes serviços médicos. Esta é uma atividade que sempre me proporcionou imensa satisfação e alegria.

Este resumo da minha conversa com Val concentra os meus conceitos sobre o amor funcional aplicado à medicina. Mas, o que dizer da tecnologia? Meu amigo George, engenheiro eletrônico e professor universitário, é a pessoa certa para uma conversa sobre o assunto.

Digo a George que, embora tenhamos atingido um patamar tecnológico invejável, o ser humano parece estar cada vez mais infeliz e inquieto. Pergunto se ele teria alguma explicação para isso.

– Antônio, desde a descoberta do fogo pelos homens primitivos até a nanotecnologia de hoje o homem percorreu um longo caminho. A invenção do primeiro espelho surgiu na Itália em 1291, uma nova invenção ocorreu só em 1454, Gutenberg inventou a

máquina impressora, que permitiu o surgimento da imprensa. Entre uma invenção e outra transcorreram-se 163 anos. Hoje em dia, um avanço ou descoberta tecnológica ocorre com impressionante rapidez. Muitas vezes, uma novidade aparece em poucos meses ou mesmo dias desde que a última foi anunciada.

Esta aceleração do progresso tecnológico tem levado o ser humano à perplexidade, admiração e expectativa. Lembra-se, Antônio, da primeira vez que você usou um telefone celular? Você passou da perplexidade para a admiração pela capacidade do ser humano em desenvolver estas belezas tecnológicas. Em seguida, criou expectativas: como vou me beneficiar dessa nova tecnologia? O que virá depois dela? Passadas essas etapas, você agregou o telefone celular à sua vida. A tecnologia que espantava agora está no seu bolso.

Outro exemplo é a internet, que oferece muitas coisas boas para o ser humano mas também acabou refletindo todas as mazelas e horrores que vivenciamos no nosso dia-a-dia. A internet, desse ponto de vista, nada mais é do que a vida real no mundo virtual, com o agravante de estar, em muitos casos, tornando o ser humano individualista e solitário. A cada dia o mundo virtual retira as pessoas da realidade para oferecer-lhes um mundo de ilusões que, quase sempre, independem do contato entre semelhantes. Vejo por exemplo pessoas caminhando em seu passeio matinal de short, mas com seu Ipod no ouvido e o celular na cintura. Ficam completamente alheios aos outros caminhantes, assim como perdem a oportunidade de admirar a natureza. Quando chegam em casa ou vão assistir televisão ou navegar pela internet. O que parece Antonio é que estas pessoas estão fugindo da realidade, para viverem as ilusões da vida.

Ao agir de fora para dentro do ser humano sem que haja a aplicação dos sentidos do tato, cheiro, paladar – sensações tão humanas – as informações geradas pela internet, no que se refere às relações interpessoais, deixam de criar no receptor os sentimentos e as emoções convencionais com as quais nosso cérebro está habituado a lidar. Com isso, deixa de existir a agregação da satisfação. Esta situação leva a uma pergunta; você, Antônio, tem necessidade de telefone celular e de internet?

– George, compreendo onde você quer chegar. A resposta é sim, **agora** que o celular e a internet existem eu tenho necessidade deles mas é interessante perceber que durante séculos vivemos sem esses dois instrumentos tecnológicos. Com sua pergunta você está dizendo que nos tornamos escravos de algo que era desnecessária no passado.

– Tenho o que talvez seja uma teoria maluca para explicar o porquê da aceitação da televisão, da música ouvida em alto volume, do telefone celular ou da internet: o ser humano está fugindo de si mesmo, evitando pensar na realidade da vida e da morte. A morte, principalmente, precisa ser esconjurada de nossa mente e, para isto qualquer novidade será instrumento importante para disfarçar o fato de que a morte é uma realidade definitiva para cada um de nós.

– Você Antonio, pode ter alguma razão para pensar assim, embora esta preocupação inexista para mim. Explico: ao criarmos o passado e o futuro criamos a irrealidade da vida porque ou vivemos mergulhados na nostalgia do remorso e das culpas do passado ou sofremos por antecipação as angústias dos projetos futuros, deixando de viver a única coisa real, que é o nosso presente. Quando você vive o presente quer fazer dele o melhor que você

pode e uma das maneiras de fazer isso é amando o próximo, acumulando satisfações no seu banco da vida.

– Sei George, que você crê em Deus e, uma vez que possui esta crença, deixa de temer ou de ter angustia com o porvir.

– Então, Antônio, resumindo a resposta para sua pergunta inicial: a tecnologia é apenas uma ferramenta na mão do homem na busca da sua melhoria como habitante do planeta Terra. Compete ao ser humano, usando seu livre arbítrio e a sua liberdade como ser pensante, usar os aparatos tecnológicos para relacionar-se melhor como indivíduo e como instrumento que impulsiona o progresso, sem excluir dele o amor funcional que você defende.

## CAPÍTULO XIII

# Emoções

---

A música, certamente, oferece um colorido todo especial às nossas vidas pois lida com sentimentos que muitas vezes estão adormecidos no nosso íntimo. Viver sem a emoção dos sentimentos deixa de ser inerente aos seres humanos para nos transformar na condição de robôs e autômatos, seres criados para a realização de tarefas metodicamente programadas por computadores.

No entanto, o colorido, o pulsar da vida que nos oferece as emoções também podem nos atrapalhar enormemente. As variadas nuances das emoções podem nos trazer alegrias ou desconfortos. A intensidade emocional relacionada ao amor pode intensificá-lo mas pode também destruí-lo caso a emoção nele envolvida tenha conotações negativas.

Uma das muitas sabedorias que vamos acumulando ao longo da vida consiste exatamente na gradação que empregamos na vivência e na demonstração das nossas emoções, tão essenciais à sobrevivência interior de cada um de nós. Na verdade, nossa felicidade, satisfação e realização de nossos ideais estão subordinados à carga emocional de nossas vidas.

Para uma melhor compreensão das emoções, conversei com minha amiga Amélia, estudiosa desse assunto. Começo lembrando o

óbvio: os seres humanos levam dentro de si emoções positivas e negativas. Entre as positivas eu posso lembrar as variadas emoções que nos levam, em graus diferentes, às sensações de euforia, regozijo, alegria, bem-estar generalizado com o mundo que nos cerca. Entre as emoções negativas estão as que provocam a ira, a agressividade, o desprezo, a hostilidade, a inveja, o ciúme.

– A gradação das emoções, Amélia, pelo que eu conheço, continua com o pânico, medo, angústia, ansiedade, vergonha e culpa são emoções relacionadas à nossa proteção física e emocional. Existem também sintomas emocionais patológicos como as fobias, o tédio, o vazio, a depressão. Sabemos, Amélia, que as primeiras emoções sentidas pelos seres humanos foram ligadas ao pânico, ao medo, uma vez que os indefesos habitantes das árvores foram obrigados, por uma questão de sobrevivência, a descer até o solo e a enfrentarem inimigos muitas vezes mais fortes que eles.

– O aparato emocional do homem primitivo foi a maneira que a natureza encontrou para prepará-lo para a sobrevivência, forçando-o a tomar decisões que significavam a diferença entre a vida e a morte. As emoções relacionadas ao medo, por exemplo, forçou os primeiros hominídeos a se decidirem pelo ataque ou pela fuga. A partir daí, o medo, instalado no ser humano de maneira instintiva, integrou-se ao nosso íntimo como um permanente estado de defesa que sempre nos alerta quando estamos em real situação de perigo. Ter medo quando estamos no interior de um banco e ocorre um assalto, por exemplo, é uma reação que nos desperta imediatamente o velho instinto da sobrevivência. Numa situação extrema como esta, nossa mente analisa rapidamente o instante que estamos vivendo e, de modo geral, nos força a ficar apático, porque reagir diante do poder de uma arma que pode nos levar à morte.

O que observo hoje, Amélia, é o retorno da lei das selvas que, implantada nas grandes cidades, também já avança para o interior, obrigando as pessoas a conviverem com as duras emoções originadas na agressividade, na violência e na falta de amor que se generalizou entre praticamente todos os países do mundo.

– Antônio, toda a humanidade vive um momento tumultuado, confuso, sem esperanças à vista. Tenho algumas teorias sobre esse estado de coisas. Veja: ao longo do tempo, a urbanização das cidades aconteceram sem critérios definidos, de maneira desordenada e em curto espaço de tempo, motivada pela industrialização que começou a atrair grandes levas da população rural que via nas cidades condições de uma vida melhor que o campo deixava de oferecer.

Aquele caipira ou roceiro pacífico, ingênuo e desprovido de maldade viu-se repentinamente colocado na periferia de um mundo competitivo e cruel que ele estava despreparado para enfrentar e, muito menos, conviver. O que podemos observar é que houve um choque entre a natureza agressiva dos grandes centros urbanos e a pacata existência das pessoas que viviam no campo.

Apesar do grande choque cultural criado pela coexistência dos dois estilos de vida, a cultura das cidades incorporou-se ao estilo de vida do homem do campo que procurou o centro urbano para viver e para tentar a melhoria de vida. É o caso dos nordestinos do Brasil, por exemplo, que chegaram a São Paulo, o coração financeiro e econômico do país, fugindo da seca, da miséria, da fome. É natural que a cultura da cidade grande acabasse se incorporando ao estilo de vida do homem do campo, mesmo que ele, ao longo da vida, sempre guarde a lembrança e os costumes da terra natal, além do

perpétuo desejo de retornar à terra natal em condições melhores do que a época em que a deixou.

Apesar de assimilar o estilo de vida do centro urbano, o homem do campo encontrou-se no centro de uma luta desigual. Geralmente, o cidadão tem formação escolar, um bom emprego, uma casa decente, o mínimo de conforto. O homem do campo, sem os subsídios exigidos pela cidade grande para beneficiar seus habitantes, conformou-se com o subemprego, com a favela e todas as dificuldades que, de certa forma, se equiparam às mesmas que ele deixou na terra natal. O nosso roceiro passou a vivenciar os mesmos deveres do cidadão mas sem a contra-partida que o cidadão do centro urbano dispõe.

Como tudo na vida deste homem do campo que vive na cidade grande é precário, principalmente a sua subsistência e a de sua família, ele só poderia retroagir, digamos assim, à época das cavernas no que se refere ao seu estilo de vida. Muitos dos nossos roceiros instalados na cidade grande conseguiram se adaptar e encontraram os meios para serem elevados à categoria de cidadãos de primeira classe. A sorte é um fator importante neste caso, já que muitas vezes o roceiro teve o apoio de parentes para se adaptar à cidade mas também para progredir nela.

– Creio que outro fator deve ser levado em conta, Amélia: a massificação das comunicações. A televisão, por exemplo, dita modismos e uma maneira de viver completamente inacessível aos menos privilegiados. Seguindo o seu raciocínio, creio que a desestruturação social – que mexe com todos os sentimentos e emoções do ser humano desde a inveja até o ódio, passando pelo desânimo, pode ter contribuído para a elevação desta violência,

principalmente entre nossos jovens, e que se tornou responsável por uma quantidade incalculável de mortes.

– Para os mais afortunados, Antônio, surgiu um novo elemento, resultante basicamente das desigualdades sociais: o medo. Veja: depois do medo de perder a vida, o maior medo dos ricos e poderosos é a perda do status social, do estilo de vida construído legal ou ilegalmente, da influência que exercem sobre variadas camadas da população, da sensação de superioridade proporcionada pela riqueza. Esta é uma nítida tradução do axioma segundo o qual: para alguém ganhar alguma coisa, alguém tem de perder.

– O trágico, Amélia, é que em nossos tempos as atenções dos seres humanos extrapolaram a necessidade da sobrevivência do corpo – e por consequência da vida – e concentraram-se no atendimento dos seus desejos subjetivos. Como o atendimento desses desejos é um poço sem fundo, sempre haverá desejos irrealizados, o que também sempre criará expectativas de que eles serão atendidos. Como o ser humano também usa a razão, uma possível consequência dessas expectativas é o caminho para outras emoções como a ansiedade, a culpa e o tédio, que podemos classificar como emoções passivas. Outras podem ser identificadas como pro-ativas, como é o caso da ira, da raiva e da agressividade.

– Sabemos, Antônio, que devido a esses conflitos gerados pelas emoções e pelos sentimentos, muitas vezes emoções positivas como a euforia – que, na verdade, é um sentimento infantil de onipotência – podem ser provocadas pelas drogas como o álcool, a maconha, a cocaína, etc. Com exceção do álcool e do fumo,, todas as outras drogas são ilegais e para consegui-las o único meio é por meio de traficantes. Uma coisa leva a outra e, assim, temos um cenário trágico: emoções impossíveis de serem correspondidas pela

realidade dos fatos (sem dinheiro, impossível conseguir o objeto de consumo que se deseja), corrupção (um meio para conseguir o dinheiro e o status social desejado), violência, consumo de drogas legais ou ilegais (muitas vezes como escape para a vida repleta de emoções sentidas mas deixadas de serem realizadas), acidentes de trânsito, homicídios, roubos, assaltos. A euforia pode se tornar, portanto, uma emoção destrutiva e alienante. Uma emoção altamente positiva como é o caso da alegria – resultado de momentos de felicidade – tornou-se difícil de ser sentida, tendo em vista a enorme variedade de emoções irrealizadas ou de expectativas frustradas.

– Fator importante nisso tudo, Amélia, é um sentimento emocional bastante intenso quando praticamos a espiritualidade: a satisfação conseguida pelo ser humano quando a força do ego é diminuída pelo amor, o único sentimento que harmoniza todos os outros. O pecado original, criado pela igreja católica, é simplesmente o egoísmo que trazemos registrado em nosso subconsciente como herança do cérebro primitivo.

– Seguindo seu raciocínio, Antônio, só vejo uma saída para que possamos, de fato, harmonizar, nossos instintos e, por consequência, nossas emoções. Trata-se da aplicação da espiritualidade com a mesma atenção que dedicamos ao nosso corpo, à nossa sobrevivência na comunidade em que vivemos, no contexto social da Nação.

– Existe uma Oração da Serenidade nos Alcoólicos Anônimos, Amélia, que foi incorporada por acaso à prática do programa de recuperação dos alcoólicos. No começo de AA, um de seus integrantes estava folheando o jornal, quando encontrou, na seção de obituário, a seguinte oração:

“Concedei-nos, Senhor, a **serenidade** necessária para aceitar as coisas que são impossíveis de modificar; **coragem** para modificar aquelas que podemos; e **sabedoria** para distinguir umas das outras”.

Conscientes da profundidade desta evocação, os integrantes dos AA chegaram ao consenso de que ela deveria ser proferida em todas as reuniões do grupo, no começo e no fim. Esta prática incorporou-se aos AA do mundo todo. A doença do alcoolismo é a doença das emoções conjugada com uma predisposição genética do organismo e mais todo um contexto social aliado aos dois anteriores.

O alcoolismo, portanto, é uma doença bio-psico-social, incurável. Ela é biológica porque a química do organismo do alcoólico reage de maneira diferente de outras pessoas ao ingerir a substância álcool. No organismo da pessoa normal, digamos assim, quando a bebida alcoólica é ingerida a primeira transformação processada pelo fígado é transformar o álcool em aldeído acético. Em seguida, esse elemento é transformado em ácido acético que, finalmente, converte-se em gás carbônico e água.

Já no organismo do alcoólico, há uma falha na transformação do aldeído acético porque o fígado produz uma enzima chamada desidrogenase alcoólica que, no alcoólico, atua mais lentamente, o que acarreta a produção de outras substâncias – devido à demora na transformação do aldeído acético – como as isoquinolinas e as carbolinas, que atuam diretamente na ínsula e na amígdala cerebrais, locais onde são processadas as sensações do prazer e bem-estar. Estas substâncias imitam os efeitos do ópio. Como a duração dos efeitos do álcool é rápida, e logo em seguida surge a sensação de mal-estar e desconforto, o alcoólico é obrigado a ingerir

mais álcool para dar continuidade aos pequenos momentos de euforia. Para o alcoólico, beber é uma necessidade bioquímica.

Inexiste qualquer medicamento que possa curar esta anomalia do alcoólico. O lado psicológico do alcoólico torna-se completamente desarranjado e é por isso que a classificação Internacional das doenças classifica o alcoolismo como doença mental, devido aos seus efeitos comprometedores da psique. O convívio social do alcoólico é uma ciranda de comportamentos e de emoções contraditórias: ora são jocosos, ora chorosos, ora violentos, etc. A prática do programa dos Alcoólicos substitui as emoções doentes por outras sadias, ao harmonizar os impulsos internos dos desejos do alcoólico.

O trabalho do grupo – que tem o objetivo fundamental de permitir a ajuda mútua para que cada um se abstenha da bebida alcoólica – fortalece o convívio social do alcoólico e o afasta do isolamento, permitindo sua reintegração familiar e comunitário. Quanto a parte psicológica e social do alcoólico se estabiliza em níveis aceitáveis, a parte bioquímica permanece inerte porque deixa de existir a ingestão do “primeiro gole”. Sem o álcool no organismo, o alcoólico volta a desfrutar de uma vida normal. Esta normalidade, no entanto, é mantida sob severa vigilância.

A Oração da Serenidade lembra constantemente ao alcoólico que ele precisa de Deus para que ele possa **aceitar** sua condição de portador de uma doença terrível; precisa de **coragem** para realizar as mudanças em seu comportamento de tal forma, que suas emoções se equilibrem; e precisa de **Sabedoria** para ter suficiente humildade em distinguir a sua atuação e a de Deus. É muito importante que todos os membros dos AA (sigla que também pode

ser traduzida como Amor em Ação) levem esta mensagem de salvação ao próximo.

– Eu creio, Antônio, que os AA são um exemplo perfeito do amor funcional que você defende e que é realmente necessário ao mundo. As pessoas têm de deixar seu egocentrismo e viver para si mesmas, elas precisam compartilhar o que têm de melhor com seu semelhante. Devem deixar de viver olhando o próprio umbigo pois ao fazerem isso as leva a perder as referências externas uma vez que estão ilhadas em seu mundo inalterado. Sem a dinâmica da vida para envolvê-las, as pessoas ficam estagnadas e isoladas de uma convivência com o próximo que poderia ser produtiva e construtiva.

– Sem duvida nenhuma, Amélia. O isolamento das pessoas em seu nicho particular, sem contato nem com os vizinhos – seja em apartamentos ou casas – resulta no individualismo nefasto, que é a semente da depressão e outros males. Chego a imaginar que meios de comunicação como o rádio e a televisão, por exemplo, poderiam contribuir muito para ajudar as pessoas a quebrarem seu isolamento, sem necessidade de deixar de lado seus interesses comerciais já que essas emissoras precisam sobreviver.

Tenho até mesmo a sugestão de um programa televisivo, Amélia. Seria um programa interativo no qual pessoas de uma determinada casa ou apartamento seriam sorteadas. Para ganharem o prêmio, os membros da família da casa/apartamento, deveriam demonstrar que conhecem todos os detalhes a respeito de seus vizinhos localizados no lado direito e no lado esquerdo de suas residências. Esses vizinhos, naturalmente, já teriam passado informações para a produção do programa de modo que já estivessem disponíveis informações sobre, por exemplo, a quantidade de membros da família, seus interesses, como se divertem, etc. Seriam informações

simples que dariam a oportunidade dos vizinhos demonstrarem o quanto se conhecem e, talvez, o programa televisivo pudesse estimular as pessoas a se entrosarem melhor, a partilharem o cotidiano que fica mais fácil de ser vivido quando temos o apoio de quem conhecemos e prezamos. Esse tipo de contato poderá criar – quem sabe? – sólidas amizades que estariam inertes e desperdiçadas pela falta de uma simples convivência mais próxima e afetiva entre vizinhos. Eis, imagino, uma oportunidade para a prática do amor funcional aplicado na vida de cada um de nós.

## Qualidade de Vida

---

A saúde já foi classificada como ausência de doença. Hoje em dia, o entendimento sobre o que seja saúde ganhou densidade e amplitude, englobando também as agruras vividas por um ser humano que sente no próprio corpo e no espírito o resultado da agressão e da violência que ele direcionou às forças fundamentais do planeta em que vive. De maneira incisiva e definitiva, o termo “qualidade de vida” integrou-se ao nosso vocabulário para significar o bem-estar do corpo e do espírito, a nossa saúde física e mental.

As prioridades para quem deseja uma boa qualidade de vida deveriam ser hábitos saudáveis na alimentação, a prática de exercícios físicos, transformar o trabalho numa atividade prazerosa, ter bons relacionamentos interpessoais, cultivar amizades, desfrutar o lazer, praticar a espiritualidade direcionada a qualquer religião e reservar tempo para a meditação, tudo isto temperado com uma grande dose de amor.

Este, naturalmente, é um apanhado de situações e regras de comportamento que nem sempre estão disponíveis para todas as pessoas, tornando-se, portanto, a visão idealizada de uma vida disponível exclusivamente para quem possui os recursos financeiros que levem esta espécie de sonho para o cotidiano concreto de cada

um de nós. Este é um ótimo assunto para conversar com meu amigo Samuel, médico geriatra e professor universitário.

– No mundo contemporâneo, Antônio, existem variáveis que podem ajudar ou prejudicar a qualidade de vida. Fiquemos no caso do Brasil. Eu diria que variáveis positivas são as condições sanitárias da população, que realmente melhoraram significativamente. A renda familiar já cobre as despesas primárias de uma residência. Os serviços de saúde, tanto preventivo quanto curativo, têm registrado uma substancial melhoria para a população em geral. A educação vem sendo aperfeiçoada. A tecnologia oferece praticidade e conforto às pessoas.

Hoje, a longevidade é a maior de todos os tempos. A situação privilegiada que descrevi alcança apenas uma parcela da população, uma vez que é clara e visível a má distribuição da riqueza do país e a permanência dos excluídos do grande banquete da fartura. Ainda são facilmente detectáveis, nas grandes cidades e no campo, situações de miséria e de degradação do ser humano, levado a um inacreditável grau de abandono pelo poder público.

Entre aquela faixa da população que possui os recursos para usufruir uma boa qualidade de vida, no entanto, vem-se observando um fenômeno que é velho e continua a preocupar pela sua permanência: essas pessoas, por motivos variados, apresentam doenças psicossomáticas que as impedem de sentir o que poderia ser chamado de felicidade. É claro que a felicidade nunca foi e jamais será um estado permanente do indivíduo. Eu gosto de dizer, Antônio, que nós vivemos apanhando, aqui e ali, momentos de felicidade que, no conjunto e ao longo de nossas vidas, nos confortam, animam e nos impulsionam a continuar em frente.

A busca pela felicidade é um dado inquestionável, desde que o ser humano passou a usar sua razão para tentar compreender o mundo que o cerca e o fez questionar os motivos de sua existência sobre a face da Terra . A felicidade, tal qual a entendemos, pode ser provocada por gestos e situações simples ou grandiosas. É razoável supor, por exemplo, que o fim de uma guerra longa e terrível como são todas as guerras, tenha levado líderes e populações das nações envolvidas a um grau de felicidade praticamente impossível de se descrever. Da mesma forma, ao fim de um longo dia de trabalho com resultados positivos e compensadores, uma pessoa recolha-se à sua residência com a sensação de que viveu um momento de sua existência que ela poderia classificar de feliz.

O que perturba a procura pela felicidade – deixando de importar que tipo de felicidade seja – é a incessante busca do ser humano contemporâneo pela realização de desejos personalistas, numa demonstração de competitividade egoísta. Por que isso acontece? Uma resposta poderia ser a própria situação do mundo em que vivemos. Todos nós somos espectadores de acontecimentos trágicos gerados pela violência, pela corrupção, pelo terrorismo. Os dramas do mundo são despejados sobre todos nós em tempo real seja pela televisão, pelo jornal, pelo rádio ou pela internet. Como é impossível mudar o mundo de uma única vez, as pessoas sentem-se impotentes diante de tantas atrocidades – mesmo que procurem fazer sua parte para modificar tal situação -, procurando compensações ou fugas nas variadas diversões e na constante aquisição dos bens de consumo que, muitas vezes, são desnecessários. Resumindo, Antônio: vivemos uma época de incertezas, de angústias claramente visíveis ou veladas, de sensações conflitantes que fazem o ser humano buscar caminhos

que o libertem e o façam sentir-se merecedor da sua cota de felicidade.

– É verdade, Samuel, as incertezas estão por todo lado mas tudo isto teve um começo e haverá de ter um fim. Creio que é necessário repensar a maneira como vivemos, como educamos nossos filhos, como nos posicionamos diante de tudo aquilo que nos foi ensinado ou imposto, a começar pela própria compreensão do que seja uma família e de como ela se posiciona diante da vida. É no território familiar que grandes males podem ser superados pelos filhos e também pelos pais.

– Antônio, minha experiência como geriatra talvez possa ajudar as pessoas a pensarem quando lerem o seu ensaio. Veja: quando os filhos deixam o lar para viverem suas próprias vidas, os pais geralmente entram em depressão porque transferiram para seus filhos todas as energias de suas vidas e, subitamente, quando sentem que a missão está encerrada – porque seus filhos já caminham sozinhos – ficam completamente perdidos com seu lar vazio.

Pode ser até que a situação financeira ou patrimonial desses pais seja invejável mas sempre que os filhos deixam a casa, mesmo que eles disfarcem e deixem de admitir isso, os pais temem as perspectivas do porvir pois este transforma-se em verdadeiro limbo. Esta situação é facilmente percebida mesmo naquelas famílias que podemos classificar de saudáveis e centradas em seus objetivos de vida. Há exceções, naturalmente, mas na grande maioria das famílias sempre haverá um de seus membro tentando superar o vazio existencial que representa a ausência dos filhos por meio de recursos como o álcool ou as drogas. É uma maneira que esta

pessoa encontra para amenizar suas carências mas, certamente, é também um perigo que pode levar a doenças sérias.

– Samuel, existem em torno de dezoito milhões de alcoólatras no Brasil, sem falar nos dominados por outros tipos de drogas. Cada alcoólatra afeta diretamente um mínimo de dez pessoas do seu círculo familiar ou de amizade. Isto significa que expressiva parcela da população padece dos efeitos nocivos do álcool. O alcoolismo é uma doença crônica e progressiva. Se quisermos realmente que nossa população melhore sua qualidade de vida é preciso que toda a sociedade se irmane e se empenhe para enfrentar os efeitos nocivos desta verdadeira praga que nos aflige.

Veja a miopia das autoridades para enfrentar a violência das nossas grandes cidades. Combatem os traficantes de drogas pesadas acreditando que livrar-se deles é a solução da violência mas isso é um equívoco e uma visão inócua do problema. É óbvio que a base de sustentação do tráfico de drogas é o usuário. É preciso prestar atenção na origem e nos motivos que levaram o usuário de drogas pesadas a ser o que é. Geralmente, há uma sutil conexão entre as drogas pesadas e as consentidas, como as bebidas alcoólicas que geram situações dramáticas percebidas nas estatísticas dos acidentes de trânsito e nas tragédias familiares.

Está constatado, no Brasil assim como no mundo todo, que é impossível acabar com o pernicioso circuito das drogas, sejam elas do tipo que for. Mas é sempre possível reduzir a impressionante quantidade de usuários das drogas pesadas, incluindo o álcool, por meio da conscientização das famílias e da sociedade como um todo a partir de campanhas do poder público. Inexistem no país campanhas incisivas veiculadas pelos meios de comunicação e

gerenciadas pelo poder público e o motivo dessa ausência você sabe perfeitamente bem qual é, Samuel.

– Com certeza, Antônio. O poder público precisa dos bilhões arrecadados com os impostos pagos pelas fábricas de cigarros e bebidas alcoólicas. O governo arrecada bilhões todos os anos mas, por outro lado, gasta o triplo para cuidar dos doentes que ele ajudou a colocar nos minguados leitos hospitalares da rede pública de saúde. Só para você ter uma ideia do que isso significa, o alcoolismo é a doença número um no registro das internações hospitalares no Brasil.

– Na verdade, Samuel, estamos sempre pesando as coisas que acontecem em nossas vidas em termos de custo e benefício de nossos atos. Você, que é médico, receita para seus pacientes medicamentos que - espera-se - irão resolver o problema deles. Estes pacientes aviam as receitas e tomam os remédios recomendados. Este é o circuito, digamos, normal da relação médico/paciente. Já os usuários de drogas também são pessoas doentes que, por ignorância ou por descuido da sociedade, deixaram de receber a atenção devida no tempo oportuno. Se suas carências tivessem sido supridas no tempo adequado, provavelmente seriam hoje cidadãos normalmente integrados ao ambiente social. Por mais absurdo que possa parecer, para o usuário o benefício das drogas para amenizar seus sofrimentos e suas carências é maior do que o custo.

– A verdade, Antônio, é que nós ainda desconhecemos o melhor caminho para levar a satisfação necessária ao ser humano de tal forma que se tornasse desnecessário o uso de qualquer substância para aliviar as tensões da vida. O desconhecimento do significado da vida de cada um de nós faz com que, a exemplo dos experimentos

científicos, utilizemos um protocolo de tentativa de acerto ou erro. A razão baseada na Ciência sugere uma receita que teria boas influências para o bem-viver e que poderia ser expressa da seguinte maneira:

06:00: acordar, orar e e praticar exercícios físicos

06:40: higiene pessoal

07:00: café da manhã

08:00: inicio da jornada de trabalho ou estudo

10:30: intervalo para atividades de lazer

10:45: continuação da jornada de trabalho ou estudo

12:00: almoço e sesta, com agradecimentos a Deus

14:00: jornada de trabalho

16:00: intervalo para relax

16:15: continuação jornada de trabalho ou estudo

18:00: retorno à residência

19:00: higiene pessoal

19:30: jantar ou lanche com toda a família

20:00: lazer, de preferência com toda a família

22:00: orar e dormir

– Samuel, aparentemente esta sua receita no rumo à boa qualidade de vida pode ser monótona e até impossível de ser seguida, tendo em vista as variantes que perturbam o nosso cotidiano e quase sempre impedem que nossos planos sejam seguidos à risca. De qualquer maneira, considero que sua receita pode ser adaptada pelas pessoas de acordo com o ambiente em que vivem. O que importa é que sua receita contém a estrutura de um cotidiano que pode nos levar a uma condição de bem-estar bastante significativa para a melhoria da nossa qualidade de vida.

– O que eu pretendi ao esboçar esta rotina, Antônio, foi chamar a atenção para os cuidados com o corpo e com o espírito na execução das tarefas cotidianas e também para mostrar como é possível usar bem o tempo de que dispomos para nos dedicarmos ao nosso próximo. Veja: a cada dia temos 24 horas à nossa disposição que, teoricamente, podem ser divididos assim:

Sete horas de sono – sobram dezessete horas

Oito horas de trabalho – sobram nove horas

Uma hora no trânsito – sobram oito horas

Uma hora para as refeições – sobram sete horas

Uma hora para exercício – sobram seis horas

Uma hora para higiene pessoal – sobram cinco horas

Uma hora de lazer ou descanso – sobram quatro horas

Quatro horas todo dia para a convivência com a família, práticas espirituais e lazer.

Nos fins de semana, as pessoas, aliviadas da carga de trabalho, poderiam participar de encontros comunitários visitar amigos, levar donativos para um orfanato e/ou asilo ou realizar tantas e diversas atividades que as façam conviver com outras pessoas, participando de suas vidas e permitindo a salutar interação comunitária. Na verdade, achamos que nos falta tempo para as atividades porque o desperdiçamos em coisas inúteis. Nós temos tudo para usufruirmos de uma vida de qualidade satisfatória. Basta fazermos a escolha certa.

# Conclusão

---

Chego ao final desta jornada reunindo todos os amigos que, por meio de conversas variadas, contribuíram de modo decisivo para que eu pudesse elaborar minhas ideias sobre tantos e tão variados temas. Permiti-me trocar com esses amigos algumas considerações finais:

– Reuni vocês aqui hoje, eu disse, para agradecer a valiosa colaboração que prestaram a meu ensaio. Chegamos ao fim mas, certamente, nunca se chega ao final das grandes dúvidas e dos inquietantes temas que a Vida sempre nos apresenta a cada vez que acordamos para um novo dia. Este, afinal de contas, é o propósito do ser humano – acordar para realizar suas tarefas diárias mas, também, para questionar a si mesmo e ao seu semelhante, discutir as situações que se apresentam no cotidiano, interpretar as leis sob nova ótica, duvidar das verdades estabelecidas e das crenças arraigadas na tradição da nossa história. Espero que todos vocês tenham recebido o rascunho que eu lhes enviei do ensaio.

– A primeira coisa a fazer é dar nome certo aos bois. O que você está terminando é um livro e ponto final, disse Aninha.

– Você tem razão, Aninha. Comecei a escrever um roteiro para as minhas palestras e o texto acabou se transformando neste trabalho que podemos classificar como livro.

– Será este mais um livro de auto ajuda? perguntou Miguel.

– Este livro precisa ser classificado como livro de **ajuda** porque a auto-ajuda são conselhos para o aprimoramento individual. Para conseguir esta melhora é desnecessário a ajuda externa. Já em nosso livro a melhoria só pode acontecer por meio dos relacionamentos com o nosso próximo, amando-o.

– Achei brilhante esta separação porque a auto-ajuda pode ser um instrumento para tornar as pessoas mais egoístas do que elas já são, disse Laura.

– Cada um de vocês esteja livre para tecer os comentários que achar em convenientes.

– Descobrimos que a missão de nossa vida é servir ao próximo para atingir o nosso objetivo final de nossa existência que é a prática do amor, disse Amélia.

– A definição de Deus como É foi fundamental para melhor compreensão do Todo Poderoso, acrescentou Val. Ele está permanentemente conosco, até mesmo antes de nossa concepção via espermatozóide/óvulo. Já existíamos para Ele, no potencial de nossos pais biológicos, disse George.

– George, esta concepção da existência antes de nosso nascimento é inédita mas concordo com você, disse Josi.

– A definição do presente como sendo a eternidade abre novos horizontes, disse João. Ao dispensar a ilusão do futuro nós poderemos concentrar nossas energias no presente da vida.

– Gostei muito quando você, Antônio, enfatiza o amor de Deus para conosco, afugentando o Deus-temor. Só podemos amar aquilo que conhecemos, No caso de Deus, nós amamos, respeitamos e adoramos, disse Artur.

– A sua experiência pessoal quando você esteve em coma é deveras interessante. Pode nos adiantar algo mais? perguntou João.

– Sim, claro. Até hoje, passado tanto tempo, as lembranças ainda me intrigam. Quando recorro daquele acontecimento, sinto um certo desconforto íntimo, como se tivesse violando uma regra ou coisa semelhante. Como se esta passagem fosse um segredo inviolável. De qualquer maneira, quando você saí de um coma a vida tem outro significado. Vemos as coisas com mais clareza e pragmatismo.

– O seu exemplo na recuperação da doença do alcoolismo já diz tudo com relação à prática do amor. Sei que Alcoólicos Anônimos é o melhor meio para o tratamento da doença do alcoolismo mas você esqueceu de mencionar também a Irmandade paralela dos ALANON, que cuida do tratamento dos familiares dos alcoólicos, informou Amélia.

– Tem razão, Amélia. Se porventura o leitor deste livro tiver alguém conhecido que padece desta terrível doença, os AA podem ser encontrados nas Listas telefônicas das principais cidades. Garanto que eles ficarão felizes em ajudar qualquer um que precisar, assim como a encontrar os grupos familiares ALANON.

– A facilidade para praticar o amor eu entendi assim, disse João. Você vê qualquer pessoa como imagem e semelhança de Deus. Ficou claro que semelhança é diferente de igualdade. Ou seja, você enxerga nela o próprio Deus. Estende cortesia a essa pessoa por meio do cumprimento (bom dia como vai você?), escuta o que ela tem a dizer com simpatia, é bondoso, prestativo, humilde e compassivo.

– Em suma, João, basta tratar as pessoas como você gostaria de ser tratado.

– Compreendi também, disse Artur, que se quisermos viver a felicidade vamos viver em suaves prestações de momentos variados, enquanto se quisermos a satisfação, aquela sensação permanente que só o amar pode proporcionar, devemos estar atentos no serviço ao próximo.

– Em suma, a satisfação agrega valores humanitários. Qualquer trabalho bem executado, por exemplo, permite-nos viver em plenitude, disse Aninha.

– Um dos atributos grandiosos de Deus é ser criador e nós somos os únicos que temos o mesmo atributo, disse George.

– Isto precisa ser valorizado na educação de nossas crianças: o amor infinito de Deus;

– O texto que trata da política, disse Renato, mostra que somente a democracia, mesmo imperfeita, tem demonstrado ser o sistema menos pior, embora haja uma tendência para os regimes econômicos, sobressaindo-se o capitalismo com todos os pecados da globalização. Para onde for, o capitalismo arrastará o regime político, ou seja, a política está refém da economia.

– Precisamos equidade, disse Josi, mais do que de política. A sociedade é composta de pequenos núcleos, a começar da família. Portanto, se queremos novos tempos precisamos começar do micro para o macro e o principal elemento deve ser, sempre, o amor.

– Com relação às religiões, se elas quiserem realmente seguir Jesus, precisam fazer o que Ele diz: “Vinde, pois, a mim, vós todos que estão aflitos sob o fardo e eu vós aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina porque eu sou humilde e manso de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve”, disse Edyr.

– Quando Jesus anunciou o segundo mandamento - amarás teu próximo como a ti mesmo – ele completou: “Nesses dois mandamentos (o primeiro é o amor a Deus) resumem toda a lei e os profetas”. Passaram-se dois milênios e fomos imperfeitos para praticá-los. Vamos ver se agora no Terceiro Milênio, nós criamos juízo e vamos nos comportar amorosamente, disse Amélia.

– Você Antônio, disse Renato, quando criou o amor funcional fez um gol de placa, parabéns.

– Na verdade, Renato, já conhecemos os valores positivos para alcançar uma vida em plenitude: Justiça, paz, fraternidade e solidariedade, ética e moral, Espiritualidade – tudo que é bom se resume no amor funcional.

– Precisamos conjugar as emoções com o tempo, disse Laura. Para que o ser humano possa humildemente usufruir dos benefícios das emoções o fator tempo tem que ser levado em conta. Estamos transformando nossa vida numa grande emergência. Veja: sinto uma emoção que é traduzida em desejo e este desejo tem de ser realizado agora. Como isto deixa de acontecer, sentimo-nos frustrados e infelizes. Se vivermos somente o dia de hoje, esquecendo as ilusões do passado e do futuro seremos muito mais realistas. Viver é a arte e a ciência do possível. Se praticarmos o amor cotidianamente veremos nossa satisfação aumentar cada vez mais.

– Acho que completamos nossa revisão, concordam?

– Está faltando o título do livro, disse João. Sugiro “Caia na Real”

– O livro abordou assuntos inéditos mas muita coisa, já conhecida. Sugiro “O Óbvio Ululante”, disse Márcio.

– “Amigo, caia na real”. O que vocês acham? perguntou Aninha.

- Achei bom, vamos colocar em votação.
- Retiro minha sugestão, disse Márcio, fico com a Aninha.
- Pois muito bem. O título será, então, “Amigo, Caia na Real”, arrematei.
- Mas sugiro um sub-título: “A Prática do Amor Funcional”, disse Samuel.
- Vejo que esta sugestão recebeu apoio geral. Então, que seja.
- Mais uma coisa, interveio Renato. Notei que neste livro você deixou de empregar uma palavra deveras importante que significa negação, aquela palavra de três letrinhas que as namoradas gostam de usar quando ouvem a pergunta: “posso de beijar?” Resposta delas: ..., de jeito nenhum.
- Você, Antonio, evitou usar esta palavra negativa de propósito?
- Sim. foi proposital. Esta palavra, dizem os neurolinguísticos, é neutra para o subconsciente porque o cérebro só age mediante certos comandos e esta palavrinha, para o cérebro, é inoperante.
- Então, este é o primeiro livro positivo da história da humanidade. Concordam? perguntou Amélia,
- É verdade. Creio que demandou um certo esforço porque a dita palavrinha é empregada muitas vezes nos livros e no nosso cotidiano, disse Aninha.
- Bom pessoal, tem hora que falta-nos palavras para agradecer. Levanto meus olhos e peço a Deus que derrame sobre vocês todas as graças que vocês merecem. Muito, muito obrigado mesmo, e até a próxima.

A sala agora, está vazia.

Existe um silêncio ensurdecedor.

Coloco uma música suave.

Fecho os olhos, vislumbro um horizonte longínquo.

Sinto um frio na barriga.

Estou em paz.

Missão cumprida?

E agora?

– Parabéns, Antônio, você cumpriu bem a sua missão.

– JESUS ..!!!

Copyright © 2012 by Walter A. Coutinho

ISBN: 978-85-8245-003-1

Arquivo ePub: [Simplíssimo Livros](#)